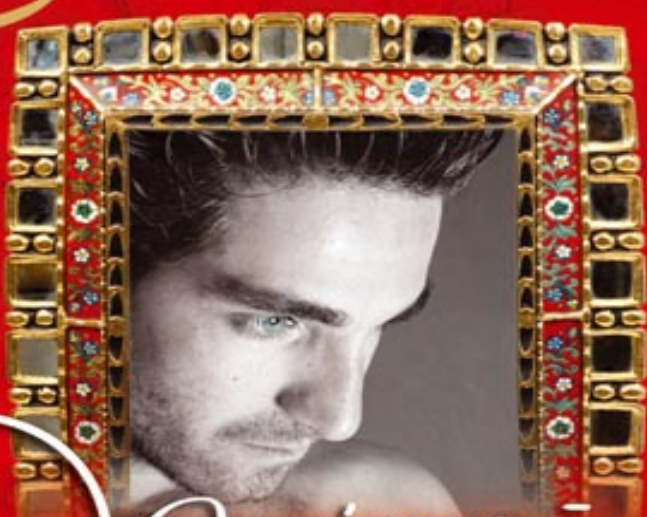


ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Nora Roberts



Os irmãos
Stanislaski
Um Amor a Conquistar ~ MIKHAIL ~



HARLEQUIN
BOOKS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Nora Roberts

UM AMOR A CONQUISTAR —
MIKHAIL

Os Irmãos Stanislaski — Volume I



Título original: *Um amor a conquistar*
Copyright © 1991 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2008 por Editora HR Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R549a

Robert, Nora, 1950-
Um amor a conquistar [recurso eletrônico] / Nora Roberts; tradução de Maria de Fátima Oliva do Coutto. Rio de Janeiro: HR, 2008.
recurso digital

Tradução de: Luring a lady
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7687-517-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Coutto, Maria de Fátima Oliva Do. II. Título.

08-0074

CDD: 813

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
www.harlequinbooks.com.br

*Para meu sobrinho Kenni,
meu segundo carpinteiro favorito*

Caros leitores,

Embora as histórias de Natasha, Mikhail, Rachel e Alex tenham sido originalmente escritas nessa ordem, estou encantada em publicá-las em duas sequências diferenciadas, cada qual sob os títulos *Os Irmãos Stanislaski* e *As Irmãs Stanislaski*.

Mikhail e Alex são dois irmãos totalmente diferentes: um, temperamental e orgulhoso, o outro, um irresistível sedutor. Mas ambos têm um forte senso de família e o tipo de laço de amizade que só o convívio num lar onde reinem o amor e o carinho pode trazer.

Em *Um amor a conquistar*, Mikhail, um artista plástico de sucesso, irrompe na vida da jovem empresária Sydney Hayward procurando um vilão e descobre uma beleza fria que ele almeja possuir.

Espero que se divirtam lendo esta história. Em seguida, aguardem *Um amor a despertar*, próximo volume de *Os irmãos Stanislaski*, quando é a vez de Alex, um policial, ser encantado — e seduzido — ao se tornar o objeto da afeição da corajosa e linda Bess McNee, uma escritora de telenovelas que circula pelo submundo do crime sob o disfarce de loura misteriosa.

Para completar a saga dessa apaixonante família, também serão lançados dois volumes de *As Irmãs Stanislaski* com as histórias de Natasha e Rachel. Em *Um amor a domar*, a ex-bailarina Natasha e o músico Spencer Kimball vivem um romance arrebatador... e em *Um amor a defender*, a advogada Rachel e Zack Muldoon tentam salvar um adolescente de um destino trágico... e acabam se apaixonando perdidamente.

Um abraço,



PRÓLOGO

O playground era só barulho, drama e política. Mesmo aos 8 anos de idade, Mikhail entendia de política. Afinal, estava nos Estados Unidos havia quase dois anos.

Não mais esperava ver o pai ser arrastado à força ou acordar uma manhã na Ucrânia, achando que a fuga para a Hungria, de lá seguindo para a Áustria e finalmente para Nova York, não passara de um sonho.

Morava no Brooklyn e isso era ótimo. Era americano e isso era melhor ainda. Ele, a irmã mais velha e o irmãozinho iam à escola e falavam inglês. A maior parte do tempo. A irmã caçula nascera ali e jamais saberia o que era tremer de frio escondida num vagão, esperando serem descobertos.

Ou esperando a liberdade.

Havia ocasiões em que não pensava em nada disso. Gostava de acordar de manhã e ver, pela janela do quarto, as pequeninas casas, tão parecidas com a deles. Gostava de sentir o cheiro do café-da-manhã preparado pela mãe na cozinha e de ouvi-la murmurando baixinho enquanto o pai falava alto ao se arrumar para o trabalho.

O pai trabalhava muito e às vezes chegava em casa de noite, cansado, mas tinha um sorriso nos olhos e as rugas estavam sumindo.

E à noite tinham comida quente e risadas em volta da mesa de jantar.

A escola não era tão ruim e estava acompanhando, embora os professores dissessem que ele sonhava acordado com muita frequência.

— As meninas estão pulando corda. — Alex, o irmão mais novo de Mikhail, sentou de repente a seu lado.

Ambos tinham cabelos escuros, olhos castanho-dourados e rostos angulosos que fariam com que as mulheres desmaiassem a seus pés em apenas mais alguns anos. Agora, é claro, meninas eram algo a ser ignorado. A não ser que pertencessem à família.

— Natasha — disse Alex, com evidente orgulho pela irmã mais velha — é a melhor.

— Ela é uma Stanislaski.

Alex tomou conhecimento do comentário com um dar de ombros. Isso era óbvio. Os olhos percorreram o playground. Gostava de ver como as pessoas se comportavam, o que faziam e o que não faziam. Seu casaco, um pouco largo demais enquanto o do irmão era um pouco apertado demais, estava aberto apesar do refrescante vento de março.

Alex fez sinal para dois meninos no fundo do pátio.

— Depois da escola, precisamos dar uma surra em Will e Charlie Braunstein.

Mikhail comprimiu os lábios, coçou debaixo das costelas.

— Tudo bem. Por quê?

— Porque Will disse que somos espiões russos e Charlie riu como um porco. Então...

— Então... — concordou Mikhail. E os irmãos se entreolharam e deram um sorrisinho forçado.

Chegariam da escola atrasados, o que provavelmente representaria um castigo. As calças de Mikhail estavam rasgadas no joelho e o lábio de Alex aberto — isso, sem dúvida, significaria um sermão.

Mas valera a pena. Os irmãos Stanislaski saíram vitoriosos da luta. Caminharam pela calçada, abraçados, carregando as pastas de livros enquanto recapitulavam o combate.

— Charlie tem um soco e tanto — disse Mikhail. — Se brigar de novo com ele, você precisa ser rápido. Os braços dele são mais compridos que os seus.

— Mas ele ficou com o olho roxo — observou Alex, satisfeito.

— Sim — Mikhail encheu-se de orgulho dos feitos do irmão caçula. — Isso é bom. Quando formos para a escola amanhã, a gente... Ops!

Calou-se e o destemido guerreiro tremeu.

Nadia Stanislaski estava na porta da varanda, do lado de fora da casa, com as mãos nos quadris. Apesar de estarem a uma distância de meia quadra, sabiam que seu olho de águia já vira o rasgão nas calças.

— Agora estamos com tudo — resmungou Alex.

— Ainda não.

— Não, quero dizer... com um problema. — Alex deu seu mais bonito sorriso, mesmo que isso lhe doesse o lábio. Mas os olhos de Nadia estreitaram-se.

Ela plantou-se na calçada como um pistoleiro pronto a disparar.

— Vocês brigaram de novo?

Por ser o mais velho, Mikhail parou na frente do irmão.

— Só um pouco.

Os olhos severos os examinaram de cima a baixo, avaliando o estrago.

— Vocês brigaram entre si de novo?

— Não, mamãe — Alex lançou-lhe um olhar esperançoso. — Will Braunstein disse...

— Não quero saber o que Will Braunstein disse. Por acaso sou a mãe de Will Braunstein?

Ao ouvir o tom da voz, os dois meninos abaixaram a cabeça e murmuraram:

— Não, mamãe.

— De quem eu sou mãe?

Os dois suspiraram. Profundamente.

— Nossa mãe.

— Então, é isso que faço quando meus filhos me deixam preocupada ou chegam tarde da escola e brigam como arruaceiros. — Aprendera esta palavra

com a vizinha, Grace MacNamara. E, sentimental, julgou ser apropriada para os filhos. Eles gemeram quando ela pegou cada um pela orelha.

Antes que pudesse arrastá-los até chegar em casa, ouviu um chacoalhar que só podia vir da caminhonete usada de seu marido, Yuri.

Ele estacionou no meio-fio e levantou as sobrancelhas ao ver a mulher segurando os dois filhos pelas orelhas.

— O que eles fizeram?

— Brigaram com os Braunstein. Vamos entrar, telefonar para a Sra. Braunstein e pedir desculpas.

— Ai! Ui! — O protesto de Mikhail transformou-se num ruído abafado quando Nadia torceu-lhe com habilidade o lóbulo da orelha.

— Isso pode esperar, não é? Tenho algo — Yuri saltou da caminhonete e mostrou um pequeno filhote cinza. — Este é Sasha, seu novo irmão.

Os dois meninos gritaram encantados e, soltos, lançaram-se em direção ao cachorrinho. Sasha respondeu com lambidas, mordidas e contorções até Yuri colocá-lo nos braços de Mikhail.

— Você, Alex, Tasha e Rachel vão tomar conta dele. Não sua mãe — disse quando Nadia revirou os olhos. — Entendido?

— Vamos cuidar bem dele, papai. Deixa eu segurar ele, Mik! — pediu Alex, e tentou afastar o irmão com o cotovelo.

— Sou o mais velho. Eu seguro primeiro.

— Todo mundo vai segurá-lo. Ande. Vá mostrá-lo a suas irmãs — Yuri sacudiu as mãos. Antes de se afastarem, os dois meninos o abraçaram.

— Obrigado, papai — Mikhail virou-se para beijar a bochecha da mãe. — Vamos ligar para a Sra. Braunstein, mamãe.

— Com certeza. — Nadia balançou a cabeça quando eles correram para casa, chamando as irmãs. — Arruaceiros — disse, saboreando a palavra.

— Meninos são assim mesmo. — Yuri suspendeu-a no colo e deu uma risada profunda e demorada. — Somos uma família americana. — Ele a

colocou no chão, mas manteve o braço em torno de sua cintura ao se encaminharem para casa. — O que tem para jantar?

CAPÍTULO UM

Não era uma mulher paciente. Atrasos e desculpas eram raramente tolerados e nunca de bom grado. Esperar — e estava esperando agora — fazia seu humor esfriar lentamente até transformar-se em gelo. A raiva glacial de Sydney Hayward era bem mais perigosa do que a raiva explosiva. Um olhar congelado e uma frase petrificada podiam fazer o alvo de sua ira tremer. E ela sabia disso.

Percorria de um lado a outro o tapete bege-escuro do novo escritório, no décimo andar do centro de Manhattan. Tudo perfeitamente organizado: papéis, arquivos, agendas de telefone e de anotações em seus devidos lugares. Mesmo a escrivaninha de metal estava perfeitamente arrumada: canetas e lápis alinhados sobre o mogno envernizado, os blocos de nota cuidadosamente colocados ao lado do telefone.

Sua aparência espelhava a precisão meticulosa, a elegância e o bom gosto do escritório. Seu conjunto bege de corte reto, impecável e formal, não escondia o belo par de pernas caminhando pelo tapete. Para completar, um conjunto de brincos e colar de pérolas de uma volta e um pequeno relógio de ouro, tudo muito discreto e sofisticado. Como uma Hayward, tinha sido educada para ser ambas as coisas.

O cabelo ruivo, preso com uma fivela dourada, deixava a nuca exposta. As sardas, combinando com o cabelo, eram quase invisíveis debaixo da leve camada de maquilagem. Sydney achava que as sardas a faziam parecer muito jovem e vulnerável. Aos 28 anos, o rosto era reflexo de sua origem. Maças do rosto grandes e salientes, queixo forte e ligeiramente pontudo, nariz pequeno e reto. Um rosto aristocrático, pálido como porcelana; uma boca delicada, que sabia demonstrar aborrecimento com facilidade, e grandes olhos azul-acinzentados que, com frequência, as pessoas tomavam por ingênuos.

Sydney voltou a olhar o relógio, deixou escapar um suspiro de irritação e caminhou até a escrivaninha. Antes que pudesse pegar o telefone, o interfone tocou.

— Sim.

— Srta. Hayward, um homem insiste em ver a pessoa responsável pelo projeto do *Soho*. E a sua reunião das 16 h...

— Já são 16 h 15 — cortou-a, a voz baixa, macia e determinada. — Mande-o entrar.

— Sim senhora, mas não é o Sr. Howington.

Então Howington mandara um subalterno. O aborrecimento fez o queixo de Sydney erguer-se mais um pouco.

— Mande-o entrar — repetiu, e desligou o interfone com o dedo de unha pintada de rosa. Então eles achavam que um executivo júnior seria capaz de acalmá-la. Sydney respirou fundo e preparou-se para matar o mensageiro.

Anos de treinamento evitaram que ficasse boquiaberta quando o homem entrou. Não, entrou não, corrigiu-se. Irrompeu. Como um pirata com um tapa-olho preto saltando no convés de um navio ancorado.

Ela só desejava ter tido a perspicácia de disparar um tiro de advertência como saudação.

O choque inicial nada tinha a ver com o fato de ele ser incrivelmente bonito, embora o adjetivo lhe caísse com perfeição. Uma cabeleira preta, farta e encaracolada descia logo abaixo da nuca, presa com uma faixa de couro num rabo-de-cavalo curto que não comprometia em nada a exuberante masculinidade. O rosto era magro e fino, a pele da cor de uma moeda de ouro antiga. Olhos puxados, quase tão negros quanto o cabelo. Os lábios carnudos, com uma sombra de barba por fazer de um ou dois dias, davam-lhe uma aparência bruta e perigosa.

Embora medisse menos de 1,80 m, o corpo era esbelto e fazia com que o escritório delicadamente mobiliado parecesse uma casa de bonecas.

O pior era o fato de estar usando roupas grosserias. Calça jeans empoeirada, camiseta e um par de botas gastas, deixando um rastro de sujeira no tapete claro. Eles não tinham se dado nem ao trabalho de mandar um executivo júnior, pensou quando os lábios firmaram-se, e sins um simples trabalhador que não tivera o bom senso de se limpar antes da entrevista.

— Você é Hayward? — O tom de insolência e o leve traço de sotaque eslavo a fez imaginá-lo cavalgando nas imediações de uma fogueira com um chicote preso no cinto.

A névoa romântica da imagem tornou sua entonação de voz desnecessariamente áspera.

— Sou e o senhor está atrasado.

Os olhos estreitaram-se ligeiramente enquanto se observavam por cima da mesa.

— Estou?

— Sim. Talvez julgasse conveniente usar um relógio. Meu tempo vale ouro. Se o seu não vale, senhor...

— Stanislaski. — Ele prendeu os polegares nas presilhas do jeans, apoiando o peso com facilidade, de forma arrogante, em uma das pernas. — Sydney é um nome masculino.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Obviamente, o senhor se enganou.

Ele deslizou o olhar sobre ela devagar, com tanto interesse quanto contrariedade. Era bonita como um bolo confeitado e frio, mas ele não tinha vindo direto do trabalho, suado, para perder tempo com uma mulher.

— É óbvio. Pensei que Hayward fosse um senhor idoso, careca e com bigode branco.

— O senhor está descrevendo meu avô.

— Ah, então é seu avô quem quero encontrar.

— Isso não será possível, Sr. Stanislaski, pois meu avô faleceu há quase dois meses.

A arrogância nos olhos dele transformou-se rapidamente em compaixão.

— Lamento. Dói muito perder alguém da família.

Não podia dizer por quê, mas de todas as condolências recebidas, estas poucas palavras de um estranho a emocionaram.

— Sim. Dói muito. Agora, se quiser se sentar, podemos tratar dos negócios.

Fria, insensível e distante como a lua. Melhor assim, pensou. Isso o ajudaria a não pensar nela em termos pessoais — pelo menos até conseguir o que queria.

— Mandei cartas a seu avô — começou a dizer ao se sentar em uma das elegantes cadeiras vitorianas defronte da mesa. — Talvez as últimas tenham se perdido no meio da confusão do falecimento.

Uma estranha maneira de se expressar, pensou Sydney, mas adequada. Sua vida virara, com certeza, de pernas para o ar nos últimos meses.

— A correspondência deveria ser endereçada a mim. — Sentou-se, dobrando as mãos em cima da mesa. — Como sabe, a Hayward Enterprises está considerando várias empresas para...

— Para o quê?

Ela tentou evitar o tremor de irritação por ser interrompida.

— Desculpe?

— Estão considerando várias firmas para quê?

Se ela estivesse sozinha, soltaria um suspiro e fecharia os olhos. Em vez disso, tamborilou os dedos na mesa.

— Que cargo o senhor ocupa, Sr. Stanislaski?

— Cargo?

— Sim, isso mesmo. O que o senhor faz?

A impaciência na voz o fez sorrir. Os dentes eram muito brancos e não muito alinhados.

— Você quer dizer, o que eu faço? Trabalho com madeira.

— É carpinteiro?

— Às vezes.

— Às vezes — repetiu e inclinou-se. As suas costas, prédios perfuravam o céu azul. — Talvez o senhor possa me dizer por que a Howington Construction enviou alguém que de vez em quando é carpinteiro para representá-los nesta entrevista.

O aposento cheirava a limão e a alecrim e só o fazia lembrar-se de como sentia calor, sede e de como estava impaciente.

— Eu poderia, se eles tivessem me mandado...

Ela levou um minuto para perceber que ele não estava sendo deliberadamente obtuso.

— Você não é da Howington?

— Não. Sou Mikhail Stanislaski e moro em um de seus prédios. — Apoiou a bota suja no joelho empoeirado. — Se está pensando em contratar a Howington, eu pensaria duas vezes. Uma vez trabalhei para eles, mas eles usam material de segunda.

— Desculpe. — Sydney deu um golpe no interfone. — Janine, o Sr. Stanislaski disse ser o representante da Howington?

— Não senhora. Ele apenas pediu para vê-la. Howington ligou há uns dez minutos para remarcar a reunião. Se a senhora...

— Deixa pra lá. — Voltando a sentar-se, observou o homem que lhe sorria. — Aparentemente venho conduzindo a reunião baseada numa premissa falsa.

— Se quer dizer que cometeu um erro, é isso mesmo. Estou aqui para falar sobre o prédio de apartamentos no Soho.

Ela queria, muito, ajeitar o cabelo.

— O senhor está aqui para fazer uma queixa como inquilino.

— Estou aqui com muitas queixas de inquilinos — corrigiu-a.

— Deve ter conhecimento da existência de certo procedimento a ser tomado neste tipo de assunto.

Ele levantou uma sobrancelha negra.

— Você é dona do prédio, não é?

— Sou, mas...

— Então é sua responsabilidade.

Ela ficou tensa.

— Estou perfeitamente ciente de minhas responsabilidades, Sr. Stanislaski.
E agora...

Eles se levantaram ao mesmo tempo, mas ele não se moveu um centímetro sequer.

— Seu avô fez promessas. Para honrá-lo, você deve mantê-las.

— O que eu devo fazer — disse numa voz glacial — é problema meu. — E ela estava tentando desesperadamente aprender como. — Deve dizer aos outros inquilinos que a Hayward está prestes a contratar uma empreiteira, pois estamos cientes de que muitas de nossas propriedades necessitam de reparos e reformas. Oportunamente, chegará a vez dos apartamentos no Soho.

A expressão do rosto dele não se alterou diante da dispensa, nem o tom da voz ou as pernas afastadas e os pés plantados na mesma postura.

— Estamos cansados de esperar pela nossa vez. Queremos o que nos foi prometido, agora.

— Se mandarem a lista das reivindicações...

— Já fizemos isso.

Ela trincou os dentes.

— Então vou dar uma olhada nos arquivos hoje à tarde.

— Arquivos não são pessoas. Você recebe o aluguel todo mês, mas não pensa nas pessoas. — Colocou as mãos na mesa e inclinou-se para a frente. Sydney sentiu um vago odor de serragem e suor, desconfortavelmente atraente. — Já viu o prédio ou as pessoas que vivem nele?

— Tenho relatórios — retrucou.

— Relatórios. — Ele xingou numa língua que ela não compreendia, mas tinha certeza ser uma maldição. — Você tem seus contadores e seus advogados e fica sentada aqui no seu bonito escritório olhando os papéis. — Com um

rápido movimento da mão, mostrou o escritório a ela própria. — Mas não sabe de nada. Não é você quem sente frio quando o aquecimento não funciona ou precisa subir cinco lances de escada quando o elevador está quebrado. Você não se preocupa se a água não esquentou ou se a fiação é velha demais para oferecer segurança.

Ninguém falava com ela dessa maneira. Ninguém. A irritação acelerou as batidas do coração e a fez esquecer que estava enfrentando um homem muito perigoso.

— Está enganado. Estou muito preocupada com todas estas coisas. E pretendo corrigi-las assim que possível.

Os olhos dele brilharam e se estreitaram, como uma espada erguida e pronta a se abater.

— Já ouvimos esta promessa outras vezes.

— Agora sou eu quem estou prometendo e você não havia ouvido promessas de mim.

— E, supostamente, devemos confiar em você. Justo em você, tão preguiçosa ou medrosa que nem vai ver o que possui.

O rosto dela ficou pálido, o único sinal exterior de fúria.

— Já ouvi insultos suficientes por uma tarde, Sr. Stanislaski. Agora, deixe-me mostrar-lhe a saída ou vou chamar a segurança para ajudá-lo a encontrá-la.

— Conheço o caminho — disse, no mesmo tom seco. — Vou lhe dizer uma coisa, Srta. Sydney Hayward: ou começa a cumprir as promessas em dois dias ou vamos à imprensa e ao departamento de obras apresentar uma queixa.

Sydney esperou ele sair, com seu andar afetado, antes de voltar a se sentar. Lentamente, pegou uma folha de papel da gaveta e metodicamente a rasgou em pedacinhos. Olhou para as manchas deixadas pelas mãos grandes e largas na mesa reluzente e decidiu pegar outra folha. Mais calma, apertou o interfone.

— Janine, traga todo o material sobre o projeto Soho.

Uma hora depois, Sydney empurrou de lado os arquivos e deu dois telefonemas. O primeiro para cancelar o compromisso de jantar; o segundo, para Lloyd Bingham, o assessor executivo de seu avô — e agora seu.

— Você quase não me pega — disse Lloyd ao entrar o escritório de Sydney. — Estava de saída. O que posso fazer por você?

Sydney lançou-se um olhar rápido. Era um homem bonito e ambicioso, apreciador de ternos italianos e comida francesa. Sem ter chegado aos 40, já estava no segundo divórcio e gostava de sair com mulheres da sociedade atraídas pela aparência loura e elegante e maneiras educadas. Sydney sabia que ele dera muito duro e por muito tempo para chegar à atual posição na empresa e que assumira as rédeas durante a doença do avô dela no ano passado.

Também sabia o quanto ele se ressentia por ela ocupar o lugar que ele considerava seu.

— Para começar, pode explicar por que nada foi feito sobre os apartamentos no Soho?

— A unidade no Soho? — Lloyd pegou um cigarro de uma cigareira dourada fina. — Está na agenda. Está na agenda há quase 18 meses. A data da primeira carta assinada pelos inquilinos que consta no arquivo é de quase dois anos atrás e lista 27 queixas específicas. E você também poderá verificar no arquivo que algumas das solicitações foram atendidas. — Soltou uma fina baforada de fumaça ao sentar-se confortavelmente numa das poltronas.

— Algumas — repetiu Sydney. — Como o reparo na caldeira. Parece que os inquilinos acreditavam ser necessária uma nova caldeira.

Lloyd fez um gesto vago.

— Você é nova no jogo, Sydney. Vai descobrir que os inquilinos sempre querem coisas novas, melhores e cada vez mais.

— Pode ser. Entretanto, não me parece lucrativo em termos de custo e benefício consertar uma caldeira velha anos que quebrou de novo dois meses depois. — Levantou o dedo antes que ele pudesse falar. — Corrimões quebrados nas escadas, pintura descascada, aquecedor de água insuficiente,

elevador com defeito, ladrilhos rachados... — Ergueu o olhar. — Eu poderia prosseguir, mas não me parece necessário. Há um memorando aqui, do meu avô para você, solicitando que se encarregasse dos reparos e manutenção do prédio.

— O que providenciei — disse Lloyd, duro. — Você sabe muito bem que a saúde de seu avô deixou esta empresa de pernas para o ar durante o último ano. O conjunto de apartamentos é apenas um dos vários prédios de sua propriedade.

— Você tem toda razão. — A voz era baixa, mas nada cordial. — Também conheço nossa responsabilidade legal e moral em relação aos inquilinos, sejam eles moradores do prédio no Soho ou no do Central Park West. — Fechou a pasta, cruzou as mãos em cima, deixando claro, com o gesto, quem dava as ordens. — Não quero me indispor com você, Lloyd, mas quero que compreenda que resolvi cuidar dessa propriedade em particular.

— Por quê?

Ela ofereceu-lhe um sorrisinho.

— Não tenho absoluta certeza. Digamos que quero colocar a mão na massa e decidi transformar essa propriedade em meu projeto pessoal. Enquanto isso, gostaria que você estudasse os relatórios sobre as empreiteiras e me desse sugestões. — Entregou-lhe outra pasta. — Incluí uma lista das propriedades, em ordem de prioridade. Teremos uma reunião na sexta-feira, às 10 h, para concluir o assunto.

— Está bem. — Apagou o cigarro antes de se levantar. — Sydney, espero que não interprete como ofensa, mas uma mulher que passou a maior parte da vida viajando e comprando roupas não entende muito de negócios ou de aumentar lucros.

Ela interpretou como ofensa, mas preferia morrer a demonstrá-lo.

— Então é melhor que eu aprenda, não acha? Boa noite, Lloyd.

Só quando a porta fechou, ela olhou as mãos. Tremiam. Ele estava certo, absolutamente certo em apontar sua inabilidade. Mas ele não poderia saber o

quanto ela precisava se provar capaz, para dar continuidade ao negócio herdado do avô. Nem poderia saber como ela se sentia apavorada em desonrar o nome da família. Novamente.

Antes que pudesse mudar de ideia, guardou a pasta na maleta e deixou o escritório. Atravessou o largo corredor em tons pastel com suas aquarelas de bom gosto, fícus frondosos e grossas portas de vidro a isolar seu conjunto de escritórios. Pegou o elevador privativo até o vestíbulo, onde cumprimentou o guarda antes de sair.

O calor atingiu-a como um soco cerrado. Embora ainda fosse meados de junho, Nova York enfrentava uma terrível onda de calor com temperaturas e umidade subindo assustadoramente. Apenas atravessou a calçada para encontrar-se protegida no carro à sua espera, livre do calor sufocante e do barulho. Depois de dar ao motorista o endereço, recostou-se e seguiram para o Soho.

O trânsito estava horrível, engarrafado, congestionado. Melhor! Assim teria mais tempo para pensar. Não tinha certeza do que faria ao chegar lá. Nem tinha certeza do que faria se esbarrasse com Mikhail Stanislaski de novo.

Ele lhe deixara uma forte impressão, meditou. Aparência exótica, olhos ardentes, uma total falta de cortesia. A pior parte tinha sido o arquivo, que provou ter ele todo o direito de mostrar-se rude e impaciente. Ele escrevera carta após carta no último ano, sendo posto de lado com promessas vãs.

Talvez se o avô não tivesse se mostrado tão teimoso, insistindo em manter a doença longe pela mídia... Sydney esfregou um dedo na têmpora e desejou ter tomado umas duas aspirinas antes de deixar o escritório.

O que quer que houvesse acontecido antes não importava; agora ela estava no comando. Pretendia assumir sua herança e todas as responsabilidades pertinentes. Fechou os olhos e cochilou enquanto o motorista lutava para chegar ao local de destino.

Dentro do apartamento, Mikhail esculpia um pedaço de cerejeira. Não tinha certeza do motivo pelo qual continuava. O coração não estava no trabalho, mas achava mais produtivo ocupar as mãos.

Continuava pensando naquela mulher, Sydney. Puro gelo e orgulho, concluiu. O sangue teimava em se rebelar contra os aristocratas. Embora a família tivesse fugido para os Estados Unidos quando ele ainda era uma criança, não havia como negar sua herança. Os ancestrais eram ciganos na Ucrânia, de sangue quente, temperamento forte e pouco respeito às autoridades estabelecidas.

Mikhail se considerava americano — exceto quando lhe convinha ser russo.

Lascas de madeira caíam na mesa ou no chão. A maior parte do apertado espaço estava tomado pelo trabalho: blocos e placas de madeira, até mesmo um pedaço de tronco de carvalho, facas, cinzéis, martelos, furadeiras, compassos. No canto, um pequeno torno mecânico e jarros contendo pincéis. O aposento cheirava a óleo de linhaça, suor e serragem.

Mikhail deu um gole na cerveja e sentou-se para examinar a peça. Não estava pronta ainda, não era capaz de ver o que continha. Deixou os dedos deslizarem sobre a superfície, por cima da grã da madeira, dentro das ranhuras, enquanto o barulho do tráfego e da música, bem como gritos, subia através da janela aberta às suas costas.

Obtivera relativo sucesso nos últimos dois anos, o que lhe permitiria mudar-se para uma moradia maior e mais moderna. Mas gostava dali, daquela vizinhança barulhenta, da padaria na esquina, da atmosfera de bazar na Canal Street, a curta distância, das mulheres fofocando na entrada do prédio pela manhã, dos homens que ocupavam a portaria, à noite.

Não precisava de carpete nem de banheira de hidromassagem ou de uma cozinha grande e bem equipada. Tudo que queria era um teto que não vazasse, um chuveiro com água quente e um refrigerador que mantivesse a cerveja,

queijos e frios gelados. No momento, não tinha nada disso. E a Srta. Sydney Hayward ainda não o vira zangado.

Ergueu a cabeça ao ouvir três rápidas batidas na porta e sorriu quando a vizinha de corredor entrou porta adentro.

— O que houve?

Keely O'Brian bateu a porta, recostou-se dramaticamente contra ela e depois deu um salto.

— Consegui o papel! — Dando um grito, correu para a mesa e atirou os braços em volta do pescoço de Mikhail. — Consegui! — Deu-lhe um beijo estalado e barulhento no rosto. — Consegui! — Depois outro.

— Eu disse que conseguiria. — Ele passou a mão no gorro cobrindo o cabelo louro-acinzentado. — Pegue uma cerveja. Vamos comemorar.

— Oh, Mik! — Ela andou, mostrando as pernas compridas e bem torneadas em shorts verde-neon, em direção à minúscula geladeira. — Estava tão nervosa antes do teste que fiquei com soluço, aí bebi uns três litros d'água e consegui chegar até o fim da leitura. — Atirou o gorro na lixeira antes de fazer um brinde a si mesma.

— E ainda estou com soluço. O seriado. Provavelmente vou fazer um papel sem importância, mas pelo menos não vou ser assassinada até o terceiro bloco. — Deu um gole e depois deixou escapar um grito alto e aterrorizado. — É isso que tenho que fazer quando o assassino serial me encurralar no beco. Acho que ganhei o papel com meu grito.

— Sem dúvida. — Como sempre, sua fala rápida e agitada o divertia. Tinha 23 anos, um corpo atraente e ágil, olhos vivos e verdes e um coração mais largo do que o Grand Canyon. Se Mikhail não a visse como irmã desde que a conhecera, teria ficado tentado a levá-la para a cama.

Keely tomou um gole de cerveja.

— Ei, você quer pedir uma comida chinesa, uma pizza ou algo assim? Tenho pizza congelada, mas meu forno pifou de novo.

O simples comentário fez com que os olhos faiscassem e os lábios se contraíssem.

— Fui ver Hayward hoje.

A garrafa ficou parada a caminho da boca.

— Em pessoa? Quer dizer, cara a cara?

— Sim. — Mikhail pôs de lado as ferramentas, temendo arrancar um pedaço da madeira.

Impressionada, Keely foi sentar-se no peitoril da janela.

— Uau! E como ele é?

— Está morto.

Ela engasgou com a cerveja, fitando-o com olhos arregalados enquanto batia no peito.

— Morto? Você não...

— O matei? — Desta vez, Mikhail sorriu. Outra coisa que apreciava em Keely era sua tendência inata para o drama. — Não, mas considerarei matar a nova Hayward, a neta dele.

— A nova proprietária é uma mulher? Como ela é?

— Muito bonita, muito fria. — Ele franziu a testa ao passar as pontas dos dedos na grá da madeira. — Cabelo ruivo e pele clara. Olhos azuis capazes de congelar um lago. Quando fala, pingentes de gelo se formam.

Keely fez uma careta e tomou outro gole.

— Gente rica pode se dar ao luxo de ser fria.

— Eu lhe dei dois dias antes de ir ao departamento de obras.

Desta vez, foi Keely quem riu. Por mais que admirasse Mikhail, achava-o ingênuo em vários sentidos.

— Boa sorte. Talvez a gente deva aderir à ideia da Sra. Bayford quanto a uma greve de aluguel. É claro, corremos o risco de sermos despejados, mas... Ei... — Debruçou-se na janela aberta. — Você precisa ver este carro. É um Lincoln ou algo parecido, com motorista. Tem uma mulher saindo do banco traseiro. — Mais fascinada do que invejosa, deixou escapar um assovio

comprido e apreciativo. — A versão da executiva da Harpers's Bazaar. — Rindo, olhou por cima do ombro. — Acho que sua princesa gelada veio visitar a favela.

Do lado de fora, Sydney observou o prédio. Era realmente adorável, pensou. Como uma mulher idosa que tivesse mantido a dignidade e uma sombra da beleza da juventude. Os tijolos vermelhos esmaecidos passaram a um rosa suave, manchados ali e acolá pela fuligem e pelo tempo. A pintura estava descascada e rachada, mas isso podia ser facilmente remediado. Tirando um bloco, começou a tomar notas.

Estava ciente dos olhares dos homens sentados na entrada do prédio, mas ignorou-os. Era um lugar barulhento, notou. A maioria das janelas estava aberta, oferecendo uma variedade de sons: televisões, rádios, bebês chorando, alguém cantando “The Desert Song” com voz de soprano.

Havia pequenas varandas entupidas de vasos de flores, bicicletas e roupas secando no ar quente e parado.

Cobriu os olhos com a mão; deixou o olhar vagar. As escadas externas apresentavam a maioria dos corrimões bastante enferrujados e em muitas faltavam degraus. Franziu o cenho. Vislumbrou Mikhail, debruçado numa janela do último andar, colado a uma loura deslumbrante. Como ele estava sem camisa e a loura usava uma camiseta tão minúscula que mal cobria o corpo, Sydney imaginou tê-los interrompido. Cumprimentou-o com um aceno de cabeça formal e voltou às anotações.

Quando começou a se encaminhar para a entrada, os homens se afastaram para lhe dar passagem. O pequeno vestíbulo era escuro e opressivamente quente. No andar térreo, as janelas aparentemente não abriam. O piso de parque antigo estava riscado, arranhado e imperava um cheiro muito definido de mofo. Desconfiada, observou o elevador. Alguém prendera um aviso escrito a mão acima do botão com os dizeres: “Abandonai toda esperança, vós que aqui entrais.”

Curiosa, apertou o botão e ouviu o rangido e chacoalhar ruidosos. Com um suspiro impaciente, tomou mais notas. Deplorável, pensou. A unidade deveria ter sido inspecionada e a Hayward devia ter sido punida com uma intimação judicial. Bem, agora ela representava a Hayward.

As portas se abriram com um ranger e Mikhail saiu.

— Veio ver seu império? — perguntou. Deliberadamente, terminou as anotações antes de encontrar-lhe o olhar. Pelo menos ele tinha vestido uma camisa — se é que podia ser assim chamada uma fina camiseta branca rasgada nas mangas e com a bainha desfeita.

— Acredito ter lhe dito que examinaria o arquivo. Ao fazê-lo, achei melhor vir inspecionar o prédio eu mesma. — Olhou o elevador e depois voltou a fitá-lo. — O senhor ou é muito valente ou muito estúpido, Sr. Stanislaski.

— Realista — corrigiu-a, com um ligeiro contrair de ombros. — O que tem que acontecer, acontece.

— Talvez, mas prefiro que ninguém use este elevador até ser consertado ou trocado.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— E será?

— Sim, o mais rápido possível. Acredito que o senhor mencionou em sua carta que alguns dos corrimões da escada estavam quebrados.

— Substituí os piores.

Levantou a sobrancelha.

— O senhor?

— Crianças e idosos moram neste prédio.

A simplicidade da resposta a envergonhou.

— Entendo. Já que o senhor representa os inquilinos, talvez pudesse me acompanhar e mostrar os problemas mais sérios.

Quando começaram a subir as escadas, notou que o corrimão era obviamente novo; sentiu a superfície lisa e robusta de madeira debaixo da mão.

Anotou ter sido substituída por um inquilino.

Mikhail bateu nas portas dos apartamentos. Era saudado com entusiasmo, e ela com desconfiança. O cheiro de comida pairava no ar: refeições apenas terminadas, outras a serem servidas. Ofereceram-lhe *strudel*, *brownies*, *goulash*, asas de galinha. Algumas das queixas eram feitas em tom amargo, outras em tom nervoso. Mas Sydney constatou com os próprios olhos que as cartas de Mikhail não exageravam.

Quando chegaram ao terceiro andar, o calor a deixara tonta. No quarto, recusou a oferta de espaguete e almôndegas, perguntando-se como alguém conseguia cozinhar naquele calor, e aceitou um copo de água. Zelosa, anotou como a tubulação era antiquada e emitia ruídos surdos. Ao chegarem ao quinto andar, desejava desesperadamente um banho frio, uma taça de vinho *chardonnay* gelado e o abençoado conforto de seu apartamento com ar-condicionado.

Mikhail notou seu rosto alterado pelo calor. No último lance de escadas, arfava um pouco, o que o agradou. A rainha não morreria ao ver como os súditos viviam. Perguntou-se por que ela não tirava pelo menos o blazer e abria alguns daqueles delicados botões da blusa.

Não lhe agradava o pensamento de que adoraria fazer as duas coisas para ela.

— Achei que alguns dos inquilinos possuíam aparelhos de refrigeração. — O suor escorria-lhe pelas costas. — Ar-condicionado.

— A fiação não suportaria — disse. — Quando ligados, os fusíveis queimam e ficamos sem luz. Os apartamentos do térreo são os piores — continuou, em tom informal. — Não têm ventilação. E aqui em cima é pior ainda. O calor sobe.

— Já notei.

Estava branca como uma folha de papel. Mikhail percebeu e não se conteve:

— Tire o blazer.

— O que disse?

— Você é uma idiota. — Ele afastou o blazer de seus ombros com a intenção de deixar-lhe os braços livres.

Devido à combinação de calor e dos dedos intencionalmente rudes, manchas dançaram à frente de seus olhos.

— Pare.

— Muito idiota. Isto não é uma sala de reuniões.

O toque dele não era o de um amante, mas era muito perturbador. Ela golpeou-lhe as mãos assim que um de seus braços ficou livre. Ignorando-a, Mikhail empurrou-a para seu apartamento.

— Sr. Stanislaski — disse, sem fôlego, mas não sem dignidade. — Não vou permitir que me toque.

— Tenho minhas dúvidas se alguma vez foi tocada na vida, alteza. Que homem iria querer uma queimadura de frio? Sente-se.

— Não tenho vontade de...

Ele simplesmente a empurrou numa cadeira e depois olhou para Keely parada na cozinha, boquiaberta.

— Pegue água — ordenou.

Sydney recuperou o fôlego. Um ventilador girava perto da cadeira e refrescava-lhe a pele.

— Você é o homem mais rude, mais sem educação, mais insuportável com que fui forçada a lidar.

Ele pegou o copo da mão de Keely e ficou tentado a atirar o conteúdo no bonito rosto de Sydney. Em vez disso, estendeu-lhe o copo com rispidez.

— Beba.

— Nossa, Mik, tenha piedade! — murmurou Keely. — Ela parece exausta. — Ao mesmo tempo em que lhe oferecia um pano úmido, não conseguia tirar os olhos da blusa de seda marfim com os minúsculos botões de pérola.

— Não, obrigada, estou bem.

— Sou Keely O'Brian, do 502.

— O forno dela não funciona — disse Mikhail. — Falta água quente e o teto está vazando.

— Só quando chove. — Keely tentou sorrir, mas não obteve retribuição. — Acho que vou indo. Prazer em conhecê-la.

Quando ficaram a sós, Sydney tomou alguns goles de água morna. Mikhail não havia reclamado sobre seu apartamento, mas podia ver, de onde estava sentada, o linóleo do piso da cozinha rachado e uma geladeira minúscula e velha. Ela simplesmente não teve forças para olhar o resto.

Sua abordagem tinha sido tudo, menos educada, mas ainda assim a conclusão era de que ele estava certo e sua empresa, errada.

Ele sentou-se na beirada da bancada da cozinha e viu o colorido voltar lentamente a suas faces. Isso o aliviou. Por um segundo, no saguão, reudara que ela desmaiasse. Ele já se sentia um idiota.

— Quer comer? — A voz era cortante e hostil. — Pode comer um sanduíche.

Ela lembrou-se que tinha compromisso para jantar no *Le Cirque* com o último bom partido solteiro escolhido pela mãe.

— Não, obrigada. Você não pensa bem de mim, não é?

Ele moveu os ombros de um jeito que ela reconheceu ser um hábito.

— Penso em você um bocado.

Ela franziu a testa e colocou o copo de lado. O jeito com que ele pronunciara a frase dava margem a várias interpretações.

— Você disse ser carpinteiro?

— Às vezes sou carpinteiro.

— Tem licença de trabalho?

Os olhos estreitaram-se.

— Uma licença de empreiteiro, para construções, reformas.

— Então deve ter uma lista de outros empreiteiros com os quais trabalhou: eletricitas, bombeiros, este tipo de atividade.

— Sim.

— Ótimo. Prepare uma proposta para reparos, incluindo todo o trabalho: pintura, telhas, piso, substituição das instalações, equipamentos. Quero isso na minha mesa em uma semana. — Levantou-se, pegando o blazer amassado.

Ele ficou parado, enquanto ela pendurava o blazer no braço e levantava a pasta.

— E depois?

Ela lhe deu um olhar frio.

— E depois, Sr. Stanislaski, vou bancar o seu ganha-pão. Está contratado.

CAPÍTULO DOIS

Mamãe, realmente não disponho de tempo agora.

— Sydney, querida, todo mundo tem tempo para um chá. — Assim dizendo, Margerite Rothchild Hayward Kinsdale LaRue colocou *ginseng* numa xícara de porcelana. — Receio estar levando este negócio de bens imobiliários muito a sério.

— Talvez por ser a responsável — murmurou sem levantar os olhos dos documentos na mesa.

— Não posso imaginar o que seu avô tinha em mente. Mas afinal, ele sempre foi um homem especial. — Suspirou um momento, lembrando-se do quanto gostava do velho. — Vamos, querida, tome um pouco de chá e coma um desses deliciosos canapés. Mesmo a Senhora Executiva precisa comer.

Sydney cedeu, mais para se ver livre da mãe do que para ser agradável.

— É muito gentil de sua parte. Mas hoje estou sem muito tempo livre.

— Todo esse absurdo dos negócios — começou Margerite quando Sydney sentou-se a seu lado. — Não entendo por que você deva se aborrecer com estas tarefas. Seria tão simples contratar um diretor ou algo assim. — Margerite acrescentou uma gota de limão ao chá antes de voltar a sentar-se. — Entendo que possa ser divertido por um tempo, mas a ideia de você ter uma profissão me parece tão sem sentido.

— Você acha? — murmurou Sydney, lutando por evitar a agressividade na voz. — Posso surpreender todo mundo e demonstrar minha eficiência.

— Ah, tenho certeza de que será maravilhosa em tudo que fizer, querida. — Apalpou indiferente a mão da filha. A garota dera tão pouco trabalho quando criança, refletiu. Realmente não fazia ideia de como lidar com essa súbita e sem dúvida temporária demonstração de rebelião. Tentou apaziguar. — E fiquei encantada quando vovô Hayward deixou para você todos aqueles prédios lindos. — Mordiscou um canapé. Era uma mulher deslumbrante,

aparentando ser dez anos mais moça do que seus 50 anos, bem penteada e produzida num terninho Chanel. — Mas envolver-se na condução dos negócios. — Desconcertada, ajeitou o cabelo cuidadosamente tingido de castanho. — Bem, isso parece pouco feminino. Um homem se desinteressa com facilidade das mulheres consideradas poderosas.

Sydney deu uma olhada incisiva no dedo da mãe que há pouco deixara de ostentar uma aliança.

— Nem toda mulher centra sua única ambição em ter um homem por perto.

— Ah, não seja tola. — Com um sorriso alegre, Margerite deu uma palmadinha na mão da filha. — Um marido não é algo que uma mulher deixe de querer por muito tempo. Não deve desanimar por você e Peter não terem dado certo. Os primeiros casamentos, em geral, funcionam como um teste.

Refreando os sentimentos, Sydney pousou a xícara com delicadeza.

— É assim que encara seu casamento com papai? Um teste?

— Ambos aprendemos lições valiosas, tenho certeza. — Confiante e contente, deu um sorriso jovial. — Agora, querida, conte-me sobre seu encontro com Channing. Como foi?

— Sufocante.

Os olhos azuis amigáveis de Margerite piscaram aborrecidos.

— Sydney, francamente!

— Você perguntou. — Para disfarçar, Sydney pegou a xícara de novo. Por que, perguntou a si mesma, sempre se sentia desconfortável perto da mulher que lhe dera a vida? — Lamento, mamãe, mas nós simplesmente não combinamos.

— Bobagem. Vocês combinam perfeitamente. Channing Warfield é um homem inteligente, bem-sucedido e pertence a uma família muito distinta.

— Peter também era.

O barulho da porcelana fez-se ouvir quando Margerite pousou a xícara no pires.

— Sydney, você não deve comparar todo homem que conhece com Peter.

— Mas eu não comparo. — Aproveitando a chance, colocou a mão na de sua mãe. Havia uma ligação entre elas, tinha que haver. Por que a constante sensação de que os dedos sempre evitavam o contato? — Honestamente, não comparo Channing com ninguém. O fato é que o acho artificial, enfadonho e pretensioso. Talvez tivesse a mesma opinião sobre qualquer homem agora. Não estou interessada em homens neste estágio da minha vida, mamãe. Quero construir algo.

— Construir algo — repetiu Margerite, mais surpresa do que zangada. — Você é uma Hayward. Você não precisa construir mais nada. — Pegou o guardanapo para limpar os lábios. — Pelo amor de Deus, Sydney, você está divorciada de Peter há quatro anos. Já está na hora de encontrar um marido à sua altura. São as mulheres que sobrescrevem os convites — lembrou à filha. — E elas têm a política de excluir mulheres bonitas e desimpedidas. Você ocupa um lugar na sociedade, Sydney. E tem responsabilidade para com o seu nome.

A familiar contração no estômago fez com que Sydney colocasse o chá de lado.

— Você sempre me disse isso.

Satisfeita por Sydney demonstrar-se razoável, sorriu.

— Se Channing não servir, existem outros. Mas eu realmente acho que você não deveria dispensá-lo tão rápido. Bem, se eu fosse vinte anos mais moça... — Olhou o relógio e soltou um gritinho. — Nossa, vou chegar atrasada ao cabeleireiro. Vou correndo passar um pouco de pó compacto no nariz antes de sair.

Quando Margerite entrou no banheiro, Sydney recostou a cabeça e fechou os olhos. Como lidar com todos esses sentimentos de culpa e inadequação? Como explicar à mãe como se sentia quando não conseguia nem explicar a si mesma?

Levantando-se, voltou para a mesa. Não conseguiria convencer Margerite de que sua negativa quanto a um novo envolvimento nada tinha a ver com

Peter quando, de fato, tinha. Eles tinham sido amigos, droga! Ela e Peter cresceram juntos, se preocupavam um com o outro. Simplesmente não estavam apaixonados. A pressão familiar empurrou-os para o altar, jovens demais para perceber o erro. Depois passaram a maior parte dos dois anos tentando fazer o casamento funcionar.

A lástima não fora o divórcio, mas o fato de que quando finalmente se separaram, não eram mais amigos. Se ela não conseguira dar certo com alguém de quem gostava, com quem tinha tanto em comum, de quem gostava tanto, com certeza era culpa sua.

Tudo que queria agora era se sentir digna da confiança do avô. Tinham-lhe oferecido um outro tipo de responsabilidade, um outro tipo de desafio. Desta vez, não podia se permitir falhar.

Cansada, atendeu o interfone.

— Sim, Janine.

— O Sr. Stanislaski está aqui, Srta. Hayward. Ele não marcou reunião, mas diz ter alguns papéis que a senhora queria ver.

Com um dia de antecedência, pensou. Ajeitou os ombros.

— Mande-o entrar.

Pelo menos ele se barbeara, pensou, embora desta vez usasse jeans furados. Fechando a porta, ele olhou-a com atenção. Como se fossem dois lutadores avaliando o oponente de cantos opostos.

Ela parecia tão engomada e arrumadinha quanto antes, em um de seus conjuntos de executiva, desta vez num cinza-claro, com todos aqueles pequeninos botões prateados na blusa fechados até em cima. Ele olhou a bandeja de chá com as delicadas xícaras e canapés. Os lábios curvaram-se.

— Interrompo seu almoço, Hayward?

— De jeito nenhum. — Não se preocupou em levantar-se ou sorrir, mas fez sinal para que se aproximasse. — Trouxe a proposta, Sr. Stanislaski?

— Sim.

— O senhor trabalha rápido.

Ele sorriu.

— Sim. — Ele sentiu um perfume, ou melhor, um confronto de perfumes. Um sutil e refrescante; o outro, floral e extremamente feminino. — Você tem companhia?

Arqueou a sobrancelha.

— Por que pergunta?

— Sinto um perfume diferente do seu. — Depois, dando de ombros, entregou-lhe os papéis que carregava. — O primeiro é o que poderia ser feito, o segundo o que deveria ser feito.

— Compreendo. — Sentia o calor irradiando dele. Por alguma razão achou-o confiável, uma afirmação de vitalidade. Como se ela saísse de uma caverna escura para a luz do sol. Sydney certificou-se de não encostar os dedos nos dele ao pegar os papéis. — O senhor tem as estimativas de preços dos subempreiteiros?

— Estão aí. — Enquanto examinava as propostas, ele levantou um dos perfeitos triângulos de pão e cheirou-o como um lobo. — O que é isso?

Ela mal levantou o olhar.

— Agrião.

Com repugnância, deixou-o cair no prato.

— Por que você o comeria?

Ela levantou o olhar de novo e desta vez sorriu.

— Boa pergunta.

Não devia ter feito isso, pensou Mikhail enfiando as mãos nos bolsos. Quando ela sorria, mudava. Os olhos entusiasmavam-se, os lábios suavizavam-se e a beleza tornava-se tangível e não distante.

Fazia-o esquecer não ter o menor interesse naquele tipo de mulher.

— Então vou lhe fazer outra pergunta.

Os lábios dela contraíram-se ao verificar a lista. Gostou do que viu.

— O senhor parece estar cheio delas hoje.

— Por que usa cores como esta? Cores mortas, quando deveria usar cores vivas. Azul-safira ou esmeralda.

Foi a surpresa que a fez encará-lo. Não se lembrava de alguém jamais questionar seu bom gosto. Em alguns círculos, era considerada bastante elegante.

— O senhor é um carpinteiro ou um consultor de moda, Sr. Stanislaski?

Os ombros dele moveram-se.

— Sou um homem. Isso é chá? — Ele levantou o bule e cheirou o conteúdo enquanto ela continuou a encará-lo. — Está quente demais para tomar chá. Tem algo gelado?

Balançando a cabeça, apertou o interfone.

— Janine, traga algo gelado para o Sr. Stanislaski, por favor. — Por ter uma perturbadora urgência de se levantar e se olhar no espelho, pigarreou. — Há uma linha de demarcação nas listas do que poderia e do que deveria, Sr....

— Mikhail — disse, com naturalidade. — É porque há mais coisas que você poderia fazer do que as que deveria. Como na vida.

— Agora virou filósofo — resmungou. — Vamos começar com o que deve ser feito e talvez incorporar alguns dos que poderiam ser feitos. Se trabalharmos rápido, podemos ter um contrato no final da semana.

Ele meneou a cabeça devagar, refletindo.

— Você também trabalha rápido.

— Quando necessário. Em primeiro lugar, gostaria que me explicasse por que eu deveria substituir todas as janelas.

— As vidraças simples permitem a entrada de barulho.

— Sim, mas...

— Sydney, querida, a iluminação lá dentro é simplesmente medonha. Ah! — Margerite parou no umbral da porta. — Desculpe, você está numa reunião. — Ela teria abaixado o olhar para as calças velhas de Mikhail, se não encontrasse dificuldade em afastar o olhar do rosto dele. — Como vai? — perguntou, satisfeita por ele ter se levantado ao vê-la entrar.

— A senhora é a mãe de Sydney? — perguntou antes que Sydney pudesse dispensar Margerite.

— Sou sim. — O sorriso de Margerite era reservado. Não aprovava a filha autorizar ser chamada pelo primeiro nome pelos subalternos. Especialmente aquele subalterno de rabo-de-cavalo e botas sujas. — Como adivinhou?

— As verdadeiras belezas amadurecem com encanto.

— Oh! — Lisonjeada, o sorriso de Margerite aqueceu-se ligeiramente e os cílios agitaram-se em reação ao comentário. — Quanta gentileza.

— Mamãe, me desculpe, mas eu e o Sr. Stanislaski temos negócios a tratar.

— Claro, claro. — Margerite aproximou-se para dar um beijo no ar a distância de um centímetro do rosto da filha. — Já estou indo. Agora, querida, não esqueça nosso almoço na próxima semana. E quero lembrá-la... Stanislaski — repetiu, voltando-se para Mikhail. — Achei seu rosto familiar. Não acredito. — De repente, sem ar, colocou a mão no coração. — Você é Mikhail Stanislaski?

— Sim. Já nos encontramos?

— Não, não, nunca, mas vi sua foto no Art/World. Eu me considero uma cliente. — Rosto iluminado, deu a volta na escrivaninha e, diante do olhar atônito da filha, pegou as mãos dele nas suas. Para Margerite, o rabo-de-cavalo agora era artístico; o jeans esfarrapado, excêntrico. — Considero seu trabalho magnífico, Sr. Stanislaski. Realmente magnífico. Comprei duas de suas obras na última exposição. Mal posso lhe dizer o prazer que me proporcionam.

— A senhora me envaidece.

— De jeito nenhum — insistiu Margerite.

— O senhor já está sendo considerado um dos maiores artistas dos anos 90. E fez por merecer. — Voltou-se sorrindo para a filha muda. — Uma jogada brilhante, querida.

— Eu... na verdade, eu...

— Estou encantado — interrompeu Mikhail — em trabalhar com sua filha.

— Maravilhoso. — Apertou-lhe mais uma vez as mãos.

— O senhor precisa comparecer a um jantarzinho que vou dar na sexta em *Long Island*. Por favor, não me diga já ter um compromisso nessa noite. — Lançou-lhe um olhar por baixo dos cílios. — Eu ficaria arrasada.

Ele tomou cuidado para não dar um risinho para Sydney por cima da cabeça de Margerite.

— Jamais me perdoaria se fosse responsável por arrasar uma linda mulher.

— Fabuloso. O senhor pode ir com Sydney. Às oito da noite. Agora preciso correr. — Ajeitou o cabelo, lançou um tchau distraído para Sydney e apressou-se quando Janine entrava com um refrigerante.

Mikhail pegou o copo agradecendo e voltou a sentar-se.

— Então — começou — você me perguntava sobre as janelas.

Sydney muito cuidadosamente relaxou as mãos contraídas debaixo da escrivantina.

— O senhor disse ser carpinteiro.

— Algumas vezes sou. — Ele tomou um grande e refrescante gole. — Às vezes eu esculpo madeira em vez de martelá-la.

Se ele estava decidido a fazê-la de boba — e não tinha certeza de não ser esta a intenção dele — não podia ter obtido maior sucesso.

— Passei os últimos dois anos na Europa, portanto estou um pouco por fora do mundo da arte americano.

— Não precisa se desculpar — disse, achando graça.

— Não estou me desculpado. — Precisou forçar-se a falar com calma, a não se levantar e rasgar a proposta em pedacinhos. — Gostaria de saber que tipo de brincadeira é essa, Stanislaski.

— Você me ofereceu um trabalho que tem um imenso valor para mim. Eu aceitei.

— Você mentiu para mim.

— Como? — Ele levantou uma das mãos, com a palma para cima. — Tenho uma licença de empreiteiro. Ganhei a vida nessa profissão desde os 16

anos. Que diferença faz para você se agora as pessoas compram minhas esculturas?

— Nenhuma. — Ela apanhou as propostas novamente. Ele provavelmente produzia peças primárias, feias, imaginou. O homem era muito rude e mal-educado para ser um artista. De qualquer modo, tudo que importava era ele poder executar o trabalho para o qual estava sendo contratado.

Mas odiava ser enganada. Para fazê-lo pagar por isso, forçou-o a discutir cada detalhe da proposta, perdendo mais de uma hora do tempo dele e do seu.

— Muito bem. — Ela colocou de lado as meticulosas anotações. — Seu contrato estará pronto para assinatura na sexta.

— Ótimo. — Ele levantou-se. — Pode levá-lo quando me pegar. Devíamos marcar às sete da noite.

— O que disse?

— Para jantar. — Ele inclinou-se. Por um momento, achou que ia beijá-la. Estava sentada rígida como uma espada, mas ele apenas esfregou a lapela do blazer entre o polegar e o indicador. — Deve usar algo colorido.

Ela empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Não tenho a menor intenção de levá-lo à casa de minha mãe para jantar.

— Está com medo de ficar comigo — disse sem a menor sombra de orgulho.

Ergueu o queixo.

— Certamente não.

— O que mais poderia ser? — Com os olhos nos seus, ele contornou a escrivaninha até ficarem frente a frente. — Uma mulher como você não poderia ser tão mal-educada sem uma razão.

A respiração ficou presa nos pulmões. Sydney forçou-a para fora bufando de raiva.

— Não gostar de você é razão suficiente.

Ele apenas sorriu e brincou com as pérolas em seu pescoço.

— Não. Aristocratas são previsíveis, Hayward. Devem ter lhe ensinado a tolerar pessoas de quem não gosta. Com eles, você seria ainda mais gentil.

— Pare de me tocar.

— Estou colocando cor em sua face. — Riu e deixou as pérolas deslizarem entre os dedos. Sua pele, tinha certeza, devia ser tão macia, tão fria quanto as pérolas. — Vamos lá, Sydney, o que vai dizer à sua encantadora mãe quando chegar à festa sem mim? — Ele percebia em seus olhos uma guerra entre orgulho, educação e raiva, e voltou a rir.

— Presa numa armadilha pela sua boa educação — murmurou. — Felizmente não preciso me preocupar com este tipo de coisa.

— Sem dúvida — mencionou entre os dentes.

— Sexta-feira — disse e deixou-a furiosa ao passar o dedo debaixo de seu queixo. — Às sete.

— Sr. Stanislaski — murmurou, quando ele chegou a porta. Ao voltar-se, ela lhe ofereceu seu mais simpático sorriso. — Tente achar algo em seu armário sem buracos.

Podia ouvi-lo rir dela enquanto atravessava o corredor. Se simplesmente... pensou, atirando-se na cadeira. Se simplesmente não fosse tão educada, poderia expelir parte do veneno atirando um objeto frágil na porta.

Ela vestiu-se de preto deliberadamente. Sob nenhuma circunstância queria fazê-lo acreditar que remexera o armário procurando algo colorido porque ele o sugerira. E achou que um vestido reto, simples, era ao mesmo tempo formal, sóbrio e apropriado.

Num impulso, soltara o cabelo que lhe caía nos ombros, só por estar cansada de usá-lo preso. Como sempre, havia ponderado, cuidadosamente, sobre o visual para a noite e satisfez-se ao constatar ter obtido uma elegância distinta.

Ouviu o som da música aos berros dentro do apartamento, antes de bater. Surpreendeu-a ouvir os apaixonados acordes de Carmem. Bateu com mais força. Quase cedia ao impulso de gritar acima da ária, quando a porta escancarou-se. Deu de cara com a loura estonteante numa minúscula camiseta e shorts ainda mais minúsculos.

— Oi — Keely triturava um pedaço de gelo entre os dentes. — Vim pegar gelo com Mik. Meu freezer está programado para derreter. — Conseguiu sorrir e forçou-se a não tocar as roupas dela. Sentiu-se como uma camponesa pega pela princesa real invadindo-lhe a propriedade. — Já estava de saída. — Antes que Sydney pudesse falar, entrou de novo para pegar a forma. — Mik, a pessoa com quem vai sair chegou.

Sydney piscou ao ouvir a expressão assim que a loura disparou feito uma bala por ela.

— Não precisa se apressar...

— Três é multidão — disse Keely correndo sem parar, com um sorriso fugaz.

— Você me chamou? — Mikhail foi até a porta do quarto com uma pequenina toalha branca presa na cintura. Usava outra para secar o cabelo molhado e desalinhado. Parou ao se deparar com Sydney. Algo brilhou em seus olhos ao percorrer com o olhar o corte elegante e alongado do vestido. Depois sorriu. — Estou atrasado — disse simplesmente.

Ela sentiu-se grata por não ficar de boca aberta. O corpo era todo músculos e pele bronzeada — pele brilhando com pequenas gotas de água deixando-a com uma sede insuportável. A toalha balançava perigosamente nos quadris. Deslumbrada, olhou uma gota de água escorrer-lhe pelo peito, pelo abdômen e desaparecer dentro da toalha.

A temperatura no aposento, já quente, aumentou em vários graus.

— Você está... — Sabia que devia falar de forma coerente — em cima da hora. Combinamos às sete.

— Estava ocupado. — Deu de ombros. A toalha moveu-se. Sydney engoliu em seco. — Não vou demorar. Pegue um drinque. — Um sorriso travesso formou-se, levantando os cantos da boca. Um homem precisaria estar morto para não perceber e não se sentir satisfeito com a reação dela. — Você parece estar... com calor, Sydney. — Deu um passo à frente, vendo os olhos dela arregalarem-se e a boca abrir. Com o olhar fixo no dela, ligou um pequeno ventilador portátil, dispersando o ar abafado. — Isto vai ajudar — disse suavemente.

Ela concordou. Era refrescante, mas também trazia o perfume do banho, da pele dele para dentro da sala. Ao perceber o reconhecimento e divertimento nos olhos dele, ela se conteve.

— Os contratos. — Colocou a pasta na mesa. Mikhail mal os olhou.

— Depois eu olho e assino.

— Ótimo. Seria melhor se vestir. — Teve que engolir outra obstrução na garganta quando ele sorriu. A voz dela soou cortante e irritada: — Vamos chegar atrasados.

— Um pouco. Tem bebida gelada no refrigerador — acrescentou, voltando para o quarto. — Sinta-se em casa.

Sozinha, conseguiu respirar fundo três vezes. Pouco a pouco sentiu o equilíbrio voltar ao normal. Qualquer homem bonito daquele jeito, usando apenas uma toalha, devia ser preso, pensou, e virou-se para analisar a sala.

Tinha ficado irritada demais para observá-la na visita anterior. E preocupada demais, admitiu com um ligeiro franzir de cenho. Um homem como aquele deixava qualquer mulher preocupada. Só então notou as toras de madeira, pequenas e grandes, as ferramentas, as jarras contendo pincéis. Uma comprida mesa de trabalho debaixo da janela da sala de estar. Ao aproximar-se, constatou serem algumas das toras de madeira trabalhos em andamento.

Dando de ombros, passou o dedo em um pedaço de cerejeira com reentrâncias e ranhuras. Rude e primitivo, como imaginara. O ego abalado acalmou-se ao assegurar-se sobre a falta de talento dele. Não passava de um

grosseirão que causara uma boa impressão momentânea no caprichoso mundo artístico.

Virou-se e viu as prateleiras.

Estavam abarrotadas de trabalhos. Compridas colunas de madeira lisas, lindamente esculpidas. Um perfil de mulher com cabelo comprido e esvoaçante; uma criança pequena numa risada alegre; amantes entrelaçados num primeiro beijo. Não conseguia parar de tocar nem de sentir. O trabalho dele abrangia do apaixonante ao encantador, do arrojado ao delicado.

Fascinada, ajoelhou-se para examinar mais de perto as peças nas prateleiras inferiores. Seria possível um homem de modos tão rudes, com tamanha arrogância e vaidade, possuir a sutileza, a sensibilidade, a compaixão para transformar blocos de madeira em obras tão adoráveis?

Com um meio-sorriso, Sydney pegou uma escultura de um pequenino canguru com um filhote saindo da bolsa. Era macio e delicado como vidro. Ao recolocá-la, exalando um pequeno suspiro, viu a estatueta em miniatura. Cinderela, pensou, encantada, enquanto a segurava com as pontas dos dedos. Mikhail capturara a bonita heroína dos contos de fada ainda vestida para o baile, mas já correndo com um pé descalço, antes de o relógio soar as 12 badaladas. Por um momento, Sydney achou ser capaz de enxergar lágrimas nos olhos pintados.

— Você gosta?

Ela estremeceu e levantou-se rapidamente, ainda segurando a estatueta.

— Sim, desculpe.

— Não deve pedir desculpas por gostar. — Mikhail pousou o quadril, agora mais conservadoramente coberto com calças de cor creme, na mesa de trabalho. Penteara o cabelo encaracolado para trás e o deixara solto, caindo até os ombros.

Ainda envergonhada, colocou a miniatura de volta na estante.

— Pedi desculpas por mexer em seu trabalho.

Um sorriso lhe brotou dos lábios. O fato de ela mudar num piscar de olhos de um olhar arregalado de puro encantamento para um de fria cortesia o fascinava.

— Melhor ser tocada do que ficar exposta só para ser admirada. Não concorda?

Era impossível não perceber a implicação no tom de voz, no brilho dos olhos.

— Depende.

Quando ela se moveu, ele se levantou. O timing era perfeito. Quase colidiram.

— De quê?

Ela não ficou ruborizada ou tensa nem recuou. Acostumara-se a enfrentá-lo.

— De a pessoa preferir ou não ser tocada.

Ele riu.

— Pensei estarmos falando de esculturas.

Então, pensou respirando devagar, ela caíra nessa.

— Sim, estávamos. Agora, realmente vamos chegar atrasados. Se estiver pronto, Sr. Stanislaski.

— Mikhail. — Ele levantou a mão casualmente para tocar com o dedo a gota de safira em sua orelha. — É mais fácil. — Antes que ela pudesse responder, seu olhar voltou a aprisionar o dela. Presa naquele olhar fixo, ela não tinha certeza de poder se lembrar do próprio nome. — Seu cheiro me lembra um jardim inglês na hora do chá. — murmurou. — Muito refrescante, muito atraente. E um pouquinho formal demais.

Estava quente demais, disse a si mesma. Quente demais e muito abafado. Por isso encontrava dificuldade em respirar. Não tinha nada a ver com ele. Na verdade, não devia permitir que tivesse nada a ver com ele.

— Você está no meu caminho.

— Eu sei. — E por motivos dos quais não estava totalmente seguro, pretendia continuar ali. — Você está acostumada a botar as pessoas de lado.

— Não vejo o que isso tem a ver com...

— Uma observação — interrompeu-a, divertindo-se a brincar com as pontas do cabelo dela. A textura era tão brilhante quanto a cor, concluiu, satisfeito por ela tê-lo deixado solto esta noite. — Artistas são observadores. Um dia vai descobrir que algumas pessoas não botam as outras de lado tão rápido. — Ele ouviu-a prender a respiração; ignorou o puxão defensivo quando ele segurou-lhe o queixo. Estava certo quanto à pele, macia como pérola polida. Pacientemente moveu-lhe a face de um lado para o outro. — Quase perfeito — decidiu. — Quase perfeito é melhor do que perfeito.

— Não entendi.

— Seus olhos são grandes demais e sua boca é apenas um pouco mais larga do que deveria.

Insultada, ela afastou-lhe a mão. Enfurecia-se e constrangia-se por ter, na verdade, esperado um elogio.

— Meus olhos e boca não são da sua conta.

— São muito da minha conta — corrigiu-a. — Vou fazer seu rosto.

Quando ela franziu o cenho, uma suave linha surgiu entre as sobrancelhas. Ele gostou.

— Você vai fazer o quê?

— Seu rosto. Em pau-rosa, eu acho. E com seu cabelo solto deste jeito.

Novamente ela afastou-lhe a mão.

— Se está me pedindo para posar para você, lamento informar, mas não estou interessada.

— Não interessa se está ou não. Eu estou. — Segurou-lhe o braço para conduzi-la à porta.

— Se pensa que me sinto lisonjeada...

— Por que deveria? — Ele abriu a porta, mas continuou dentro, estudando-a com aparente curiosidade. — Você nasceu com seu rosto. Não fez

nada para merecê-lo. Se eu dissesse que você canta bem, dança bem ou beija bem, podia se sentir lisonjeada.

Ele conduziu-a para fora do apartamento e depois fechou a porta.

— Você faz bem? — perguntou, como se de repente a ideia lhe viesse à mente.

Confusa e irritada, ela retrucou:

— Faço o quê?

— Beija bem?

As sobrancelhas levantaram-se. Arcos arrogantes sobre olhos excessivamente gélidos.

— No dia em que você descobrir, poderá se sentir lisonjeado. — Satisfeita com a frase, saiu andando pelo corredor na frente dele.

Os dedos dele mal a tocaram — ela podia jurar. Mas no espaço de um segundo suas costas estavam na parede e ela estava presa entre seus braços, com as mãos dele plantadas em cada lado de sua cabeça. Foi invadida pelo choque e por um tremor de medo, antes que pudesse chegar a pensar em sentir-se insultada.

Sabendo estar sendo impertinente, divertindo-se, manteve os lábios a poucos centímetros dos dela. Reconheceu a contração por dentro como desejo. E, por Deus, ele podia lidar com isso. E com ela. As respirações se misturaram e ele sorriu. A dela, pega de surpresa, saía curta e rápida.

— Eu acho — disse ele devagar, pensativo — que você ainda precisa aprender a beijar bem. Sua boca foi feita para isso. — O olhar abaixou, retendo-se em seus lábios. — Mas um homem teria que ser suficientemente paciente para aquecer este sangue primeiro. É uma pena eu não ser paciente.

Ele estava perto o bastante para ver o rápido piscar de olhos antes de se tornarem gélidos.

— Eu acho — disse ela, imitando-lhe a entonação — que você provavelmente beija bem. Mas uma mulher teria que ser suficientemente tolerante para demolir seu ego primeiro. Felizmente eu não sou tolerante.

Por um momento ele ficou onde estava, perto o bastante para atacá-la e testar ambas as teorias. Depois o sorriso surgiu em seu rosto, curvando-lhe os lábios e iluminando-lhe os olhos. Sim, ele podia lidar com ela. Quando estivesse pronto.

— Um homem pode aprender a ter paciência, *milaya*, e seduzir uma mulher, tornando-a tolerante.

Ela colou-se contra a parede mas, como um gato, escapuliu por uma brecha, pronta a arranhá-lo e unhá-lo. Ele apenas recuou e colocou-lhe a mão no cotovelo.

— Acho que devíamos ir embora, certo?

— Certo. — Sem saber se devia ficar aliviada ou desapontada, caminhou com ele em direção às escadas.

CAPÍTULO TRÊS

Margerite cuidara minuciosamente de cada detalhe do jantar. Sabia que a presença de um artista misterioso e em ascensão como Stanislaski seria um sucesso. Como um general preparando-se para a batalha, inspecionara os arranjos florais, a cozinha, a sala de jantar e os terraços. Antes de terminar, os funcionários do bufê a amaldiçoavam, mas Margerite estava satisfeita.

Não ficou satisfeita com o fato de a filha e seu mais importante convidado estarem atrasados.

Rindo, irrequieta, movia-se sinuosamente entre os convidados num vaporoso vestido azul-turquesa. O grupo de convidados era formado por políticos, pessoas de teatro e ricos ociosos. Mas o artista ucraniano era seu *coup de grâce* e ela ansiava por exhibi-lo.

E, lembrando-se daquela selvagem sexualidade, ansiava por flertar.

No momento em que o viu, Margerite lançou-se em sua direção.

— Sr. Stanislaski, que maravilha! — Depois de lançar à filha um olhar de censura velada, deu um sorriso radiante.

— Mikhail, por favor. — Por conhecer o jogo e jogá-lo de acordo com sua conveniência, Mikhail roçou os lábios em sua mão ao erguê-la. — Peço que me perdoe por estar atrasado. Fiz sua filha esperar.

— Oh! — Ela agitou-se, a mão permanecendo pousada, leve e possessivamente, no seu braço. — Uma mulher inteligente sempre vai esperar pelo homem certo.

— Então estou perdoado.

— Com certeza. — Os dedos apertaram-lhe a mão com intimidade. — Desta vez. Agora, deixe-me apresentá-lo, Mikhail. — Grudada nele, olhou de relance a filha. — Sydney, circule, querida.

Mikhail deu um risinho rápido e malévolo por cima do ombro ao deixar Margerite conduzi-lo.

Ele socializava com facilidade, participando de rodas da alta sociedade de Nova York com tanta desenvoltura quanto participava das conversas com a classe trabalhadora do Soho ou com a comunidade dos pais no Brooklyn. O que os membros da elite não faziam a menor ideia é de que ele preferia uma cerveja com amigos ou um café na mesa da cozinha da mãe.

Tomou champanhe, admirou a casa de paredes brancas e janelas do chão ao teto e cumprimentou Margerite por sua coleção de arte.

E enquanto conversava, bebericava e sorria, observava Sydney.

Estranho, pensou. Ele poderia jurar que a elegância do enclave em *Long Island* era o cenário perfeito para ela. Sua aparência, seus modos faziam-no lembrar-se de um deslumbrante sorvete num raro recipiente de porcelana. Ainda assim ela parecia não se encaixar. Bem, ela sorria e percorria a sala com tanta habilidade quanto a mãe. Seu simples vestido preto era tão sofisticado quanto qualquer outro mais colorido, na sala. Suas safiras faiscavam tanto quanto qualquer diamante ou esmeralda.

Mas... eram os olhos, percebeu Mikhail. Não demonstravam alegria, mas impaciência. Era como se ela pensasse “*vamos terminar logo com isso para que eu possa me ocupar de algo importante*”.

Esboçou um sorriso. Lembrando-se do longo percurso até Manhattan para provocá-la, o sorriso alargou-se para, abruptamente, desaparecer ao ver um homem louro alto com ombros de jogador de futebol americano enfiados num paletó de smoking de seda beijar Sydney na boca.

Sydney sorriu para um par de olhos azul-claros debaixo de sobrancelhas douradas.

— Oi, Channing.

— Oi. — Ele lhe ofereceu uma taça de vinho. — Onde Margerite achou os cavalos selvagens?

— Desculpe?

— Para arrastar você daquele escritório. — O sorriso exalava tanto charme quanto uma bala. Sydney não tinha outra opção a não ser responder.

— Não foi assim tão drástico. Tenho andado ocupada.

— Foi o que me disse. — Ele a aprovou no vestido liso preto do mesmo jeito como teria aprovado um acessório de bom gosto para sua casa. — Você perdeu uma peça maravilhosa a noite passada. Parece que Sondheim obteve outro sucesso. — Sem pedir consentimento, pegou-lhe o braço para conduzi-la à mesa de jantar. — Diga, querida, quando vai parar de representar o papel de executiva e tirar uma folga? Vou passar o fim de semana nos Hamptons e adoraria sua companhia.

Sydney forçou um sorriso através dos dentes cerrados. Não fazia sentido ressentir-se do fato de ele achar que ela estava representando. Todos pensavam.

— Receio não poder escapar no momento. — Ela sentou-se a seu lado na longa mesa de vidro da arejada sala de jantar. As cortinas estavam abertas de forma que o jardim parecesse invadir o ambiente com as tonalidades claras dos botões de rosas, tulipas e aquiléias.

Ela desejou que o jantar fosse ao ar livre para poder sentar-se entre as flores e sentir a brisa do mar.

— Espero que não se incomode com um conselho.

Sydney quase apoiou a cabeça na mão. A conversa ao redor era alegre em meio a brindes e o primeiro prato de cogumelos recheados estava sendo servido. Ela se sentia como se acabasse de ser confinada numa cela.

— Claro que não, Channing.

— Você pode ser dona de uma empresa ou deixar a empresa ser dona de você.

— Hum. — Ele tinha o hábito de usar clichês como conselho. Já devia ter se acostumado.

— Aceite o conselho de alguém mais experiente nestes assuntos.

Ela pregou um sorriso no rosto e deixou a mente vagar.

— Odeio ver você esmagada sob o peso da responsabilidade — prosseguiu. — E, afinal de contas, sabemos que você é uma novata no ramo imobiliário, onde lobo come lobo. — Abotoaduras de ouro com monograma faiscaram

quando ele pousou a mão na sua. Os olhos eram sinceros, o sorriso dizia: “*só estou cuidando de você*”. — Naturalmente, seu entusiasmo inicial a levará a se sobrecarregar mais do que o necessário. Estou certo de que você concorda comigo.

A mente voltou ao presente.

— Na verdade, Channing, gosto do trabalho.

— Por enquanto — disse, a voz tão protetora que ela quase o apunhalou com o garfo de salada. — Mas quando a realidade se sobrepuser, você pode ser atropelada por ela. Delegue, Sydney. Passe as responsabilidades para aqueles que entendem do negócio.

Se a espinha estivesse mais reta, teria perfurado seu pescoço.

— Meu avô confiou a Hayward a mim.

— Os idosos se tornam sentimentais. Não posso acreditar que ele esperasse que você levasse tudo tão a sério. — Sua sobrancelha reta, ligeiramente acobreada, franziu-se de leve no que ela entendeu ser um sinal de sincera, embora equivocada, preocupação. — Puxa, você praticamente não vai a uma festa há semanas. Todos estão comentando.

— É mesmo? — Forçou os lábios a curvarem-se por cima de seus dentes trincados. Se ele lhe oferecesse mais um fragmento de conselho, ela despejaria o copo d’água em seu colo. — Channing, por que não me conta sobre a peça?

Do outro lado da mesa, espremido entre Margerite e a Sra. Anthony Lowell, de Boston, Mikhail mantinha o olho em Sydney. Não gostava do jeito como mantinha a cabeça junto do garoto bonito. Não, definitivamente, não gostava. O homem não parava de tocar-lhe a mão, o ombro. O ombro macio, branco e nu. E ela apenas sorria e meneava a cabeça, como se as palavras dele fossem simplesmente fascinantes.

Aparentemente, a rainha de gelo não se importava em ser tocada se as mãos a tocá-la fossem tão alvas quanto as suas. Mikhail soltou um palavrão baixinho.

— Desculpe, Mikhail?

Com esforço, voltou a atenção e o sorriso em direção a Margerite.

— Nada. O faisão está excelente.

— Obrigada. Seria indiscreto perguntar que escultura Sydney encomendou?

Ele lançou um olhar fulminante à extremidade da mesa.

— Vou trabalhar no projeto do Soho.

— Ah! — Margerite não fazia ideia da propriedade que a Hayward pudesse ter no Soho. — Vai ser uma peça para ser colocada na parte interna ou externa?

— Ambas. Quem é o homem ao lado de Sydney? Acho que não fomos apresentados.

— Ah, é Channing. Channing Warfield. Os Warfields são velhos amigos.

— Amigos — repetiu, ligeiramente aliviado.

Num gesto conspiratório, Margerite inclinou-se para chegar mais perto.

— Se posso confiar em você, Whilhemina Warfield e eu temos esperança de que eles anunciem o casamento neste verão. Formam um casal adorável, combinam tão bem. E levando-se em conta que o primeiro casamento de Sydney acabou faz tempo...

— Primeiro casamento? — Ele atirou-se à migalha de informação como um falcão numa pomba. — Sydney já foi casada?

— Sim, mas infelizmente ela e Peter eram jovens e impetuosos demais — disse, convenientemente desconsiderando a pressão familiar que os forçara a se casar. — Agora, Sydney e Channing são pessoas maduras, responsáveis. Estamos esperando um casamento na primavera.

Mikhail pegou o vinho. Sentia um estranho e irritante coçar na garganta.

— O que Channing Warfield faz?

— O que ele faz? — A pergunta a desconcertou. — Os Warfields são banqueiros, então suponho que Channing faz seja lá o que se faz como banqueiro. Ele é um demônio jogando pólo.

— Pólo — repetiu Mikhail com uma expressão de raiva tão ameaçadora que Helena Lowell engasgou com o faisão. Prestimoso, Mikhail deu-lhe um forte tapa nas costas e ofereceu-lhe um copo de água.

— O senhor é russo, não é, Sr. Stanislaski? — perguntou Helena, imagens de cossacos a dançarem na cabeça.

— Nasci na Ucrânia.

— Ah, na Ucrânia, certo. Recordo-me de ter lido algo sobre a fuga de sua família pela fronteira quando o senhor era apenas uma criança.

— Escapamos num vagão, pelas montanhas, para a Hungria, depois para a Áustria e finalmente nos estabelecemos em Nova York.

— Um vagão. — Margerite suspirou tomando vinho. — Que romântico!

Mikhail lembrou-se do frio, do medo, da fome. Mas apenas deu de ombros. Duvidava que romances fossem sempre bonitos ou tranquilos.

Aliviado por ele parecer acessível novamente, Helena Lowell começou a lhe fazer perguntas sobre arte.

Depois de uma hora, alegrou-se por escapar dos pretensiosos jargões aprendidos pela matrona da sociedade no curso de arte. Os convidados desfrutavam da música de violino, terraços ventilados e jardins banhados pela lua. A anfitriã girava à sua volta como uma borboleta, os cílios batendo, o riso excitado.

Margerite flertava com ele, de maneira óbvia, e ele não se importou. Era uma mulher bonita e vivaz, vivendo um momento solo entre seu último amante e o próximo. Apesar de deduzir terem ela e a filha muito pouca semelhança, a não ser na aparência, considerou-a inofensiva, até mesmo divertida. Logo, quando ela lhe ofereceu para mostrar-lhe o terraço, seguiu-a.

O vento inundava o ar de fragrâncias. Após as conversas infundáveis ao término do jantar, era uma benção gozar da calma. Mikhail podia observar o mar, a curva da praia, a serena elegância das outras casas escondidas atrás de muros, cercadas de jardins.

E podia ver Sydney encaminhando-se para um canto escuro do terraço abaixo, de braços dados com Channing.

— Meu terceiro marido construiu esta casa — dizia Margerite. — Ele é arquiteto. Quando nos divorcamos, me foi dada a opção de escolher entre esta casa e uma pequena villa em Nice. Naturalmente, escolhi esta, por causa dos inúmeros amigos aqui. — Com um suspiro, virou-se para encará-lo, debruçando-se graciosamente no parapeito. — Devo dizer que adoro este lugar. Quando dou festas, as pessoas se espalham, então é ao mesmo tempo aconchegante e privado. Talvez o senhor possa passar um fim de semana conosco no verão.

— Talvez — respondeu, distraído, olhando Sydney. A luz da lua fazia seu cabelo brilhar como mogno envernizado.

Margerite moveu-se o suficiente para que as coxas de ambos esbarrassem. Mikhail não sabia se devia se surpreender ou achar engraçado. Mas para não ferir-lhe o orgulho, sorriu, afastando-se lentamente.

— Você tem uma casa adorável. Combina com você.

— Adoraria ver seu estúdio. — Margerite deixou o convite insinuar-se em seus olhos. — O lugar onde cria.

— Receio que o ache apertado, quente e chato.

— Impossível. — Sorrindo, ela passou a ponta do dedo nas suas mãos. — Garanto que não vou achar nada chato em você.

Meu Deus, a mulher tinha idade para ser sua mãe e agir como uma virgem de olhos enevoados, inebriados diante do primeiro amor. Mikhail quase se condeou, depois se lembrou ser apenas um momento de sua vida. Pegou-lhe a mão entre as suas.

— Margerite, você é encantadora, mas eu — beijou-lhe os dedos com suavidade — não sou o homem adequado para você.

Ela ergueu um dedo e afagou-lhe o rosto.

— Você se subestima, Mikhail.

— Não, mas percebeu como a subestimara.

No terraço abaixo, Sydney tentava encontrar uma maneira graciosa de desencorajar Channing. Ele era atencioso, digno, solícito e a aborrecia tremendamente.

Era sua culpa, tinha certeza. Qualquer mulher normal se derreteria sob o encanto de um homem como Channing, num ambiente com música, flores, iluminado pela luz da lua. A brisa nas árvores frondosas cheirava a mar, a romance. Channing falava sobre Paris e a mão afagava-lhe suavemente as costas nuas.

Ela desejou estar em casa, sozinha, os olhos percorrendo um grosso arquivo de relatórios quinzenais.

Respirando profundamente, virou-se. Teria que dizer a ele de maneira firme, direta e simples que ele precisava procurar companhia em outro lugar. Foi azar de Sydney olhar para cima e ver Mikhail no terraço com a mãe dela, no momento exato em que ele levou a mão de Margerite aos lábios.

Por que o...? Não podia pensar em nada suficientemente sórdido para chamá-lo. Nojento era simples demais. Gigolô muito lisonjeiro. Ele estava se insinuando para sua mãe. Sua mãe. Quando apenas horas atrás ele estivera...

Bobagem, pensou ao varrer a cena tensa no corredor do prédio da mente. Apenas assumira uma postura de sedutor para se vangloriar, só isso. E ela poderia matá-lo por isso.

Enquanto olhava, Mikhail afastou-se de Margerite, rindo. Depois olhou para baixo. No instante que os olhos se encontraram, Sydney declarou guerra.

Voltou-se para Channing, o rosto tão transtornado que ele quase engasgou.

— Beije-me — pediu.

— Nossa, Sydney.

— Eu disse para me beijar. — Agarrou-o pelas lapelas e Puxou-o contra si.

— Claro, querida. — Satisfeito com a mudança de atitude, segurou-lhe os ombros e curvou-se para ela.

Os lábios macios, quentes e ávidos inclinaram-se sobre os seus com experiente precisão enquanto as mãos acariciaram-lhe as costas. Ele tinha gosto de chocolate de menta. O corpo se encaixava bem no dele.

E ela não sentia nada; nada além da ausência de desejo. Depois, um arrepio, ao mesmo tempo de medo e desespero.

— Você não está tentando, querida — sussurrou. — Sabe que não vou machucá-la.

— Não, não iria.

Nada havia a temer de Channing. Infeliz, deixou-o aprofundar o beijo; ordenou a si mesma sentir algo e corresponder. Sentiu-o recuar antes mesmo dos lábios deixarem os seus, aborrecido e confuso.

— Sydney, querida, não entendo qual é o problema. — Ele alisou as lapelas amassadas. No auge da frustração, levantou os olhos. — Foi como beijar minha irmã.

— Estou cansada, Channing. Melhor entrar e me preparar para ir embora.

Vinte minutos depois, o motorista virou o carro em direção a Manhattan. No assento traseiro, Sydney ereta como uma espada, bem no canto; Mikhail esparramado no banco. Não se deram ao trabalho de falar, nem mesmo as gentis banalidades de duas pessoas que compareceram à mesma festividade.

Ele, fumegando de raiva.

Ela, fria e desdenhosa.

Ela fizera aquilo para irritá-lo, decidiu Mikhail. Deixara aquele idiota vestido de seda quase engoli-la, pelo simples prazer de fazê-lo sofrer.

Por que sofria?, perguntou a si mesmo. Ela não era nada para ele.

Não, ela era algo, corrigiu-se, fitando a escuridão. Seu único problema era descobrir o que exatamente era este algo.

Obviamente, refletiu Sydney, o homem não tinha ética, moral ou vergonha. Ali estava ele, sentado, com ar inocente em serena reflexão depois de seu comportamento abominável. Ela cerrou o cenho diante da imagem do próprio rosto na janela e tentou prestar atenção ao prelúdio de Chopin. Flertar descaradamente com uma mulher vinte anos mais velha. Ridicularizando-a, sim, positivamente ridicularizando-a do terraço.

E ela o contratara. Soltou um suspiro baixo e sibilante entre os dentes. Ah, isso era algo de que se arrependia. Deixara sua preocupação, sua determinação de fazer a coisa certa cegá-la a ponto de contratar um carpinteiro russo tarado e amoral.

Bem, se ele achava que ia começar a brincar de ganhão com a mãe, estava muito enganado.

Respirou, virou-se e lançou-lhe um olhar firme. Mikhail Poderia jurar que a temperatura no carro baixara uns dez graus num estalar de dedos.

— Mantenha-se longe da minha mãe.

Ele lançou-lhe um olhar oblíquo por baixo dos cílios e graciosamente cruzou as pernas.

— O que disse?

— Você me ouviu, Boris. Se acha que vou assistir você dar em cima de minha mãe, sem interferir, pense duas vezes. Ela está carente e vulnerável. Seu último divórcio arrasou-a e ela ainda não superou a separação.

Ele disse algo curto e em tom elevado em seu idioma e fechou os olhos. A irritação fizera Sydney deslizar do assento até poder cutucar-lhe o braço.

— Que diabos isso quer dizer?

— Quer uma tradução? A mais simples é papo furado. Agora cale a boca. Vou dormir.

— Você não vai fazer nada até acertamos isso. Mantenha suas mãos grandes e sujas longe da minha mãe ou eu vou transformar aquele prédio do qual tanto gosta num estacionamento.

Entreabriu os olhos. O brilho dos olhos zangados demonstrava satisfação.

— Uma grande ameaça vinda de uma mulher pequena — disse numa voz simulando preguiça. Ela estava muito perto para se sentir confortável e seu perfume impregnava-lhe os sentidos, intercalando a raiva com algo mais primitivo. — Você devia se concentrar no terno e deixar sua mãe cuidar dela mesma.

— Terno? Que terno?

— O banqueiro que passou a noite roçando em você.

Ruborizou-se.

— Com certeza ele não estava. Ele é muito educado para roçar em mim ou algo semelhante. E Channing é problema meu.

— Então você cuida de seus problemas e eu dos meus. Agora, vamos ver os que temos em comum. — Num momento ele estava esticado e no outro a virara, pressionando-a contra o peito. Atônita, Sydney empurrou-o e tentou desvencilhar-se do abraço. Ele intensificou-o. — Como pode ver, não tenho modos.

— Ah, eu sei disso! — Jogou a cabeça para trás, erguendo o queixo. — O que pensa estar fazendo?

Ele daria tudo para saber. Ela estava rígida como um iceberg, mas havia algo incrível e, céus, inevitável, sobre o jeito como se encaixava em seus braços. Embora se amaldiçoasse, segurou-a apertado, apertado o suficiente para sentir o subir e descer irregular dos seios contra seu peito, saborear a respiração doce, o gosto sutil de vinho nos lábios.

Ia lhe dar uma lição, pensou com raiva, e ela ia aprender.

— Decidi ensinar você a beijar. Pelo que vi do terraço, você teve um péssimo desempenho com aquele jogador de pólo.

Choque e fúria a mantiveram estática. Não iria contorcer-se, gritar ou dar-lhe a satisfação de assustá-la. Os olhos dele estavam perto, desafiantes. Ela achou ter entendido exatamente como Lúcifer devia ter olhado ao atravessar os portões do próprio paraíso em direção às trevas.

— Seu idiota convencido! — Por querer esbofeteá-lo, manteve os punhos fechados e olhou com superioridade por cima de seu nariz pequeno e reto. — Não há nada que possa me ensinar.

— Não? — Ele pensou se não seria melhor estrangulá-la e acabar logo com tudo. — Vamos ver então. Seu Channing colocou as mãos aqui. Foi isso? — Ele segurou-lhe os ombros. O calafrio repentino e involuntário gelou sua pele. — Está com medo de mim, *milaya*?

— Não seja ridículo. — Mas ela estava profundamente amedrontada. Engoliu o medo quando os polegares acariciaram-lhe a pele desnuda.

— É bom causar calafrios. Faz um homem sentir-se forte. Não acredito que tenha sentido calafrios por causa daquele Channing.

Ela nada disse e pensou se ele sabia que o sotaque se acentuara. Soava exótico, erótico. Ele pensou se conseguiria falar com ela fitando-o, à espera.

— O jeito dele não é o meu — murmurou. — Vou mostrar a você.

Os dedos apertaram-se em torno de sua nuca, puxando-lhe a cabeça em direção ao rosto dele. Ouviu-a ofegar quando ele parou, apenas uma fração de segundos antes de os lábios se tocarem. Os olhos dela ocuparam-lhe todo o campo de visão, aquele azul imenso, desconfiado. Ignorando o espasmo nas entranhas, sorriu, virou a cabeça apenas um centímetro e tocou os lábios na linha de seu maxilar.

Ela conseguiu abafar apenas parte do gemido. Instintivamente jogou a cabeça para trás, permitindo-lhe ter acesso à coluna longa e sensível de seu pescoço.

O que ele estava fazendo com ela? Sua mente corria frenética para alcançar o corpo que levantava voo. Por que ele não terminava de uma vez para que ela pudesse escapar com o orgulho intacto?

Ela iria matá-lo por causa disso. Esmagá-lo. Destruí-lo.

E ai, como era delicioso, maravilhoso. Perigoso.

Ele só conseguia pensar no seu sabor de manhã — manhãs frescas, primaveris, quando o orvalho caía sobre a grama verdinha, verdinha, e sobre as

flores a desabrochar. Ela tremeu, envolvida entre os braços dele, o corpo ainda contraído, apesar de ter afastado para trás a cabeça, num gesto de entrega.

Quem era ela? Ele mordiscou-lhe a orelha; ansiando para que ela desvendasse o mistério.

Mil, um milhão de arrepios de prazer dançavam em sua pele. Sacudida por eles, começou a se afastar. Mas as mãos dele escorregaram por suas costas e derreteram sua coluna. Todo o tempo os lábios dele provocavam, atormentavam, nunca, nunca, se aproximando dos dela para aliviar a angustiante tensão.

Ela queria.

O calor lento e instável a incendiar-lhe por dentro. O desejo a consumia.

Espalhava-se, espalhava-se por seu sangue e ossos. Ela precisava.

Ondas e ondas de fogo líquido a agitar, cruzar e transbordar em sua pele. Ela se rendeu.

Num segundo o fogo explodiu em seu corpo. Bocas coladas, pressionou o corpo contra o dele, unindo gelo ao fogo, até evaporar e deixar o ar pesado a ponto de bloquear-lhe a garganta. Enfiou os dedos nos cabelos dele e puxou-os ao ser consumida pelo gosto inebriante da própria paixão.

Isso. Pelo menos isso. Ele era rude, impaciente e cheirava a homem e não a colônias caras. As palavras que murmurava contra sua boca eram incompreensíveis. Mas não soavam como carícias, juramentos, promessas. Soavam como ameaças.

A boca de Mikhail não era macia, morna, ansiosa; mas quente, dura, implacável. Era isso que queria, assim como o encontro de lábios e línguas despreocupadas e apressadas.

As mãos não eram hesitantes nem hábeis, mas firmes e impacientes. Como numa vertigem, refletiu que ele era do tipo que pegaria o que quisesse, quando e onde lhe conviesse. O prazer e o poder que isso lhe proporcionava explodiram nela como a luz do sol. Deixou escapar o nome dele quando ele desceu a parte superior do vestido e encheu as mãos calosas com seus seios.

Ele se afogava nela. O gelo derreteria e ele perdera o juízo, muito confuso pra saber se deveria mergulhar mais fundo ou tentar chegar à superfície. O perfume, o gosto — oh céus! — a textura da pele. Alabastro, seda e pétalas de rosa. Todas as coisas belas que um homem poderia desejar tocar, roubar, reivindicar como suas. As mãos dele a percorriam enquanto buscava mais.

Proferindo uma maldição, mudou de lugar e a colocou debaixo dele no assento comprido e aveludado do carro, os cabelos espalhados como cobre derretido, o corpo mexendo-se, mexendo-se debaixo dele, os seios alvos expostos acima do vestido preto atormentando-o, convidando-o a prová-los.

Ela curvou-se e enfiou as unhas nas costas dele quando ele os lambeu. Um frenesi profundo e delicioso atingiu o âmago de seu corpo. E ela o queria ali, ali onde o calor era mais intenso. Ali onde ela se sentia tão macia, tão carente.

— Por favor. — Ela podia ouvir o lamento na voz, mas não sentiu constrangimento. Apenas frustração. — Mikhail, por favor.

O ronronar rouco ferveu-lhe o sangue. Ele voltou para sua boca, atacando-a, devorando-a. Enlouquecido, colocou a mão no vestido, prestes a arrancá-lo. E admirou, admirou-lhe o rosto, os olhos enormes, os lábios trêmulos. Luz e sombra se mesclavam, deixando-a pálida como um fantasma. Ela tremia como uma folha em suas mãos. E ele ouviu o barulho do tráfego lá fora.

Ele subiu à tona abruptamente, sacudindo a cabeça para clareá-la, buscando ar como um mergulhador há muito embaixo d'água. Eles estavam na cidade, a privacidade tão tênue quanto o painel de vidro enfumaçado a separá-los do motorista. E ele estava abusando, sim, abusando dela como se fosse um adolescente atrevido sem o juízo que Deus lhe dera.

O pedido de desculpas entalou na garganta. Um *“Peço que me desculpe”* dificilmente funcionaria. Com olhos desgostosos, desejo pulsante, ele arrumou-lhe o vestido. Ela apenas o fitou fazendo-o sentir-se como um pagão executando o sacrifício de uma virgem. E que Deus o ajudasse, mas ele queria concretizá-lo.

Praguejando, afastou-a e puxando-a com força, colocou-a ereta. Recostou-se nas sombras e fitou a janela escura. Estavam a poucas quadras do apartamento dele. A quadras, e ele quase... Bem, pensar no que quase fizera de nada adiantaria.

— Estamos quase chegando. — A tensão tornava a voz cortante e áspera. Sydney recuou como se tivesse sido esbofeteada.

O que fizera de errado desta vez? Sentira e quisera. Sentira e quisera mais do que nunca antes. Ainda assim fracassara. Naquele momento intempestivo, estava disposta a pôr de lado orgulho e medo. Sentira paixão, real e avassaladora. E, refletiu, ele também sentira paixão por ela.

Mas não o bastante. Fechou os olhos. Nunca parecia o suficiente. Agora estava fria, congelada e envolveu-se nos próprios braços, tentando conservar algum calor remanescente.

Diabos, por que ela não disse alguma coisa? Mikhail passou a mão trêmula no cabelo. Merecia ser esbofeteado. Ou melhor, baleado. E ela continuava sentada.

Ao olhar pela janela, pensativo, reconheceu não ter sido o único responsável. Ela fora tão imprudente, apertando aquele corpo maravilhoso contra o seu, deixando aquela boca larga e deliciosa enlouquecê-lo. Espalhando aquele maldito perfume por toda a pele macia até ele embriagar-se.

Ele começou a se sentir melhor. Sim, havia duas pessoas em conflito no banco traseiro. Ela era tão culpada quanto ele.

— Ouça, Sydney. — Ao voltar-se, ela saltou como um boneco de mola.

— Não me toque. — Ele apenas percebeu o veneno e nada das lágrimas.

— Está certo. — A culpa o abandonara quando o carro parou no meio-fio.

— Vou manter minhas mãos grandes e sujas longe de você, Hayward. Chame outra pessoa quando quiser um amasso no banco de trás.

Os punhos fechados ajudaram-na a manter o orgulho e a compostura.

— Eu realmente falava sério a respeito de minha mãe.

Ele empurrou a porta. A luz inundou o carro, iluminando-lhe o rosto, tornando-o branco como cera.

— Eu também. Obrigado pela carona.

Quando a porta bateu, ela apertou os olhos. Não choraria. Uma única lágrima escapou-lhe ao controle e foi enxugada. Não choraria. E não esqueceria.

CAPÍTULO QUATRO

Sydney enfrentara um longo dia. Na verdade, uma longa semana que atingia cerca de sessenta horas entre o expediente no escritório, almoços de negócios e noites em casa com arquivos. Ainda faltavam algumas horas neste dia em particular, mas experimentou uma nova sensação de alívio e satisfação que chegava com as tardes de sexta, quando a força de trabalho começava a ansiar pelas manhãs de sábado.

Durante toda a vida adulta, os dias eram uns iguais aos outros; todos uma sucessão de atividades benéficas, compras e almoços. Nunca tivera horário a cumprir e os fins de semana eram simplesmente dias em que as festas terminavam mais tarde.

As coisas haviam mudado. Enquanto lia um novo contrato, sentia-se contente por terem mudado. Começava a entender por que o avô sempre demonstrara tanto vigor e vitalidade. Tinha um propósito, um lugar, um objetivo.

Que agora lhe pertenciam.

Sem dúvida, ainda necessitava dominar os termos mais técnicos de contratos e dependia, em demasia, da opinião do Conselho quando se tratava de fechar negócios. Mas começava a apreciar e saborear o grande jogo de xadrez de compra e venda de prédios.

Fez um círculo no que considerava uma cláusula mal escrita e depois atendeu o interfone.

— O Sr. Bingham está aqui para vê-la, Srta. Hayward.

— Mande-o entrar, Janine. Ah, e veja se consegue ligar para Frank Marlowe da *Marlowe, Radcliffe e Smyth*.

— Sim senhora.

Quando Lloyd entrou um minuto depois, Sydney ainda estava imersa no contrato. Levantou o dedo pedindo um minuto para terminar.

— Lloyd, desculpe, se perco minha concentração nesses “considerando que”, preciso recomeçar tudo de novo. — Rabiscou uma nota para si mesma, colocou-a de lado junto com o contrato e depois sorriu para ele. — Em que posso ajudá-lo?

— O projeto Soho. Fugiu inteiramente ao controle.

Contraíu os lábios. Pensar no Soho a fazia pensar em Mikhail. Mikhail lembrava-lhe uma turbulenta carona de *Long Island* a Manhattan e seu último fracasso como mulher. Pouco lhe importava.

— Em que sentido?

— Em todos os sentidos. — Com uma fúria mal contida, começou a andar de um lado para o outro. — Duzentos e cinquenta mil dólares. Você destinou um quarto de um milhão para remodelar aquele prédio.

Sydney permaneceu onde estava e calmamente cruzou as mãos na mesa.

— Estou ciente disso, Lloyd. Levando em consideração o estado do prédio, a proposta do Sr. Stanislaski me pareceu bastante razoável.

— Como pode saber? Por acaso examinou outras propostas?

— Não. — Os dedos curvaram-se para depois relaxarem. Era difícil, mas se lembrou que ele tivera que trilhar seu caminho galgando degraus, enquanto ela fora içada ao topo. — Segui meus instintos.

— Instintos? — Os olhos estreitaram-se, ele voltou-se e o escárnio na voz era tão denso quanto o tapete em que pisava. — Você está no negócio há meses e tem instintos!

— Exatamente. Também estou ciente de que a estimativa para trocar a fiação, os encanamentos e os reparos de carpintaria equiparava-se a outras obras similares.

— Vá pra o diabo, Sydney, não gastamos tanto dinheiro no prédio do escritório ano passado.

Um dedo fino começou a tamborilar na mesa.

— Aqui no prédio da Hayward apenas mudamos a decoração. Muitos dos reparos no Soho são questão de segurança e adequação das instalações para

atender o código.

— Um quarto de milhão de dólares em reparos. — Bateu as mãos na mesa e inclinou-se. Sydney lembrou-se de Mikhail fazendo gesto similar. Mas é claro que as mãos de Lloyd não deixariam marca de sujeira. — Você sabe qual nossa renda anual naqueles apartamentos?

— Para ser sincera, sei. — Ela citou o valor, surpreendendo-o. Era correto até nos centavos. — Se por um lado, levaremos mais de um ano de ocupação total para recuperar a maior parte deste investimento, por outro, acredito que as pessoas que pagam o aluguel em dia merecem habitação decente.

— Decente, certamente — disse Lloyd, inflexível. — Você está misturando princípios morais com negócios.

— Ah, espero que sim. Com certeza, espero que sim.

Ele se afastou, furioso por ela sentar-se tão presunçosa e correta atrás de uma mesa que deveria ser sua.

— Você é ingênua, Sydney.

— Pode ser verdade. Mas enquanto eu dirigir esta empresa, ela vai funcionar segundo meus padrões.

— Você acha que a dirige porque assina alguns poucos contratos e faz umas ligações. Você colocou um quarto de milhão no que você mesma qualificou como seu projeto de estimação e não faz ideia do que aquele Stanislaski está tramando. Como sabe que ele não está comprando material de segunda e embolsando a grana?

— Isto é absurdo!

— Como disse, você é ingênua. Coloca um artista russo como responsável por um projeto importante e nem se importa em checar o andamento do trabalho.

— Pretendo inspecionar eu mesma o projeto. Tenho andado ocupada, mas recebo relatórios semanais do Sr. Stanislaski.

Ele fitou-a com desprezo. Antes de perder a calma, Sydney se deu conta de que Lloyd tinha razão. Contratara Mikhail por impulso e instinto e, depois,

devido a sentimentos pessoais, negligenciara envolver-se no acompanhamento do trabalho.

Não era ingenuidade. Era covardia.

— Você está absolutamente certo, Lloyd, e vou corrigir a situação. — Recostou-se na cadeira. — Mais alguma coisa?

— Você cometeu um erro — preveniu ele. — Erro muito caro, neste caso. O Conselho não vai tolerar outro.

Com as mãos descansadas levemente nos braços da poltrona, ela meneou a cabeça.

— E você espera convencê-los de que esta poltrona pertence a você.

— São homens de negócios, Sydney. E embora, por questões sentimentais, prefiram uma Hayward na cabeceira da mesa, perdas e ganhos mudam o jogo.

A expressão permaneceu plácida, a voz serena.

— Tenho certeza de que você está novamente com a razão. E se o Conselho continuar a me apoiar, quero duas coisas de você: sua demissão ou sua lealdade. Não vou aceitar meio termo. Agora, se me der licença.

Quando a porta bateu, ela pegou o telefone. Mas a mão tremia e ela colocou-o no gancho. Pegou um clipe e o deformou. Em seguida, um segundo, um terceiro. Graças aos cliques e às duas folhas de papel picadas em pedacinhos, sentiu a raiva diminuir.

Com a cabeça fresca, encarou os fatos.

Lloyd Bingham era um inimigo — e um inimigo experiente e influente. Agira com precipitação no projeto Soho. Não que estivesse errada; não acreditava estar errada. Mas se havia erros, Lloyd iria capitalizar em cima deles e deixá-los cair em suas costas.

Era possível estar arriscando tudo que o avô lhe deixara com um projeto? Seria forçada a renunciar se não pudesse provar ter agido da maneira correta e que valera a pena?

Não tinha certeza e isso não era o pior.

Um passo de cada vez. Era o único jeito de prosseguir. E o primeiro passo era ir ao Soho e fazer seu trabalho.

O céu apresentava-se numa tonalidade pálida. Durante os últimos dias, o calor diminuía, mas voltara a invadir a cidade naquela manhã como um rio, inundando Manhattan de umidade. O tráfego de pedestres agitava-se em meio ao calor, jorrando nos cruzamentos em bandos acalorados.

Jovens de shorts e homens em ternos suados amontoavam-se em torno de vendedores nas calçadas na esperança de que um picolé ou um refrigerante os ajudasse a vencer o calor.

Quando Sydney saltou do carro, o ar abafado a atingiu como um soco. Pensou no motorista, trancado no veículo, e o dispensou. Cobrindo os olhos com a mão, estudou seu prédio.

Andaimes subiam pelas paredes como heras de metal. Janelas reluziam, as etiquetas dos fabricantes pregadas nos vidros. Julgou ter visto um par de mãos com artrose arrancando uma etiqueta numa janela do terceiro andar.

Sinais na porta de entrada, avisos de construção em andamento. Podia ouvir o barulho da obra, o ressoar dos martelos, o zunir dos serrotes, o retinir do metal e o som baixinho de rock nos walkmans.

No meio-fio, a van do bombeiro, uma picape amassada, e um aglomerado de espectadores interessados. Já que todos olhavam na mesma direção, seguiu-lhes o olhar. E viu Mikhail.

Por um instante, o coração parou de bater. Ele estava do lado de fora, no último andar, cinco andares acima, movendo-se com agilidade no que parecia a Sydney uma tábua muito estreita.

— Menina, dá uma olhada nesse traseiro — uma mulher do lado dela exclamou entre suspiros. — De primeira!

Sydney engoliu em seco. Devia ser. Tampouco as costas nuas eram de se jogar fora. O problema é que era difícil se deleitar com a visão quando lhe passava pela cabeça que ele podia escorregar do andaime e quebrar as lindas costas no concreto da calçada.

Em pânico, disparou para dentro do prédio. As portas do elevador estavam abertas e alguns operários carregavam ou descarregavam as ferramentas. Não parou para perguntar e subiu apressadamente as escadas.

Homens suados colocavam gesso na escadaria entre o segundo e o terceiro andar. Interromperam o trabalho, assobiaram e piscaram, mas ela continuou subindo. Alguém assistia à televisão aos berros, provavelmente para abafar a barulheira da obra. Um bebê chorava intermitentemente. Sentia o cheiro de galinha frita.

Sem parar para recuperar o fôlego, lançou-se do quarto ao quinto andar. Ouviu a voz desafinada de um trabalhador acompanhando uma música *heavy metal*.

Como a porta de Mikhail estava escancarada, entrou. Quase tropeçou num homem grisalho, braços como troncos de madeira, agachado, separando as ferramentas. Ele levantou-se graciosamente.

— Desculpe. Não o tinha visto.

— Não faz mal. Gosto de mulheres caindo aos meus pés. Ela registrou o sotaque eslavo enquanto esquadrihava, desesperada, o aposento, procurando Mikhail. Talvez todo mundo no prédio fosse russo, pensou histérica. Talvez ele tivesse importado bombeiros da terra natal.

— Posso ajudá-la?

— Não. Sim. — Apertou a mão no coração ao perceber estar totalmente sem respiração. — Mikhail.

— Ele está lá fora. — Intrigado, olhou-a apontando em direção à janela.

Ela o podia ver — pelo menos podia ver o torso liso e bronzeado.

— Lá fora. Mas, mas...

— Já estamos terminando o trabalho por hoje. Gostaria de sentar?

— Faça-o entrar — sussurrou Sydney. — Por favor, faça-o entrar.

Antes que ele pudesse responder, a janela foi aberta e Mikhail enfiou uma perna comprida e musculosa para dentro. Ele disse algo na língua nativa com voz alegre, quando o resto do corpo entrou. Ao ver Sydney, a risada evaporou-se.

— Hayward. — Ele bateu com a furadeira na palma da mão.

— O que estava fazendo lá fora? — A pergunta saiu num tom de acusação.

— Substituindo janelas. — Colocou a furadeira de lado. — Algum problema?

— Não, eu... — Não podia se lembrar de ocasião em que se sentira mais tola. — Vim checar os progressos.

— Então levo você para dar uma olhada num minuto.

Foi até a cozinha, enfiou a cabeça na pia e abriu a torneira de água fria.

— Ele tem a cabeça quente — disse o homem às suas costas, rindo da própria piada. Quando Sydney só conseguiu dar um sorrisinho sem graça, ele chamou Mikhail falando rápido naquela língua estrangeira exótica.

— Tak — foi tudo que disse. Mikhail veio pingando, o cabelo caído por cima da bandana. Sacudiu-o para trás, espalhando água, depois levantou os ombros e prendeu os polegares nas presilhas da calça. Molhado, suado e seminu. Sydney precisou dobrar a língua dentro da boca para impedi-la de ficar pendurada do lado de fora.

— Meu filho é rude. — Yuri Stanislaski balançou a cabeça. — Eu o eduquei melhor.

— Seu... Oh! — Sydney olhou o homem com o rosto largo e mãos lindas. As mãos de Mikhail. — Como vai, Sr. Stanislaski?

— Vou bem. Sou Yuri. Perguntei a meu filho se você é a Hayward dona deste prédio. Ele apenas disse que sim e olhou de cara feia.

— Bem, sim, sou eu.

— É um bom prédio. Só um pouco doente. E somos médicos. — Ele riu para o filho, depois rugiu algo em ucraniano.

Desta vez um sorriso brotou na boca de Mikhail como resposta.

— Não, você ainda não perdeu um paciente, papai. Vá para casa jantar.

Yuri suspendeu a caixa de ferramentas.

— Venha também e traga a moça bonita. Sua mãe sempre faz bastante comida.

— Bem, obrigada, mas...

— Estou ocupado hoje à noite, papai. — Mikhail cortou a recusa gentil de Sydney.

Yuri levantou uma sobrancelha peluda.

— Você está bobo hoje — disse em ucraniano. — Não foi por causa dela que passou a semana sofrendo?

Aborrecido, Mikhail pegou um pano de prato e enxugou o rosto.

— Mulheres não me fazem sofrer.

Yuri apenas sorriu.

— Esta faria. — Em seguida, virou-se para Sydney. — Agora também estou sendo rude falando uma língua que você não compreende. Ele é péssima influência. — Ergueu-lhe a mão e beijou-a com um charme indiscutível. — Encantado em conhecê-la.

— Eu também.

— Coloque uma camisa — ordenou Yuri ao filho e depois saiu, assobiando.

— Ele é muito simpático — disse Sydney.

— Sim. — Mikhail pegou a camiseta que tirara horas antes, mas apenas a segurou. — Então você quer ver o trabalho.

— Sim, pensei...

— As janelas estão prontas — interrompeu-a. — A fiação está quase pronta. Isso e o encanamento levarão outra semana. Venha.

Ele saiu andando mais de meio metro à frente; depois, entrou no outro apartamento sem bater.

— É de Keely — explicou. — Ela saiu.

A sala era um amontoado de cores fortes e perfumes. Almofadas coloridas e várias peças de roupa feminina cobriam a mobília velha e despencada. A cozinha em anexo estava uma bagunça — não por causa de pratos, panelas ou frigideiras —, mas devido às paredes derrubadas com fios grossos contorcidos.

— As obras devem ser um transtorno para ela, para qualquer um.

— Melhor do que ligar uma batedeira de bolo e provocar um curto-circuito. A fiação antiga estava puída, corroída e cheia de remendos, com uns 40 anos ou mais. Esta é Romex. Mais eficiente, mais segura.

Ela inclinou-se por cima de seu ombro, observando os fios.

— Bem. Hummm.

Por pouco sorriu. Talvez o fizesse se ela não cheirasse tão bem. Em vez disso, afastou-se uns 30 centímetros propositadamente.

— Depois da inspeção, colocaremos novas paredes. Venha.

Era um tormento para ambos, mas ele mostrou-lhe cada estágio do trabalho, indo de um andar a outro, indicando-lhe encaixes de canos de PVC e metros e metros de tubulação de cobre.

— A maior parte do piso pode ser reaproveitada com areia e acabamento. Mas parte precisará ser substituída.

Ele tropeçou num pedaço de madeira compensada que prendera num buraco no segundo andar.

Sydney simplesmente meneava a cabeça, fazendo perguntas só quando pareciam inteligentes. A maior parte dos trabalhadores já se fora para pegar o pagamento semanal. O nível de barulho diminuía e ela podia ouvir vozes abafadas atrás das portas fechadas, trechos de música ou corridas de carro na televisão. Ela levantou uma sobrancelha ao ouvir um sax tenor tocando a *“Rapsódia em Blue”*.

— É Will Metclaf — comentou Mikhail. — Ele é bom mesmo. Toca num conjunto.

— Sim, ele é bom. — O corrimão onde apoiara a mão para descer era liso e sólido. Obra de Mikhail, pensou. Consertara, substituíra quando fora

preciso, pois se preocupava com os moradores do prédio. Ele sabia quem estava tocando sax ou comendo galinha frita, de quem era o bebê rindo.

— Você está satisfeito com o andamento da obra? — perguntou, baixinho.

O tom de sua voz fez com que ele a olhasse, algo que vinha tentando evitar. Alguns fios soltos de cabelo escapavam dos grampos e enroscavam-se nas têmporas. Entreviu sardas pálidas no nariz.

— Bastante satisfeito. Você é quem deveria responder. O prédio é seu.

— Não, não é — afirmou, com olhos sérios e tristes. — É seu. Eu só assino os cheques.

— Sydney...

— Já vi o bastante para constatar que você já tomou várias providências. — Descia as escadas às pressas enquanto falava. — Não deixe de entrar em contato com meu escritório, por ocasião do próximo adiantamento.

— Droga. Vai mais devagar. — Ele a alcançou na parte inferior da escada e agarrou-lhe o braço. — O que há de errado com você? Primeiro chega na minha sala pálida e sem respiração. Agora sai correndo e seus olhos demonstram infelicidade.

Ela fora atingida, e bem fundo, ao tomar consciência de não ter uma comunidade de pessoas que se preocupassem com ela. Seu círculo de amigos era tão reduzido, tão egoísta. Peter fora seu melhor amigo e a amizade terminara irremediavelmente. Sua vida era solitária e ela invejava o envolvimento, a proximidade que sentia nesse lugar. O prédio não era dela, voltou a pensar. Ela era apenas a proprietária.

— Não estou fugindo, e não há nada de errado comigo. — Precisava sair, escapar, mas precisava fazê-lo com dignidade. — Eu levo este trabalho muito a sério. É meu primeiro projeto de vulto desde que assumi a empresa. Quero que saia tudo certo. E eu corri um risco ao... — A voz sumiu, olhando a porta à sua direita. Podia jurar ter ouvido alguém pedir socorro. A televisão, pensou, mas antes que pudesse continuar, voltou a ouvir um grito fraco, patético.

— Mikhail, está ouvindo?

— Ouvindo o quê? — Como podia ouvir algo quando estava tentando não voltar a beijá-la?

— Aqui. — Virou-se em direção à porta, aguçando os ouvidos. — Sim, aqui, eu ouvi.

Desta vez ele também ouviu. Levantando o punho, bateu na porta.

— Sra. Wolburg, Sra. Wolburg, sou eu Mik.

A voz trêmula mal ultrapassava a madeira.

— Machucada. Socorro.

— Meu Deus, ela está...

Antes que Sydney pudesse terminar. Mikhail golpeou a porta com o ombro. Na segunda investida, a porta caiu no chão, presa apenas pelas dobradiças.

— Na cozinha — chamou a Sra. Wolburg em tom fraco. — Mik, graças a Deus.

Ele atravessou o apartamento com paninhos de crochê e papel de parede florido e encontrou-a no chão da cozinha. Uma mulher miúda, pele e osso. O cabelo branco, normalmente bem penteado, era uma massa de suor.

— Não posso ver — murmurou. — Deixei cair meus óculos.

— Não se preocupe. — Ele ajoelhou-se a seu lado, automaticamente checando o pulso enquanto observava os olhos marejados de dor. — Chame uma ambulância. — ordenou a Sydney, mas ela já estava ao telefone. — Não vou ajudá-la a se levantar, porque não sei onde se machucou.

— O quadril. — Ela trincou os dentes por causa da dor terrível a irradiar-se. — Acho que fracturei o quadril. Tropecei, caí. Não conseguia me mover. Com todo o barulho, ninguém me ouviu gritar. Estou aqui há umas duas ou três horas. Fiquei tão fraca.

— Está tudo bem agora. — Ele tentou aquecer-lhe as mãos friccionando-as. — Sydney, pegue uma coberta e um travesseiro.

Ela já os tinha nos braços e já se agachava ao lado da Sra. Wolburg antes que ele terminasse de dar a ordem.

— Pronto. Vou levantar sua cabeça só um pouquinho. — Gentilmente, colocou a cabeça da senhora no travesseiro. Apesar do calor sufocante, a Sra. Wolburg tremia de frio. Continuou a falar em voz baixa, reconfortante, enquanto a cobria.

— Só mais alguns minutos — murmurou Sydney, acariciando a testa fria e úmida.

Uma multidão formava-se na porta. Embora não quisesse deixar Sydney com a mulher ferida, levantou-se.

— Quero manter os vizinhos afastados e mandar alguém esperar a ambulância.

— Está certo. — Apesar do medo crescente, continuou a sorrir para a Sra. Wolburg. — A senhora tem um apartamento adorável. Foi a senhora quem fez os descansos de crochê?

— Venho fazendo trabalhos de agulha há uns 60 anos, desde que engravidei de minha primeira filha.

— Eles são lindos. A senhora tem outros filhos?

— Seis, três moças e três rapazes. E vinte netos. Cinco bisnetos... — Fechou os olhos tomada por uma onda de dor, depois voltou a abri-los e conseguiu esboçar um sorriso. — Ficam brigando comigo por eu morar sozinha, mas gosto de meu canto, arrumado do meu jeito.

— Claro.

— Minha filha Lizzy mudou-se para Phoenix, no Arizona. Por que eu ia querer morar lá?

Sydney sorriu e acariciou-a.

— Não saberia dizer.

— Agora vão insistir... — murmurou e deixou os olhos voltarem a se fechar. — Nada disso teria acontecido se eu não tivesse deixado os óculos caírem. Uma miopia terrível. É um inferno ficar velha, garota; não deixe ninguém convencê-la do contrário. Não conseguia ver por onde andava e tropecei no linóleo arreventado. Mik me disse para mantê-lo colado com fita

adesiva, mas eu quis dar uma boa esfregadela. — Conseguiu dar um sorriso hesitante. — Pelo menos fiquei deitada no chão limpo.

Mikhail comunicou:

— Os paramédicos estão subindo. — Sydney apenas meneou a cabeça, tomada por um terrível sentimento de culpa e raiva que temia botar para fora.

— Pode avisar meu neto, Mik? Ele mora na rua 81. Ele se encarrega de avisar o resto da família.

— Não se preocupe com isso, Sra. Wolburg.

Quinze minutos depois, Sydney parou na calçada olhando a maca ser levantada e colocada na parte traseira da ambulância.

— Conseguiu falar com o neto dela? — perguntou a Mikhail.

— Deixei uma mensagem na secretária eletrônica.

Meneando afirmativamente a cabeça, foi até o meio-fio chamar um táxi.

— Onde está seu carro?

— Dispensei o motorista. Não sabia quanto tempo me demoraria e estava muito quente para deixá-lo sentado lá dentro. Talvez eu deva entrar e pedir um táxi.

— Está com pressa?

Ela recuou ao ouvir o som da sirene.

— Quero ir ao hospital.

Embaraçado, enfiou as mãos nos bolsos.

— Você não precisa ir.

Ela virou-se e seus olhos, no breve momento em que o fitou, estavam emocionados. Sem nada dizer, voltou o rosto até um táxi parar no meio-fio. Nem disse nada quando Mikhail entrou no táxi atrás dela.

Odiava o cheiro de hospitais. Camadas de doença, antissépticos, medo e material de limpeza pesado. A lembrança dos últimos dias do avô à beira da

morte ainda estava muito viva em sua memória. A sala de emergência do hospital naquela área adicionava uma camada a mais: sangue fresco.

Sydney resistiu e atravessou a multidão de doentes e feridos até a recepção.

— A Sra. Wolburg acaba de dar entrada.

— Isso mesmo. — A recepcionista apertava teclas no computador. — A senhora é da família?

— Não, eu...

— Vamos precisar de alguém da família para preencher estes formulários. A paciente disse não ter plano de saúde.

Mikhail já estava se debruçando, olhos perigosos, quando Sydney deu a resposta:

— A Hayward Industries se responsabilizará por todas as despesas médicas da Sra. Wolburg. — Pegou a identidade na bolsa e a atirou no balcão. — Sou Sydney Hayward. Onde está a Sra. Wolburg?

— Está no raio-X. — A frieza dos olhos de Sydney deixou a recepcionista pouco à vontade em sua cadeira. — O Dr. Cohen a está atendendo.

Então eles esperaram, beberam um café péssimo entre os gemidos e lágrimas da sala de emergência da área pobre da cidade. Por vezes, Sydney encostava a cabeça na parede e fechava os olhos. Parecia estar cochilando, mas todo tempo imaginava como se sentiria alguém velho, só e desprotegido.

Ele preferia pensar que ela apenas tentava livrar a cara. Ah, sim, preferia pensar isso dela. Era tão mais confortável vê-la como a cabeça insensível de alguma empresa do que como mulher.

Mas recordou-se de como agira no apartamento de Wolburg, do quão gentil se mostrara com a senhora idosa. E acima de tudo, recordava-se de seu olhar na rua. Toda a tristeza, compaixão e culpa transbordando daqueles olhos grandes.

— Ela tropeçou no linóleo — murmurou Sydney.

Era a primeira vez que falava em quase uma hora e Mikhail virou a cabeça para observá-la. Os olhos ainda estavam fechados, o rosto pálido e em repouso.

— Ela só estava andando na cozinha de casa e caiu por causa do piso velho e inseguro.

— Você o está tornando seguro.

Sydney continuou como se não tivesse escutado.

— E ela podia ter ficado caída lá, machucada e sozinha. A voz era tão fraca. Quase segui adiante.

— Você não seguiu adiante. — Repousou a mão hesitante na dela. Depois, com um impropério, pressionou sua mão na mão dela. — Você é só uma Hayward, Sydney. Seu avô...

— Ele estava doente. — Contraíu a mão e apertou os olhos. — Ele estava doente há quase dois anos e eu estava na Europa. Eu não sabia. Ele não queria atrapalhar minha vida. Meu pai estava morto, só restava eu e ele não quis me preocupar. Quando finalmente me chamou, estava quase no fim. Era um homem bom. Não teria deixado as coisas ficarem tão ruins, mas ele não podia... simplesmente não podia.

Ela deixou escapar um suspiro trêmulo. Mikhail virou-lhe a mão e entrelaçou os dedos aos dela.

— Quando cheguei em Nova York, ele estava no hospital. Parecia tão frágil, tão cansado. Ele me disse que eu era a única Hayward. Depois morreu — disse, cansada. — E eu era.

— Você está fazendo tudo que precisa ser feito. Ninguém pode pedir mais do que isso.

Ela voltou a abrir os olhos e encontrou os dele.

— Não sei.

Esperaram novamente em silêncio.

Quase duas horas tinham se passado quando o neto da Sra. Wolburg, nervoso, entrou correndo. A história toda foi contada antes que ele se apressasse em sair para ligar para o resto da família.

Quatro horas depois de terem entrado na emergência, o médico apareceu para dar-lhes informações.

O quadril fraturado, uma contusão leve. Seria transferida para um quarto tão logo fosse liberada. A idade tornava a fratura séria, mas a boa saúde ajudava a equilibrar a situação. Sydney deixou o telefone de casa e do trabalho com o médico e o neto, solicitando ser informada do estado da Sra. Wolburg.

Exausta, tanto física quanto mentalmente, Sydney saiu do hospital. Mikhail disse:

— Você precisa comer.

— O quê? Não, sério. Só estou cansada...

Ignorando o comentário, pegou-lhe o braço e desceram a rua.

— Por que sempre que digo uma coisa, você diz o contrário?

— Não é verdade.

— Está vendo, acabou de fazer. Você precisa de carne.

Se ela continuasse teimando, ele iria deslocar-lhe o braço. Aborrecida, ela acelerou os passos para acompanhá-lo.

— O que o faz pensar saber do que preciso?

— Eu sei. — Ele parou de repente num sinal e ela esbarrou nele. Antes que pudesse se conter, a mão dele se erguera para tocar-lhe o rosto. — Meus Deus, você é tão linda.

Enquanto ela piscava surpresa, ele praguejou, olhou de cara feia e depois a arrastou, segundos antes do sinal abrir.

— Talvez eu não esteja satisfeito com você — prosseguiu, resmungando para si mesmo. — Talvez ache você chata, esnobe e...

— Não sou esnobe.

Ele disse algo vagamente familiar em ucraniano. Sydney ergueu o queixo ao lembrar-se da tradução.

— Não é bobagem. Você é o esnobe, se acha que sou, simplesmente por pertencer a outro meio.

Ele parou, fitando-a num misto de desconfiança e interesse.

— Ótimo! Então não vai se importar em comer aqui. — Empurrou-a com força para um bar-restaurant barulhento. Ela se encontrou num estreito

compartimento com ele, coxa com coxa.

O cheiro de carne, cebolas fritas, cerveja derramada, tudo impregnado de gordura espalhava-se por todo lado. Ficou com água na boca.

— Eu disse que não estava com fome.

— E eu digo que você é uma esnobe e uma mentirosa.

A cor que lhe coloriu as bochechas o agradou, mas não durou tempo suficiente. Ela inclinou-se para a frente.

— E você? Gostaria de saber o que penso a seu respeito?

Novamente ele ergueu a mão para tocar-lhe o rosto. Era linda!

— Sim, gostaria.

A garçonete a salvou de ter de encontrar uma descrição em seu cérebro subitamente turvo.

— Dois filés ao ponto e dois do que você tiver para beber.

— Não gosto que os homens peçam por mim — disse Sydney, determinada.

— Então você pode pedir para mim da próxima vez e estaremos empatados. — Sentando-se de maneira mais confortável, ele passou o braço por trás e esticou as pernas. — Por que você não tira o blazer, Hayward? Você está com calor.

— Pare de me dizer como me sinto. E pare com isso também.

— Isso o quê?

— De mexer no meu cabelo.

Ele riu.

— Eu estava mexendo na sua nuca. Gosto de sua nuca. — Para prová-lo, desceu o dedo de novo por sua nuca.

Ela trincou os dentes ao sentir o delicioso arrepio a lhe descer pela espinha.

— Gostaria que você mudasse de lugar.

— Está bem. — Ele chegou mais perto. — Melhorou?

Calma, disse a si mesma. Mantenha a calma. Depois de inspirar profundamente, virou a cabeça.

— Se você não... — E os lábios dele tocaram os seus, interrompendo as palavras e o pensamento por trás delas.

— Quero que você corresponda a meu beijo.

Ela começou a balançar a cabeça, mas não conseguiu.

— Quero olhar para você quando você corresponder — murmurou. — Quero saber o que existe aí.

— Não há nada aqui.

Mas sua boca fechou-se na dela, comprovando que mentia. Ela correspondeu ao beijo, a mão perdida em seus cabelos e a outra em seu ombro.

Ela sentiu tudo. Tudo. E tudo se movia rápido demais. A mente parecia turva a ponto de mal conseguir ouvir a confusão e o tumulto no bar. Mas sentiu a boca pressionar a sua, o dente morder, a língua seduzir.

O que quer que despertasse nele era recíproco, sabia. Notou pelo modo como os olhos dela brilharam antes de se fecharem, na paixão quente e palpitante dos lábios. Supostamente aquilo deveria satisfazer-lhe o ego. Mas não foi esse o resultado.

Só o deixou louco de desejo.

— Lamento interromper. — A garçonete colocou as duas canecas geladas na mesa com estrondo. — O filé está a caminho.

Sydney jogou a cabeça para trás. Os braços dele ainda a seguravam, embora o aperto tivesse afrouxado. E ela estava colada nele. O corpo se moldava ao dele, sentados num lugar público. Vergonha e fúria batalhavam pela supremacia quando ela se desvencilhou.

— Sua atitude foi desprezível.

Ele deu de ombros e pegou a cerveja.

— Não tomei a atitude sozinho. — Por cima da espuma, os olhos faiscaram. — Nem desta vez nem da última.

— Da última você...

— Eu o quê?

Sydney levantou a caneca e tomou um gole devagar.

— Não quero discutir o assunto.

Ele queria discutir, até começara, mas havia um toque de mágoa em seus olhos que o desconcertou. Não se importava em deixá-la zangada. Diabos, até gostava. Mas não sabia o que fizera para magoá-la. Esperou até a garçonete colocar os filés na mesa.

— Você teve um dia difícil — disse com tanta gentileza que Sydney suspirou. — Não pretendo torná-lo pior.

— É... — Ela lutou por encontrar uma resposta. — Foi um dia difícil mesmo. Vamos esquecê-lo.

— Combinado. — Sorrindo, ele lhe entregou a faca e o garfo. — Coma seu jantar. Que tal uma trégua?

— Ótimo. — Ela descobriu estar com apetite.

CAPÍTULO CINCO

Sydney não sabia como o acidente de Mildred Wolburg tinha vazado para a imprensa, mas na terça-feira à tarde seu escritório recebeu várias ligações de repórteres. Alguns, mais ousados, plantaram-se na recepção do prédio da empresa e a encurralaram quando ia embora.

Na quarta-feira, boatos corriam no escritório de que a Hayward enfrentava um processo envolvendo milhões de dólares e Sydney teve que lidar com vários membros descontentes do Conselho. O consenso era que ao assumir a responsabilidade das despesas médicas da Sra. Wolburg,

Sydney admitira a negligência da empresa, dando margem a uma alta indenização. Notícias e negócios ruins.

Não conhecendo nenhum outro caminho, exceto o direto, Sydney preparou um comunicado para a imprensa e concordou com uma reunião extraordinária do Conselho. Na sexta-feira, ao entrar no hospital, não sabia se continuaria à frente da empresa ou se seu cargo seria relegado a mera função figurativa.

Carregando um pacote de livros numa das mãos e uma flor na outra, Sydney parou do lado de fora do quarto da Sra. Wolburg. Como era sua terceira visita após o acidente, sabia que provavelmente a viúva não estaria sozinha. Invariavelmente, amigos e a família entravam e saíam durante os horários de visita. Desta vez viu Mikhail, Keely e dois dos filhos da Sra. Wolburg.

Mikhail notou sua presença, enquanto ela decidia se entrava ou se deixava os livros e a flor na sala da enfermeira.

— Chegou mais uma visita, Sra. Wolburg.

— Sydney. — Os olhos da viúva iluminaram-se por trás das lentes grossas.

— Mais livros?

— Seu neto me contou que a senhora gosta de ler. — Sentindo-se pouco à vontade, colocou os livros na mesa ao lado da cama e pegou a mão estendida da Sra. Wolburg.

— Meu Harry costumava dizer que eu preferia ler a comer. — Os dedos finos e ossudos apertaram os de Sydney. — Que flor linda!

— Notei que a senhora tem várias no apartamento. — Sorriu, sentindo-se levemente mais relaxada, quando a conversa no quarto voltou a transcorrer normalmente. — E da última vez em que estive aqui o quarto parecia uma floricultura. — Ela olhou os buquês de flores em vasos, potes, cestas, até num sapato de cerâmica. — Então resolvi escolher uma violeta africana.

— Tenho um fraco por flores e coisas que crescem. Coloque-a ali na penteadeira, por favor, querida. Entre as rosas e os cravos.

— Ela está ficando mimada. — Quando Sydney moveu-se para atender ao pedido da senhora, a filha da doente piscou o olho para o irmão. — Flores, presentes, mimos. Vamos ter sorte se algum dia comermos bolinhos feitos em casa de novo.

— Ah, eu ainda devo ter umas duas fornadas de bolinhos lá em casa — orgulhou-se em seu novo casaquinho de crochê. — Mik me disse que vou receber um forno novinho em folha. Na altura certa, para eu não precisar me curvar, me abaixar.

— Então acho que eu deveria receber a primeira fornada — disse Mikhail, enquanto cheirava as rosas. — A de chocolate chip.

— Por favor. — Keely apertou a barriga. — Estou de dieta. Vou ser assassinada na semana que vem e preciso estar o máximo. — Ela notou a expressão atônita de Sydney e riu — Morte à espreita — explicou. — Meu primeiro filme para a TV. Sou a terceira vítima de um maníaco psicopata. Sou estrangulada numa camisola deslumbrante.

— Você não devia ter deixado as janelas destrancadas. — disse a Sra. Wolburg e Keely riu de novo.

— Bem, isto é o *showbiz*.

Sydney esperou um intervalo na conversa para despedir-se. Dez segundos depois, Mikhail tirou uma rosa amarela do vaso.

— Vejo você depois, minha linda. — Deu um beijo na bochecha da Sra. Wolburg e deixou-a a dar risadas.

Em poucos passos largos, emparelhou com Sydney nos elevadores.

— Ei. Você me parece merecer isto. — Ofereceu a flor.

— Não me faria mal. — Depois de cheirá-la, forçou um sorriso. — Obrigada.

— Quer me contar o motivo de estar chateada?

— Não estou chateada. — Apertou novamente o botão do elevador.

— Nunca discuta com um artista sobre seus sentimentos. — Insistente, ele tocou-lhe o queixo com um dedo. — Vejo fadiga e aflição, preocupação e aborrecimento.

Acalmou-se com a chegada do elevador, apesar de saber que ele entraria no espaço cheio com ela. Franziu um pouco a testa ao se encontrar espremida entre Mikhail e uma mulher gorda carregando uma bolsa do tamanho de uma mala. Alguém no elevador usara em excesso um perfume caro. Por um momento, se perguntou se também não devia ser proibido usar perfumes fortes no elevador e não apenas fumar.

— Algum cigano em sua família? — perguntou a Mikhail num impulso.

— Naturalmente.

— Prefiro que use uma bola de cristal para ver o futuro a analisar meus sentimentos no momento.

— Vamos ver o que podemos fazer.

O elevador parou em cada um dos andares. Pessoas saíam ou se espremiavam, e ao chegarem ao Térreo percebeu estar grudada em Mikhail, cujo braço, casualmente, envolvia-lhe a cintura. Ele não se deu ao trabalho de tirá-lo depois de saltarem. Ela não se deu ao trabalho de mencionar.

— As obras vão indo bem — disse.

— Ótimo. — Ela não se deu ao trabalho de pensar por quanto tempo mais estaria envolvida diretamente no projeto.

— A inspeção elétrica já foi feita. O encanamento provavelmente levará mais uma semana. — Ele observou sua expressão ausente. — E decidimos fazer um novo telhado de *blue cheese*.

— Hum.. — Ela saiu, parou e o fitou. Com uma risada, balançou a cabeça. — Parece muito especial, mas arriscado com esse calor.

— Você estava prestando atenção.

— Mais ou menos. — Distraída, pressionou os dedos nas têmporas latejantes quando seu motorista parou no meio-fio. — Desculpe. Tenho muita coisa na cabeça.

— Conte-me.

Surpreendeu-se por sentir vontade de contar. Não conseguira falar nem para a mãe. Margerite simplesmente desmoronaria. Quanto a Channing — que piada! Sydney duvidava que alguma amiga compreendesse como ela se envolvera tanto com o trabalho em tão curto espaço de tempo.

— Não faz o menor sentido — decidiu e dirigiu-se ao carro e ao motorista à sua espera.

Ela achava que ele ia deixá-la ir embora com aquela ruga de preocupação entre as sobrancelhas e o nó de tensão nos ombros?

— Que tal uma carona até em casa?

Ela voltou-se. A carona da festa da mãe até a casa dele ainda estava viva na memória. Mas ele sorria para ela de um jeito tranquilo e amigável. Nada ameaçador. Não, ele nunca poderia deixar de representar uma ameaça com aquela aparência selvagem e a aura de indomável. Mas tinham concordado com um cessar-fogo e, afinal, a distância era de apenas algumas poucas quadras.

— Claro. Vamos deixar o Sr. Stanislaski no Soho, Donald.

— Sim, senhora.

Ela teve o cuidado de entrar casualmente até o canto da janela.

— A Sra. Wolburg parece incrivelmente bem, considerando... — começou.

— Ela é forte. — Era Mozart desta vez, percebeu, baixo e doce, pelos altofalantes do carro.

— O médico disse que ela vai poder ir para casa com o filho em breve.

— E você providenciou um fisioterapeuta. — Sydney parou de mudar a rosa de uma das mãos para a outra e olhou para ele. — Ela me contou — explicou ele. — Também contou que quando estiver liberada para voltar para casa, uma enfermeira a acompanhará até poder se cuidar sozinha.

— Não estou bancando a boa samaritana — resmungou Sydney. — Estou apenas tentando agir da maneira correta.

— Compreendo. Como também compreendo sua preocupação com ela. Mas há algo mais em sua mente. São as notícias nos jornais e na televisão?

Os olhos mudaram de atormentados para glaciais.

— O motivo de assumir a responsabilidade das despesas médicas da Sra. Wolburg não se deve à publicidade, boa ou ruim. E eu não...

— Eu sei que não. — Cobriu-lhe uma das mãos contraída com a sua. — Lembre-se, eu estava lá. Eu vi como se comportou.

Sydney respirou fundo. Precisava. Por pouco não lhe deu uma resposta desaforada, mas perder o controle, definitivamente, não era a solução.

— A verdade é — disse, mais calma — que uma senhora idosa foi seriamente ferida. Sua dor não deveria se tornar tema de discussões de política empresarial ou munição para jornalistas. Fiz o que fiz por julgar ser o certo. Só quero que a coisa certa continue a ser feita...

— Você é presidente da Hayward.

— Por enquanto. — Ela voltou-se e, ao estacionarem em frente ao prédio de apartamentos, olhou pela janela.

— Vejo que conseguimos fazer progresso no telhado.

— Entre outras coisas. — Por estar longe de terminar a conversa, inclinou-se por cima dela e abriu a porta. Por um momento, ficaram muito perto, o

corpo dele pressionando ligeiramente o dela. Ela tinha uma necessidade, quase desesperada, de acariciar-lhe o rosto, sentir a pele áspera. Mais uma vez esquecera-se de fazer a barba.

— Gostaria que você subisse — disse a ela. — Tenho algo para você.

Sydney percebeu os dedos erguendo-se e recolheu-os.

— São quase seis horas. Eu devia...

— Suba por uma hora — concluiu. — Seu motorista pode voltar para pegá-la, não pode?

— Sim. — Ela afastou-se, sem saber se queria saltar do carro ou simplesmente colocar alguma distância entre eles. — Você pode enviar o relatório por um mensageiro.

— Poderia.

Ele moveu-se outro centímetro. Instintivamente, Sydney colocou as pernas para fora do carro.

— Está bem, mas não acredito que demore uma hora.

— Mas vai demorar.

Ela concordou; preferia passar uma hora discutindo um relatório do que sentar-se no apartamento vazio pensando na reunião do conselho. Depois de dar instruções ao motorista, caminhou lado a lado com Mikhail em direção ao prédio.

— Você consertou a entrada da frente.

— Na terça. Não foi fácil impedir os homens de se sentarem por algum tempo. — Trocou cumprimentos com os três ali instalados. Ao passar, Sydney sentiu o cheiro de cerveja e tabaco. — Podemos usar o elevador. O certificado de inspeção acabou de ser conferido.

Ela pensou nos cinco compridos lances de escada.

— Não posso lhe dizer como estou feliz em ouvir isso.

Ela entrou e esperou-o fechar as portas de ferro.

— Tem estilo agora — disse enquanto subiam. — E a gente não fica mais preocupado em entrar e passar a noite preso.

— Boas notícias.

Ele abriu novamente as portas quando o elevador parou, suave e sem barulho. No corredor, o teto desaparecera, deixando vigas e a nova fiação expostas.

— A infiltração fez um estrago e tanto — disse Mikhail, em tom casual. — Quando o telhado estiver pronto, vamos substituir o teto.

— Esperava queixas dos inquilinos, mas não recebemos uma sequer. Não é difícil para todo mundo, morar numa zona de construção?

Mikhail balançou as chaves.

— Inconveniente. Mas o pessoal animou-se ao constatar os progressos. O Sr. Stuben, do terceiro andar, passa lá em casa toda manhã antes de ir para o trabalho e diz: *Mikhail, você pegou um trabalho pesado*. — Ele riu ao abrir a porta. — Tem dias em que gostaria de jogar o martelo nele. — Afastou-se para ela entrar. — Sente-se.

Com lábios cerrados, Sydney examinou a sala. A mobília tinha sido toda movida para o centro — para facilitar o trabalho, imaginou. Mesas amontoadas em cima de cadeiras, tapete enrolado. Cobrira com lençol a mesa de trabalho contendo uma variedade de formas interessantes — suas esculturas —, ferramentas e blocos de madeira ainda a serem esculpidos.

Pairava um cheiro parecido com serragem, pensou, e terebintina.

— Onde?

Ele parou a caminho da cozinha e olhou pra trás. Inclinou-se em meio à bagunça e ergueu uma cadeira de balanço de carvalho com apenas uma das mãos. Sydney impressionou-se e se sentiu tola.

— Aqui. — Depois de colocá-la num lugar vazio, encaminhou-se para a cozinha.

A superfície da cadeira de balanço era macia como cetim, os braços confortáveis. Dez segundos depois, movia-se para a frente e para trás.

— É maravilhosa.

Ele ouviu o suave rangido da cadeira de balanço e não se deu ao trabalho de virar-se.

— Fiz para minha irmã há muitos anos quando ela teve uma filha. — A entonação mudou sutilmente ao abrir a torneira. — Ela perdeu o bebê, Lily, poucos meses depois. Tornou-se penoso para Natasha manter a cadeira.

— Lamento. — O rangido cessara. — Não posso pensar em dor pior para uma mãe.

— Porque não há nada pior. — Voltou trazendo um frasco e um copo d'água. — Lily sempre deixará uma cicatriz no coração. Mas Tash agora tem três filhos. Então a dor foi amenizada pela alegria. Aqui — Entregou-lhe o copo e tirou duas aspirinas do frasco. — Você está com dor de cabeça.

Ela franziu a testa olhando as pílulas que ele deixou cair na palma de sua mão. Verdade, a cabeça latejava, mas nada mencionara.

— Só um pouquinho — murmurou. — Como sabe?

— Posso ver em seus olhos. — Ele esperou até ela engolir, depois contornou a cadeira para massagear-lhe as têmporas com os dedos. — Também não é uma dorzinha de nada.

Não havia dúvida de que ela deveria dizer-lhe para parar. E ela o faria. A qualquer momento. Incapaz de resistir, recostou, fechando os olhos quando os dedos afastaram a dor.

— Era isso que tinha para mim? Remédio para dor de cabeça?

A voz era tão baixinha, tão cansada que sentiu uma pontada no coração.

— Não, tenho algo mais para você. Mas pode esperar até se sentir melhor. Fale comigo, Sydney. Conte-me o que está errado. Talvez eu possa ajudar.

— É algo que eu mesma preciso resolver.

— Está bem. E isso vai mudar se conversar comigo?

Não, pensou. Era problema seu, seu futuro. Mas que mal faria colocar para fora, dizer em voz alta e ouvir a opinião de outra pessoa?

— Política do escritório. — Ela suspirou quando ele começou a massagear a base de sua nuca. Os dedos ásperos e calejados eram tão gentis quanto os de

uma mãe. — Suponho que possam ser bastante complicados mesmo quando se tem experiência. Tudo que tenho é o nome da família e o último desejo de meu avô. A publicidade a respeito da Sra. Wolburg deixou minha posição na empresa muito instável. Tomei decisões sem consultar ninguém, nem mesmo o departamento jurídico. O Conselho não está satisfeito comigo.

Os olhos dele endureceram, mas as mãos continuavam gentis.

— Por que você tem integridade?

— Porque me precipitei, por assim dizer. A publicidade resultante só piorou a situação. Segundo o consenso da empresa, alguém com mais habilidade poderia ter cuidado do caso Wolburg, como a ele se referem. Marcaram uma reunião do Conselho na sexta à tarde e podem muito bem exigir que eu abra mão da presidência.

— E você abrirá?

— Não sei. — Ele massageava-lhe os ombros, com absoluta competência. — Gostaria de brigar, tentar persuadi-los. Entretanto, há mais de um ano, a empresa vem enfrentando uma crise interna e um conflito entre a presidente e o Conselho só vai piorar a situação. Além disso, o vice-presidente executivo e eu já nos desentendemos. Ele acha, talvez justificadamente, que ele deveria ter sido designado para ocupar a presidência. — Ela riu baixinho. — Tem vezes em que desejo que isso tivesse acontecido.

— Não, não deseja não. — Ele resistiu, a duras penas, ao desejo de curvar-se e pressionar os lábios no pescoço comprido e delgado. — Você gosta de estar no comando e acho que é boa nisso.

Ela parou de se balançar para virar a cabeça e fitá-lo.

— Você é a primeira pessoa que me diz isso. A maioria das pessoas que me conhece acha que estou brincando ou passando por uma espécie de insanidade temporária.

A mão dele deslizou suavemente por seu braço ao aproximar-se e agachar-se na frente dela.

— Então eles não conhecem você, certo?

Tantas emoções pipocavam dentro dela enquanto mantinha os olhos nos dele! Mas o simples prazer de ser compreendida predominava.

— Talvez — murmurou. — Talvez não me conheçam.

— Vou lhe dar um conselho. — Ele pegou uma de suas mãos porque gostava de observar os longos dedos sem anéis, o pulso fino, a pele lisa e macia. — Não entendo nada de política empresarial ou reuniões de Conselho. Mas acho que vai fazer o que deve ser feito. Tem um bom cérebro e um bom coração.

Sem total consciência de ter virado a mão e apertado a dele, ela sorriu. A conexão era mais intensa do que dedos entrelaçados. Não conseguia compreender. Recebia um encorajamento, um voto de confiança que nunca esperara encontrar.

— Estranho eu precisar procurar um carpinteiro ucraniano para receber uma injeção de ânimo. Obrigada.

— De nada. — Ele voltou a olhar dentro de seus olhos. — Sua dor de cabeça passou.

Surpresa, tocou os dedos na têmpora.

— Passou mesmo. — Na verdade, não conseguia se lembrar de sentir-se mais relaxada. — Você podia fazer uma fortuna com estas mãos.

Ele riu e levantou-lhe as mangas do blazer para sentir a pele nua.

— É só uma questão de saber o que fazer com elas e quando. — E sabia exatamente como queria usar as mãos nela. Infelizmente, não era a hora certa.

— Sim, bem... — Estava acontecendo de novo, aquelas pequenas labaredas de fogo dentro de seu corpo, o calor invadindo a pele. — Realmente sou muito grata por tudo. Preciso ir.

— Você ainda tem tempo. — Desceu os dedos até entrelaçá-los aos dela. — Eu ainda não dei seu presente.

— Presente? — Ele a pusera de pé, bem devagar. A boca curvada e fechada na altura de seus olhos, a aturdia.

Bastava se abaixar. Centímetros, poucos centímetros. Ficava louco só de pensar. Não que a expectativa, a dúvida, fossem sentimentos desagradáveis, descobriu. Se ela oferecesse, e só quando ela oferecesse, ele a possuiria.

— Você não gosta de presentes, *milaya*?

A voz parecia um caldo quente, derramando-se por cima dela.

— Eu... o relatório — disse, lembrando-se. — Você não ia me entregar o relatório?

Os polegares apertaram-lhe os pulsos e sentiram-lhe a batida errática. Era tentador, muito tentador.

— Posso mandar o relatório. Tinha outra coisa em mente.

— Outra coisa... — Sua mente simplesmente desligara.

Ele riu, tão encantado que queria beijá-la até perder a respiração. Em vez disso, soltou-lhe as mãos e afastou-se. Ela não se moveu um milímetro sequer quando ele caminhou até as prateleiras e retirou o pano a cobri-las. Num momento ele estava de volta, colocando a pequena Cinderela em sua mão.

— Gostaria que aceitasse.

— Oh, mas... — Ela tentou, realmente tentou formular uma recusa apropriada. As palavras não saíram.

— Você não gosta?

— Não, quero dizer, sim, claro que gosto, é tão delicada. Mas por quê? — Os dedos dela já seguravam a escultura possessivamente quando ela levantou os olhos para ele. — Por que me presentear com ela?

— Porque ela me lembra você. É adorável, frágil, insegura.

A descrição turvou o prazer de Sydney.

— A maioria das pessoas a chamaria de romântica.

— Não sou maioria. Veja, ela foge por não confiar o suficiente. — Ele passou o dedo nas delicadas pregas do vestido de baile. — Ela segue as regras, sem questioná-las. É meia-noite, estava nos braços de seu príncipe, mas se afasta e corre. Porque essa era a regra. E ela tem medo, medo de deixá-lo ver a mulher sob os enfeites.

— Ela precisava partir. Havia prometido. Além do mais seria humilhante ser pega em trapos e descalça.

Inclinando a cabeça, Mikhail a observou.

— Você acha que ele se importava com o vestido?

— Bem, não, suponho que não teria feito diferença para ele. — Sydney soltou um suspiro impaciente quando ele riu para ela. Era ridículo ficar parada ali discutindo a psicologia de um personagem de conto de fada. — De qualquer modo, houve um final feliz e embora eu não tenha nada em comum com Cinderela, a estatueta é linda. Vou guardá-la como um tesouro.

— Ótimo. Agora, vou levar você lá embaixo. Você não vai querer chegar atrasada para o jantar com sua mãe.

— Ela não vai chegar antes das oito e meia. Sempre se atrasa. — A meio caminho da porta, Sydney parou. — Como sabia que eu tinha um encontro com minha mãe?

— Ela me disse, deixe-me ver, dois dias atrás. Tomamos um drinque.

Sydney voltou-se. Ele estava parado num canto do umbral e ela no outro.

— Você tomou um drinque com minha mãe? — perguntou, pronunciando cada palavra pausadamente.

— Tomei. — Despreocupado, recostou-se no batente da porta. — Antes que você tente me transformar numa estátua de gelo, compreenda que não tenho o menor interesse em Margerite.

— Isso é encantador. Simplesmente encantador. — Se ela já não tivesse colocado a estatueta na bolsa, poderia atirá-la na cara dele. — Concordamos que você deixaria minha mãe em paz.

— Não concordamos com nada — corrigiu-a. — E não se preocupe com sua mãe. — Havia pouco a ganhar se contasse que Margerite telefonara três vezes até ele finalmente concordar em encontrá-la. — Foi um drinque amigável e ponto final. Acho que Margerite compreendeu que não podemos ter nada além de amizade. Especialmente — disse, levantando um dedo para bloquear-lhe a interrupção — porque estou muito interessado na filha dela.

Calou-se. Engoliu em seco, lutou por manter a compostura e fracassou.

— Não está não. Só está interessado em aumentar a pontuação de sua masculinidade.

Algo brilhou em seus olhos.

— Você gostaria de entrar de novo para eu lhe mostrar exatamente no que estou interessado?

— Não. — Antes que pudesse impedir, recuou. — Mas gostaria que tivesse a decência de não fazer joguinhos com minha mãe.

Ele pensou se Margerite pularia com tanta agilidade em defesa da filha ou se Sydney compreenderia que a mãe só estava interessada num caso sem consequências com um homem mais jovem — e ele deixara bem claro não ter interesse.

— Já que eu odiaria que sua dor de cabeça voltasse, após ter me dado ao trabalho de vê-la livre dela, vou me fazer o mais claro possível. Não tenho intenção de nenhum envolvimento romântico, físico ou emocional com sua mãe. Isso lhe convém?

— Conviria se pudesse acreditar em você.

Ele não moveu um músculo, mas ela percebeu que ele se armou, como se puxasse o gatilho. A voz era baixa e fatal.

— Eu não minto.

Ela meneou a cabeça, tão fria quanto uma pedra de gelo.

— Limite-se a pregar pregos, Mikhail. Vamos nos dar bem. E posso achar a saída sozinha. — Ela não se virou precipitada, mas lentamente, e caminhou até o elevador. Embora não tivesse olhado para trás ao entrar, tinha plena consciência de que ele a olhava.

Ao meio-dia em ponto, Sydney sentou na cabeceira da comprida mesa de nogueira da sala de reuniões, entre copos de cristal, blocos e canetas, cercada

por dez homens e duas mulheres. Pesadas cortinas de brocado tinham sido abertas para revelar uma parede ocupada por uma janela opaca a impedir a entrada da luz do sol — como se houvesse alguma. Em vez disso, uma pesada cortina de chuva. Ela conseguia distinguir a silhueta do *Times Building*. De vez em quando, um ressoar de trovoadas atravessava pedra e vidro.

A obscuridade lhe convinha. Sydney sentia-se exatamente como uma criança travessa convocada ao gabinete do diretor.

Examinou a fileira de rostos, alguns já membros do escritório mesmo antes de ela nascer. Talvez os que a viam como a menininha que chegara a Hayward para se balançar no joelho do avô fossem os mais difíceis de influenciar.

E depois havia Lloyd, sentado àquela superfície reluzente, o rosto tão convencido, tão confiante, que lhe provocava ganas de ranger os dentes. Percebeu ao sentir o olhar dele fixar-se nela. Ela queria vencer.

— Senhoras, senhores. — No momento em que se sentiram chamados à ordem, ela se levantou. — Antes de começarmos a discussão sobre o assunto que tanto vem nos preocupando, gostaria de fazer uma declaração.

— Você já fez uma declaração à imprensa, Sydney — afirmou Lloyd. — Acredito que todos aqui estão cientes de sua posição.

Um murmúrio percorreu o ambiente, alguns concordando, outros discordando. Ela deixou o som morrer antes de voltar a falar.

— Entretanto, como presidente e sócia majoritária da Hayward, reservo-me o direito de expor meu ponto de vista antes da reunião ter início.

Sentiu um nó na garganta quando todos os olhos a fixaram. Alguns pacientes, outros indulgentes e outros especulativos.

— Compreendo o desconforto do Conselho quanto ao valor alocado ao projeto Soho. Dentre as propriedades da Hayward, o prédio representa um rendimento anual relativamente pequeno. Entretanto, esse pequeno rendimento vem se mantendo estável. Nos últimos dez anos, o complexo necessitou — ou, devo dizer, recebeu — pouca ou nenhuma manutenção. Os senhores sabem, é claro, pelos relatórios quinzenais, o quanto essa propriedade

creceu em termos de valores nesse espaço de tempo. Acredito, sob um ponto de vista unicamente prático, que o dinheiro alocado é um seguro para proteger nosso investimento.

Ela queria parar, pegar o copo e beber até a última gota, mas sabia que o gesto demonstraria o quão nervosa estava.

— Além do mais, acredito que a Hayward tem obrigação moral, ética e legal de garantir a nossos inquilinos uma habitação segura e decente.

— Essa propriedade poderia ser segura e decente com metade do orçamento — afirmou Lloyd.

Sydney mal o fitou.

— Você tem razão, mas acredito que meu avô queria mais do que o mínimo exigido, para a Hayward. Queria que fosse a melhor de todas, a melhor. Sei que é isso que eu quero. Não vou citar números. Eles estão nos relatórios e podem ser discutidos em detalhes daqui a pouco. Sim, o orçamento para o projeto Soho é alto, assim como o padrão da Hayward.

— Sydney — Howard Keller, um dos mais antigos sócios de seu avô disse gentilmente —, nenhum de nós está questionando seus motivos ou entusiasmo. Não obstante, seu julgamento no que diz respeito a isso e ao caso Wolburg é algo a ser considerado. A publicidade nos últimos dias tem sido extremamente prejudicial, gerando uma queda de 3% nas ações da Hayward, que já haviam sofrido uma baixa quando você assumiu o cargo de presidente da empresa. Nossos acionistas estão preocupados — o que é compreensível.

— O caso Wolburg — disse Sydney, a voz fria como aço — refere-se a uma mulher de 80 anos com o quadril fraturado. Caiu porque o piso na cozinha, um piso que não foi substituído por negligência nossa, não era seguro.

Lloyd interrompeu-a:

— É precisamente este tipo de observação precipitada que pode dar margem a moverem um processo contra a Hayward. — Manteve o tom baixo e racional. — Não é função dos investigadores do seguro e do pessoal do jurídico tomar uma decisão depois de examinar cuidadosa e detidamente a situação?

Não podemos gerir nossa empresa com base em emoção e impulso. O coração da Srta. Hayward pode ter ficado sensibilizado com o caso Wolburg, mas devemos seguir os procedimentos habituais. Agora que a mídia já se apropriou do assunto...

— Sim — interrompeu-o —, é realmente surpreendente a rapidez com que a imprensa tomou conhecimento do acidente. Difícil acreditar que poucos dias após uma senhora desconhecida, sem nenhuma importância, cair em seu apartamento, a imprensa esteja crucificando a Hayward em suas manchetes.

— Só posso imaginar que ela mesma convocou a imprensa — disse Lloyd. Seu sorriso era gélido.

— Você faria isso?

— Não acho relevante discutir como a imprensa ficou a par do ocorrido — comentou Mavis Trelane. — O fato é que ficou e a publicidade resultante vem nos massacrando, colocando a Hayward numa posição bastante vulnerável. Os acionistas querem uma solução urgente.

— Alguém aqui acredita que a Hayward não seja culpada pelos ferimentos da Sra. Wolburg?

— Não se trata do que acreditamos ou não — interveio Mavis. — E nenhum de nós poderia tomar uma decisão antes do incidente ser investigado. O que é relevante é a forma como lidamos com tais questões.

Ela franziu o cenho ao ser interrompida pela batida na porta.

— Desculpe — disse Sydney e afastou-se da mesa caminhando, com porte altivo, até a porta. — Janine, eu avisei que não devíamos ser interrompidos.

— Sim, senhora. — A secretária, que se mostrara solidária a Sydney cinco minutos depois de saber do caso, manteve o tom de voz baixo. — É importante. Recebi uma ligação de um amigo. Ele trabalha no canal 6. A Sra. Wolburg vai dar uma entrevista no jornal do meio-dia. Já deve estar começando.

Após um minuto de hesitação, Sydney meneou a cabeça.

— Obrigada, Janine.

— Boa sorte, Srta. Hayward.

Sydney sorriu e fechou a porta. Ela ia precisar de muita sorte. Com o rosto composto, voltou-se para os participantes.

— Acabo de ser informada que a Sra. Wolburg vai estar na televisão. Tenho certeza de que todos estamos interessados em saber o que ela tem a dizer. Então, com a permissão dos senhores, vou ligar a TV — Em vez de esperar que o debate acalmasse, Sydney pegou o controle remoto e dirigiu-o ao aparelho instalado no canto da sala.

Enquanto Lloyd declarava que o Conselho precisava se concentrar em fatos e não em manobras publicitárias, o canal 6 passou do comercial para a cama de hospital da Sra. Wolburg.

A repórter, uma mulher bonita nos seus vinte e poucos anos, com olhos tão afiados quanto garras, começou a entrevista pedindo à paciente para explicar como havia se machucado.

Vários membros do Conselho balançaram as cabeças, cochichando entre si, enquanto ela explicava ter tropeçado no linóleo descolado e que o barulho da obra abafou seus pedidos de ajuda.

Lloyd precisou se controlar para não sorrir ao imaginar a imagem de Sydney sendo bombardeada.

— E o estado do piso havia sido comunicado à empresa? — prosseguiu a repórter.

— Claro. Mik, ou melhor, Mikhail Stanislaski, aquele rapaz adorável do quinto andar, enviou várias cartas sobre o estado do prédio inteiro.

— E nada foi feito?

— Não, nadinha. Quando caiu um pedaço de gesso do teto do apartamento 101, onde moram o Sr. e a Sra. Kowaski, foi Mik quem consertou.

— Então os inquilinos eram forçados a providenciar os reparos, devido à negligência da Hayward?

— Acho que poderia ser posto assim, até as últimas semanas.

— Ah! E o que aconteceu nas últimas semanas?

— Foi quando Sydney, quero dizer, a Srta. Hayward, assumiu a empresa. Ela é a neta do velho Hayward. Ouvi dizer que ele esteve bastante doente nos últimos dois anos. Imagino que as coisas tenham saído de seu controle. De qualquer jeito, Mik procurou-a e ela veio, pessoalmente, no mesmo dia, dar uma olhada. Não demorou duas semanas e chegaram os empregados da obra. Recebemos janelas novas. Tem um telhado novo sendo colocado neste exato momento. Toda a parte de encanamento também foi trocada. Cada um dos itens que Mik colocou na lista está sendo providenciado.

— Mesmo? E tudo isso aconteceu antes ou depois da sua queda?

— Antes — afirmou a Sra. Wolburg, um pouco irritada com o sarcasmo. — Eu disse a você que toda aquela martelação e serração foi o motivo de ninguém ter me escutado quando caí. E quero que saiba que a Srta. Hayward estava checando o lugar de novo naquele dia. Ela e Mik me encontraram. Ela sentou no chão, conversou comigo, trouxe um travesseiro e uma coberta e ficou comigo até a ambulância chegar. Veio ao hospital também e assumiu as despesas médicas. Já me visitou três vezes desde que estou aqui.

— Então a senhora diria que a Hayward e, portanto, Sydney Hayward, é responsável por a senhora estar aqui?

— Vista ruim e um buraco no chão são os responsáveis — rebateu. — E vou lhe dizer exatamente o que disse àqueles advogados que têm ligado para minha família. Não tenho motivos pra processar a Hayward. Eles vêm cuidando de mim desde que me machuquei. Agora, talvez se eles tivessem tirado o corpo fora e tentassem fazer parecer que não tinham nada a ver com isso, eu agiria de outra forma. Mas fizeram o que era correto e não se pode esperar mais que isso. Sydney tem ética e enquanto ela continuar responsável pela empresa, imagino que a Hayward terá ética também. Estou satisfeita por morar num prédio de propriedade de uma empresa que tem consciência.

Sydney permaneceu onde estava após o término da entrevista. Sem nada dizer, desligou a TV e aguardou.

— Você não deveria acreditar tanto na boa-fé das pessoas — decidiu Mavis. — Seu método pode ter sido heterodoxo, Sydney, e não duvido que sejamos obrigados a lidar com alguns respingos mas, no final das contas, acho que os acionistas ficarão satisfeitos.

A discussão durou outros trinta minutos, mas a crise passara. No momento em que Sydney voltou à sua sala, pegou o telefone. Tocou umas vinte vezes, até finalmente atenderem do outro lado.

— Fala.

— Mikhail?

— Não, ele está no corredor.

— Ah, então, eu...

— Espera aí. — Teve a impressão de que o telefone fora atirado de qualquer jeito, quando uma voz masculina gritou o nome de Mikhail. Sentindo-se uma idiota, Sydney continuou na linha.

— Alô.

— Mikhail, é Sydney.

Ele sorriu e pegou a garrafa de água gelada da geladeira.

— Oi.

— Acabo de assistir ao noticiário. Imaginei que você soubesse.

— Vi durante o almoço. O que achou?

— Foi você quem pediu a ela para dar a entrevista?

— Não, eu não. — Fez uma pausa, tempo suficiente para tomar quase meio litro de água. — Contei a ela o que estava acontecendo, mas a ideia foi dela. E foi boa!

— Sim, foi boa. E devo isso a você.

— É? — Parou para pensar. — Está bem. Você está me devendo esta.

O fato de que ela esperara que ele fosse recusar gentilmente assumir o crédito estava além de sua compreensão.

— Não entendi.

— Você está me devendo uma, Hayward. Pode jantar comigo no domingo.

— Sinceramente, não vejo o que uma coisa tem a ver com a outra.

— Você está me devendo — lembrou-a — e é isso que eu quero que faça. Nada muito sofisticado, está bem? Pego você por volta das quatro da tarde.

— Quatro? Quatro da tarde para jantar?

— Certo. — Ele pegou um lápis do bolso. — Qual seu endereço?

Ele soltou um assovio baixo quando ela, relutante, disse o endereço.

— Legal! — Ele terminou de escrever na parede. — Tem um telefone? Caso surja algum imprevisto.

Ela estava de cara feia, mas mesmo assim deu o telefone.

— Quero deixar claro que...

— Deixe claro quando eu pegar você. Estou em horário de expediente e você está pagando. — Num impulso, ele contornou o endereço e o telefone com um coração. — Vejo você no domingo, chefe.

CAPÍTULO SEIS

Sydney examinou a imagem no espelho do armário, critica e cautelosamente. Não era um encontro amoroso, dissera a si mesma, uma centena de vezes, durante o fim de semana. Era uma espécie de pagamento e, não importa como se sentisse a respeito de Mikhail, lhe devia isso. Os Haywards sempre pagavam suas dívidas.

Nada formal. Ela tomara as palavras dele ao pé da letra. O vestido era simples, acinturado, saia larga confortável, o decote canoa e as alças finas uma concessão ao calor. O tecido fino, quase transparente, azul-claro. Não que ela tivesse dado atenção à sugestão de Mikhail de que deveria usar cores mais brilhantes.

Tudo bem, o vestido era novo, comprado depois de duas horas de busca — mas isso só porque queria algo novo.

A curta corrente dourada de aros minúsculos e as argolas nas orelhas eram simples, mas elegantes. Tinha demorado mais do que o habitual fazendo a maquilagem, mas só porque experimentara algumas cores novas de sombras.

Depois de muitas ponderações, optou por deixar o cabelo solto. Depois, é claro, precisava acostumar-se com o novo estilo esvoaçante, por cima dos ombros, o que ficava bem descontraído. E sexy. Não que se importasse em parecer sexy à noite, mas uma mulher tinha direito a uma certa dose de vaidade.

Hesitou em usar o perfume da embalagem de vidro polido, lembrando-se de como Mikhail descrevera o cheiro. Dando de ombros, colocou um pouco nos pulsos. Pouco lhe importava se agradava a ele. Ela o usava para agradar a si mesma.

Satisfeita, verificou o conteúdo da bolsa e depois o relógio. Estava uma hora adiantada. Deixando escapar um suspiro profundo, sentou-se na cama. Pela primeira vez na vida, desejou tomar uma bebida alcoólica.

Uma hora e quinze minutos depois, andava pelo apartamento: afofava as almofadas, mudava os enfeites de lugar só para colocá-los de volta onde estavam antes, quando ele bateu na porta. Ela ficou parada no vestíbulo, achou que precisava ajeitar o cabelo de novo e depois apertou a mão na barriga, nervosa. Aparentemente composta, abriu a porta.

Ele não parecia ter se preocupado em demasia com a aparência. O jeans estava limpo, mas desbotado, o tênis apenas ligeiramente menos surrado do que as habituais botas de trabalho. A camisa simples, de algodão, cor de fumaça, para dentro da calça — uma mudança e tanto! O cabelo cobria a gola, tão preto, tão desalinhado, que nenhuma mulher viva poderia se privar da fantasia de nele enfiar os dedos.

Ele parecia rústico, um tanto selvagem e perigoso. E lhe trouxera uma tulipa.

— Estou atrasado. — Entregou-lhe a flor, pensando que ela parecia mais bonita e deliciosa do que um sorvete de frutas num prato de cristal. — Estava trabalhando no seu rosto.

— Você estava trabalhando em quê?

— Em seu rosto. — Ele pegou-lhe o queixo, os olhos estreitando-se, concentrados. — Encontrei o pedaço perfeito de pau-rosa e perdi a noção do tempo. — Enquanto a observava, os dedos moveram-se por seu rosto como fizeram com a madeira, buscando respostas. — Vai me convidar para entrar?

A mente, vazia como um balde furado, lutou por voltar ao presente.

— Claro. Só um minuto. — Recuou, interrompendo o contato. — Vou só colocar a flor na água.

Quando ela o deixou, Mikhail deixou o olhar varrer o aposento. Agradou-o. Não era formal, decorado por um profissional como se podia esperar dela. Ela realmente vivia ali, entre cores suaves e um conforto discreto. O estilo ficava patente em obras em *Art Nouveau*, no abajur de bronze, num formato de mulher alta e magra, e nas sinuosas flores gravadas nas portas de vidro de um

móvel antigo exibindo uma coleção de bolsas antigas enfeitadas com pérolas e contas.

Ele notou a escultura dele separada numa reluzente prateleira antiga e sentiu-se lisonjeado.

Ela colocou o jarro em cima do móvel.

— Obrigada.

— *Nouveau* é sensual. — Ele passou o dedo nas linhas flutuantes do abajur. — E rebelde.

Ela quase cerrou o cenho antes de se controlar.

— Eu acho atraente. Gracioso.

— Sim, gracioso sim. E poderoso.

Ela não se importou com o jeito como ele sorria, como se estivesse de posse de um segredo que ela desconhecesse. E este segredo era ela.

— Sim, bem, estou certa de que como artista, você concorda que arte deve ter força. Gostaria de beber algo antes de irmos?

— Não se vou dirigir.

— Dirigir?

— Isso. Você gosta de passeios de carro aos domingos, Sydney?

— Eu... — Ela pegou a bolsa para ocupar as mãos. Não havia motivo nenhum para sentir-se tão desajeitada, como uma adolescente no primeiro encontro. — Não tenho muita oportunidade de dar passeios na cidade. — Parecia sábio saírem. Moveu-se para a porta, perguntando como seria estar num carro com ele. Sozinha. — Não sabia que você tinha carro.

Ele deu uma risada sutil e um pouco debochada quando se encaminharam para o corredor.

— Há uns dois anos, depois de obter algum sucesso com minha arte, comprei um. Era uma fantasia. Acho que gasto mais em estacionamento do que paguei pelo carro. Mas fantasias raramente são de graça.

No elevador, ele apertou o botão da garagem.

— Eu também penso em comprar um carro — admitiu Sydney. — Sinto falta de dirigir, da independência que proporciona, suponho. Na Europa, podia ir de um lado a outro quando bem entendesse. Mas, aqui, parece mais prático manter um motorista do que enfrentar uma guerra toda vez que se precisa encontrar um estacionamento.

— Algum dia desses podemos ir para o norte, ao longo do rio e você pode dirigir.

A imagem era quase atraente demais, percorrer as estradas em direção às montanhas no interior. Achou melhor não tecer comentários.

— Seu relatório chegou sexta-feira — começou.

— Hoje não. — Ele segurou-lhe a mão quando saltaram na garagem. — Discutir relatórios pode esperar até segunda. Aqui. — Ele abriu a porta de um carro conversível MG cintilante, vermelho e bege. — Você não se importa com a capota arriada? — perguntou ao entrarem.

Sydney pensou no tempo e trabalho consumido para ajeitar o cabelo. E pensou na liberdade de sentir a brisa mesmo quente, desmanchá-lo.

— Não, não me importo.

Ele sentou-se atrás do volante, ajustando as pernas compridas e depois ligou o motor. Pegou os óculos escuros espelhados e acelerou. O rádio tocava rock. Sydney se pegou sorrindo quando cruzaram o Central Park.

— Você não mencionou aonde estamos indo.

— Conheço um lugarzinho onde a comida é excelente. — Ele percebeu que o pé dela marcava o compasso da música. — Conte onde você morou na Europa.

— Não morei num lugar só. Vivia me mudando. Paris, Saint-Tropez, Veneza, Londres, Monte Carlo.

— Talvez você também tenha sangue cigano.

— Talvez. — Cigano, não, pensou. Não havia nada romântico quanto à sede de viajar em suas andanças de um extremo a outro da Europa. Apenas

insatisfação e necessidade de se esconder, até as feridas fecharem. — Você já esteve lá?

— Quando era muito pequeno. Mas gostaria de voltar, agora que estou mais velho, para apreciar a arte, sabe? A atmosfera, a arquitetura. De que lugares mais gostou?

— De um pequeno vilarejo no campo, na França, onde ordenhavam as vacas com as mãos e havia plantações de enormes uvas roxas. Na pousada em que fiquei tinha um pátio com flores enormes e coloridas. No final da tarde, era possível sentar, beber o mais fantástico vinho branco e ouvir os pombos arrulhando. — Ela parou, ligeiramente constrangida. — E Paris, é claro — disse rápida. — A comida, as compras, o balé. Conheci várias pessoas, diverti-me em festas.

Nem tanto, pensou ele, quanto se divertiu sentada sozinha ouvindo o arrulhar dos pombos.

— Você já pensou em voltar para seu país?

— Muitas vezes. Ver o lugar onde nasci, a casa em que moramos. Talvez nem esteja mais de pé. As colinas em que brincava quando criança. Essas ainda devem estar lá.

Os óculos dele apenas refletiam sua própria imagem de volta. Mas ela pensou que por trás deles, os olhos deviam estar tristes. A voz estava.

— As coisas mudaram tanto, tão rápido nos últimos anos. Você podia voltar.

— Às vezes penso que sim, depois me pergunto se não é melhor deixar as lembranças vivas apenas na memória. Em parte amargas, em parte doces, mas sempre coloridas pelos olhos de uma criança. Eu era muito pequeno quando partimos.

— Deve ter sido difícil.

— Sim. Especialmente para meus pais que estavam a par dos riscos, mais do que nós. Tiveram coragem de abrir mão de tudo que conheciam para dar aos filhos a única coisa que nunca possuíram: liberdade.

Emocionada, ela colocou a mão em cima da dele no câmbio de mudança. Margerite havia lhe contado a história da fuga para a Hungria num vagão, fazendo-a soar como uma aventura romântica. Não parecia romântica para Sydney e sim aterradora.

— Você deve ter se apavorado.

— Espero nunca voltar a sentir tanto pavor. À noite eu ficava acordado, sempre com frio, sempre com fome, e ouvia meus pais conversarem. Um consolava o outro e planejavam até aonde poderíamos viajar no próximo dia, e no seguinte. Quando chegamos aos Estados Unidos, meu pai chorou. E compreendi que terminara. Deixei de sentir medo.

Os olhos dela estavam molhados. Virou-se para deixar que o vento os secasse.

— Mas vir para cá também deve ter sido assustador. Um lugar estranho, uma língua estranha, uma cultura diferente.

Ele percebeu a emoção em sua voz. Embora emocionado, não quis deixá-la triste. Não hoje.

— As crianças se acostumam rápido. Só precisei deixar o garoto da casa ao lado com o nariz sangrando para me sentir em casa.

Ela voltou-se, viu o risinho e respondeu com uma gargalhada.

— A partir de então, suponho, vocês se tornaram amigos inseparáveis.

— Fui padrinho de casamento dele dois anos atrás.

Sacudindo a cabeça, recostou-se. Foi então que percebeu estarem cruzando a ponte para o Brooklyn.

— Você não podia achar um lugar para jantar em Manhattan?

Ele arregalou os olhos.

— Não como esse.

Alguns minutos depois, atravessavam uma vizinhança antiga com fileiras de casas de tijolos desbotados e árvores grandes formando sombras. Crianças corriam nas calçadas, andavam de bicicleta, pulavam corda. No meio-fio onde

Mikhail estacionou, dois garotos ocupavam-se de uma profunda e séria transação com figurinhas de beisebol.

— Ei, Mik! — Os dois pularam antes que ele tivesse saltado do carro. — Você perdeu o jogo. Terminamos uma hora atrás.

— Eu pego o próximo. — Ele olhou ao redor e viu Sydney já do lado de fora do carro, parada na rua, observando a vizinhança com olhos desconcertados e desconfiados. Ele curvou-se e piscou. — Eu tenho um encontro importante.

— Puxa, cara. — Para um menino de 12 anos isso não fazia nenhum sentido.

Rindo, Mikhail caminhou até onde estava Sydney, segurou-lhe a mão e puxou-a para a calçada.

— Não entendo — começou quando ele a conduziu pela calçada pavimentada, levantada pelas raízes de um imenso carvalho velho. — Isso é um restaurante?

— Não. — Precisou rebocá-la para que ela acompanhasse seus passos enquanto subia as escadas. — É uma casa.

— Mas você disse...

— Que íamos jantar. — Ele escancarou a porta e respirou fundo. — Pelo cheiro, mamãe fez frango *à Kiev*. Você vai gostar.

— Sua mãe? — Ela quase tropeçou na entrada estreita. Emoções difusas agitavam-na como se tivesse um bando de pássaros no estômago. — Você me trouxe à casa de seus pais?

— Isso, para o jantar de domingo.

— Ai meu Deus.

Ele levantou a sobancelha.

— Você não gosta de frango *à Kiev*?

— Não. Sim. Não é essa a questão. Eu não estava esperando.

— Você está atrasado — Yuri berrou. — Vai trazer a moça para dentro ou vão ficar parados na porta?

Mikhail manteve os olhos nos de Sydney.

— Ela não quer entrar — gritou.

— Não é isso — suspirou ela, mortificada. — Você devia ter me dito, para que eu pudesse... ah, deixa para lá! — Ela passou por ele para dar os passos necessários que a conduzissem à sala de estar. Yuri levantava-se da cadeira.

— Sr. Stanislaski, quanta gentileza em me receber. — Ela lhe ofereceu a mão que foi sugada inteira pela dele.

— Seja bem-vinda. Pode me chamar de Yuri.

— Obrigada.

— Estamos felizes porque Mikhail demonstrou ter bom gosto. — Rindo, sussurrou: — A mãe dele não gostou da bailarina de cabelo louro.

— Obrigado, papai. — Descontraído, Mikhail colocou o braço nos ombros de Sydney e sentiu-a controlar a vontade de afastá-lo. — Onde está todo mundo?

— Mamãe e Rachel estão na cozinha. Alex está mais atrasado do que você. Alex sai com várias garotas ao mesmo tempo — contou Yuri a Sydney. — Isso deveria confundi-lo, mas que nada!

— Yuri, você ainda não jogou o lixo fora. — Uma pequena mulher de rosto delicado e cabelo grisalho saiu da cozinha, carregando os talheres no avental.

Yuri deu um tapa afetuoso nas costas do filho que quase arremessou Sydney longe.

— Estava esperando Mikhail chegar para se ocupar disso.

— E Mikhail vai esperar Alex. — Ela colocou os talheres numa pesada mesa do outro lado da sala, depois caminhou até Sydney. Os olhos escuros eram astutos, amigáveis, mas perscrutadores. Cheirava a especiarias e a manteiga derretida. — Sou Nadia, mãe de Mikhail. — Estendeu a mão. — Estamos felizes por tê-la conosco.

— Obrigada. Sua casa é adorável.

Ela fizera o comentário de forma automática, por educação. Mas no momento em que as palavras saíram, Sydney percebeu serem verdadeiras. Provavelmente, a casa inteira caberia numa das alas da propriedade da mãe em Long Island e a mobília estava mais para velha do que para antiga. Panos de crochê tão encantadores e trabalhados quanto os da casa da Sra. Wolburg cobriam os braços das poltronas. O papel de parede desbotara, mas isto apenas tornava os minúsculos botões de rosa desenhados ainda mais adoráveis.

A forte luz do sol atravessou a janela e mostrou cada estrago, cada remendo. Assim como mostrou a madeira e a superfície da mesa envernizadas com tanto carinho.

Pelo canto do olho, percebeu um movimento. Ao olhar para baixo, viu uma gorducha bola de pelo cinza remexendo-se e ganindo debaixo da mesa.

— Este é Ivan — disse Yuri, estalando os dedos para o filhote. — Ainda é um bebê. — Suspirou ao lembrar-se de seu velho cãozinho, Sasha, que morrera tranquilamente com 15 anos, há seis meses. — Alex o traz aqui para que possa brincar no pátio.

— Ficou livre de dar caminhadas, certo, Ivan? — Mikhail abaixou-se para acariciar o pelo. Ivan sacudiu o rabo enquanto lançava olhares nervosos para Sydney. — Ele tem esse nome em homenagem a Ivan, o Terrível, mas é um covarde.

— Está apenas estranhando — corrigiu-o Sydney, e não resistindo agachou-se. Sempre quisera um filhote, mas não era permitido nos colégios internos. — Ei, você é muito fofo. — O cachorro tremeu visivelmente por um momento quando ela o acariciou e depois começou a lambe-lhe os dedos dos pés nas sandálias.

Mikhail começou a achar que o filhote tinha potencial.

— De que raça ele é?

— Uma mistura de cão de caça russo — declarou Yuri.

— Com um bocado de caixeiro-viajante. — A voz vinha da porta da cozinha. Sydney olhou por cima do ombro e viu uma mulher deslumbrante

com cabelo liso, negro e sedoso e olhos marrom-amarelados. — Sou a irmã de Mikhail, Rachel. Você deve ser Sydney.

— Sou sim. Oi. — Sydney ergueu-se e ficou se perguntando que milagres nos genes haviam feito todos os Stanislaski tão lindos.

— Em dez minutos o jantar fica pronto — a voz de Rachel tinha apenas um pingo de sotaque e era tão profunda e suave como veludo negro. — Mikhail, você pode botar a mesa.

— Eu preciso jogar o lixo fora — disse, instantaneamente escolhendo o pior dos dois castigos.

— Eu ponho a mesa. — A oferta impulsiva de Sydney foi aceita com a maior naturalidade. Já tinha quase terminado quando Alex, tão moreno, exótico e maravilhoso quanto o resto da família, entrou.

— Desculpe pelo atraso, papai. Acabei de dobrar o turno. Mal tive tempo de... — Ele calou-se ao ver Sydney. A boca curvou-se e os olhos faiscaram com interesse. — Agora realmente lamento ter me atrasado. Oi.

— Olá. — Os lábios dela curvaram-se como resposta. Esse tipo de charme romântico poderia elevar a pressão arterial até de um defunto. Desde que fosse uma mulher.

— Minha... — disse Mikhail, em tom pacífico, ao sair da cozinha.

Alex simplesmente sorriu e continuou a andar na direção de Sydney. Pegou-lhe a mão, beijou-lhe os dedos.

— Apenas para que saiba: de nós dois, eu tenho um temperamento mais dócil e emprego fixo.

Ela teve que rir.

— Com certeza vou levar isso em consideração.

— Ele pensa que é policial. — Mikhail lançou ao irmão um olhar divertido. — Mamãe disse para você lavar as mãos. O jantar está pronto.

Sydney tinha certeza de nunca ter visto tanta comida numa só mesa. Montanhas de galinha recheada com deliciosa manteiga de ervas, acompanhada de uma enorme tigela de batatas ligeiramente tostadas e uma

bandeja cheia de pedaços de legumes grelhados colhidos no jardim toda manhã por Nadia. Uma torre de biscoitos com montes de folheados empilhados, o prato favorito de Alex.

Sydney provou o vinho suave oferecido junto com vodka, pensativa. A quantidade e variedade de comida não era nada se comparada à diversidade da conversa.

Rachel e Alex discutiam por causa de alguém chamado Goose. Depois de uma enrolada explicação, Sydney entendeu que Alex era um recruta policial e Rachel estava em seu primeiro ano no escritório de defesa pública. E Goose era um ladrãozinho insignificante que Rachel defendia.

Yuri e Mikhail discutiram sobre beisebol. Sydney não precisou da tradução carinhosa de Nadia para perceber que enquanto Yuri era fanático pelos Yankees, Mikhail era torcedor do Mets.

Gesticulavam muito com os talheres e soltavam exclamações russas misturadas com americanas. E riam, faziam perguntas aos gritos e iniciavam outra discussão.

— Rachel é uma idealista — pronunciou Alex. Com os cotovelos na mesa e o queixo apoiado nas mãos unidas, sorriu para Sydney. — E você é o quê?

Ela retribuiu o sorriso.

— Esperta demais para me meter entre uma advogada e um policial.

— Tire os cotovelos da mesa — disse Nadia e deu um tapa no filho. — Mikhail disse que você é uma executiva. E que é muito inteligente. E justa.

A descrição a surpreendeu tanto que ela quase gaguejou.

— Tento ser.

— Sua empresa ficou numa situação complicada na semana passada. — Rachel virou o resto da vodka de um só gole, o que surpreendeu Sydney. — Você lidou muito bem com a situação. Tive a impressão de que mais do que tentar ser justa, você simplesmente o foi. Você conhece Mikhail há muito tempo?

Ela fez a pergunta de uma forma tão direta, que Sydney piscou.

— Não, na verdade não. Nos conhecemos no mês passado quando ele irrompeu em meu escritório pronto a esmagar com as botas de trabalho o primeiro Hayward que aparecesse.

— Eu fui educado — ele corrigiu-a.

— Você não foi gentil. — Ao perceber como Yuri se divertia, continuou: — Ele estava sujo, zangado e disposto a brigar.

— Ele puxou o temperamento da mãe — informou-a Yuri — Ela é violenta.

— Só uma vez — disse Nadia sacudindo a cabeça. — Só uma vez eu bati com uma panela na cabeça dele. Ele nunca esquece.

— Ainda tenho a cicatriz. E aqui? — Yuri mostrou o ombro — Esqueceu que atirou a escova de cabelo em mim?

— Você não devia ter dito que meu vestido novo era feio.

— Era feio — disse dando de ombros; depois bateu com a mão no peito. — E aqui, onde você...

— Chega! — disse, levantando-se com toda dignidade. — Ou nossa convidada vai achar que sou uma tirana.

— Ela é uma tirana — disse Yuri para Sydney com um sorriso.

— E esta tirana está ordenando que todos ajudem a tirar a mesa para comer a sobremesa.

Sydney ainda gargalhava ao lembrar-se das histórias, quando Mikhail atravessou a ponte de volta para Manhattan. Em algum ponto, durante a refeição longa e descontraída, ela deixara de se sentir perturbada perto dele. Talvez tivesse tomado vinho demais. Com certeza comera *kissel* demais — um pudim de damasco divino, servido com calda suculenta e saborosa. Mas estava descontraída e não se lembrava de jamais ter passado um domingo tão agradável.

— Seu pai inventou aquilo? — Recostada no assento, virou a cabeça para observar o perfil de Mikhail. — Sobre sua mãe atirar coisas?

— Não, ela atira coisas mesmo. — Ele desceu a ponte e entrou no tráfego da cidade. — Uma vez atirou um prato inteiro de espaguete e almôndegas por eu estar comendo rápido demais.

A risada dela saiu numa explosão de alegria.

— Ah, eu adoraria ter visto a cena! Você se abaixou?

Ele deu uma risada.

— Não rápido o suficiente.

— Nunca atirei nada na minha vida. — O suspiro era em parte melancólico, em parte invejoso. — Acho que deve ser uma ótima forma de extravasar. Eles são maravilhosos. — disse depois de um minuto. — Sua família. Você tem muita sorte.

— Então você não se importa em comer no Brooklyn?

Franzindo a testa, ela se ajeitou no banco.

— Não foi por isso que me zanguiei. Já disse: não sou esnobe. Só não estava preparada. Deveria ter me dito que ia me levar à casa dos seus pais.

— E você teria ido?

Ela abriu a boca e voltou a fechá-la. Depois de um momento, deixou os ombros erguerem-se e caírem.

— Não sei. Por que me levou?

— Queria ver você lá. Talvez quisesse que você também me visse lá.

Surpresa, voltou-se para olhá-lo. Estavam quase chegando. Mais alguns minutos e ele seguiria seu caminho e ela o dela.

— Não entendo por que isso lhe importaria.

— Então você entende muito pouca coisa, Sydney.

— Eu poderia entender se você fosse mais claro. — De repente, era importante, vital, saber. As pontas dos dedos começavam a formigar e ela precisou esfregar uns nos outros para deter a sensação.

— Sou melhor com as mãos do que com palavras. — Impaciente com ela, com ele, parou na garagem do prédio dela. Quando tirou os óculos, os olhos estavam sombrios e turbulentos.

Será que ela não se dava conta de que aquele maldito perfume deixava seus nervos em frangalhos? O jeito como ela ria, como o cabelo esvoaçava ao vento. Como seus olhos haviam se suavizado e se enternecido quando ela admirara a brincadeira tola do pai dele!

Era pior, muito pior agora que ele a vira junto à família dele. Agora que vira como sua rigidez inicial desmanchara-se diante de meia dúzia de palavras gentis. Ele se preocupara, achara ter cometido um erro, pois ela trataria sua família com frieza, desdenharia da casa velha e da comida simples.

Em vez disso, ela rira com seu pai, enxugara pratos com sua mãe. O flerte descarado de Alex não a ofendera; pelo contrário, a divertira. E quando Rachel elogiara a forma como lidara com o acidente da Sra. Wolburg, ela corara como uma menininha.

Como diabos ele poderia supor que se apaixonaria por ela?

E agora, novamente sozinhos, toda aquela frieza voltava à tona. Ele podia ver pelo jeito como se retesara ao sair do carro.

Droga! Ele podia senti-lo — surpreendia-o que o gelo não congelasse o para-brisa do carro.

— Vou acompanhá-la até seu apartamento. — Ele bateu a porta do carro.

— Não é necessário. — Ela não sabia o que estragara a noite, mas já estava pronta a colocar a culpa toda nos ombros dele.

— Vou acompanhá-la — repetiu e caminharam até o elevador.

— Está bem. — Ela cruzou os braços e esperou.

No momento em que a porta abriu, entraram sem falar. Ambos tinham certeza de ser a mais longa subida de elevador da história. Sydney passou na frente dele ao chegarem a seu andar. Já pegara as chaves, dois passos antes de chegarem à porta.

— Gostei de sua família — disse, com educação. — Não se esqueça de dizer a seus pais, mais uma vez, o quanto apreciei a hospitalidade deles. — A fechadura abriu. — Pode me achar no escritório se surgir algum problema durante a semana.

Ele plantou a mão na porta antes que ela pudesse fechá-la na sua cara.

— Eu vou entrar.

CAPÍTULO SETE

Sydney considerou a possibilidade de bater à porta quando ele se apoiou nela, mas julgou as chances remotas, optando por uma atitude de fria reserva.

— Está um pouco cedo para um drinque e um pouco tarde para um café.

— Não quero beber nada. — Mikhail bateu a porta com tanta força que o espelho do vestíbulo estremeceu.

Embora se recusasse a recuar, Sydney sentiu os músculos em seu corpo experimentarem o conhecido tremor incontrolável.

— Algumas pessoas podem considerar falta de modos um homem forçar a entrada no apartamento de uma mulher.

— Eu não tenho modos — retorquiu. Enfiando as mãos nos bolsos, encaminhou-se para a sala de estar.

— Deve ter sido um suplício para seus pais. Obviamente eles se empenharam bastante em inculcar certo código de comportamento nos filhos. Não funcionou com você.

Ele virou-se e veio-lhe à mente um gato compacto e musculoso à caça. Definitivamente um caçador.

— Você gostou deles?

Desconcertada, colocou a mão no cabelo despenteado.

— Claro que gostei. Já disse isso.

Enquanto as mãos dele se remexiam nos bolsos, levantou a sobrancelha.

— Achei que talvez o comentário fosse fruto de seus bons modos.

Como um insulto, atingira seu objetivo com precisão. A indignação rompeu o gelo.

— Bem, você está enganado. Agora se já acertamos tudo, você pode ir.

— Não acertamos nada. Quero que me explique por que mudou tanto no espaço de uma hora.

Ela recuperou o controle, comprimindo os lábios antes que eles pudessem fazer um bico.

— Não sei do que está falando.

— Com minha família você foi afetuosa e meiga. Sorria com tanta facilidade... Agora, comigo você é fria e distante. Não sorri nunca.

— Que absurdo! — Embora fosse pouco mais do que uma simples exibição dos dentes, forçou um sorriso. — Pronto. Sorri para você. Satisfeito?

A irritação brilhou em seus olhos quando ele voltou a andar de um lado para outro.

— Não tenho andado satisfeito desde que entrei em seu escritório. Você me faz sofrer e não gosto disso.

— Artistas supostamente se entregam ao sofrimento — retrucou. — E não vejo como posso ter alguma coisa a ver com isso. Atendi a todas as exigências feitas por você: substituí as janelas, mudei a tubulação, deixei vocês livres daquela fiação puída e descascada.

— Puída e desencapada — corrigiu-a, quase achando graça.

— Bem, já acabou, né? Você faz ideia da quantidade de tábuas que autorizei?

— Bastante, no menos o suficiente para durar, eu sei. Não é essa questão.

Ela o observou, séria como uma coruja.

— Você sabe que desconsidera e troca os artigos e preposições quando está zangado?

Os olhos dele estreitaram-se.

— Não desconsidero nada.

— Seus “os” e “as” — assinalou. — E a estrutura da frase fica esquisita. Você mistura os pronomes. “Pelo menos” Por “no menos”.

O comentário doeu.

— Gostaria de ouvir você falar minha língua.

Ela largou a bolsa na mesa com força.

— *Baryshnikov, glasnost.*

Os lábios dele curvaram-se.

— Isso é russo. Sou ucraniano. Você cometeu um erro, mas vou deixar passar.

— Passá-lo. Você vai deixar passá-lo — corrigiu-o. — De qualquer forma, é bem parecido.

Ele deu um passo à frente e ela um para trás.

— Aposto que podemos ter uma discussão fascinante sobre as sutilezas do idioma, mas será preciso esperar. — Ele chegou mais perto e ela, casualmente, recuou.

— Como disse antes, adorei a tarde. Agora — ele deu outro passo e a seguiu rodeando a cadeira — pare de me encurralar.

— Você está imaginando coisas. Você não é um coelho, é uma mulher.

Mas ela se sentia como um coelho, uma daquelas pobres e indefesas criaturas presas numa armadilha.

— Eu não sei o que o colocou neste estado de ânimo...

— Eu tenho muitos estados de ânimos. Você me coloca neste toda vez que vejo ou penso em você.

Ela se moveu para colocar uma mesa entre os dois. Por saber muito bem que se continuasse recuando, acabaria colada na parede, resolveu parar a enfrentá-lo.

— Está bem, droga. O que você quer?

— Você. Está cansada de saber que quero você.

O coração dela subiu e desceu — quase saiu pela garganta e depois mergulhou no estômago.

— Não quer não. — O tremor em sua voz a deixou tão irritada que ela precisou forçar a atitude distante. — Não aprecio o jogo que está jogando.

— Eu jogando? O que um homem deve pensar quando uma mulher lhe dá condição e depois pula fora? Quando, num minuto, olha para ele com paixão e depois congela no seguinte? — As mãos dele elevaram-se em frustração, depois bateram na mesa. — Eu disse com todas as letras, quando

— Você ficou chateada, que não queria sua mãe e sim você. E você me chamou de mentiroso.

— Eu não... — Ela mal conseguia manter a respiração. Propositadamente afastou-se, movendo-se atrás de uma cadeira e apertando com força o espaldar. Tinha cometido um erro ao olhar aqueles olhos. Havia uma brutalidade neles que lhe despertava uma terrível pontada de excitação.

— Você não me queria antes.

— Antes? Acho que quis você antes de conhecê-la. A que antes se refere?

— No carro. — A humilhação tirou-lhe a cor do rosto. — Quando eu, quando nós voltávamos de *Long Island*. Estávamos.... — Enfiou os dedos nas costas da cadeira. — Não importa.

Em duas passadas, ele estava na frente da cadeira, as mãos agarrando as suas.

— Diga o que quer dizer.

Orgulho, disse a si mesma. Manteria o orgulho.

— Está bem então. Para esclarecer, e para não precisarmos mais ter esse tipo de conversa. Você começou algo no carro aquela noite. Eu não pedi, eu não o encorajei, mas você começou. — Respirou fundo para ter certeza de que a voz se conservaria firme. — E você parou porque... bem porque eu não era o que você queria.

Por um momento, ele apenas a fitou, muito surpreso para falar. Depois a expressão mudou, tão rápido, que a única reação de Sydney foi vacilar diante da onda de raiva. Quando ele agiu, ela soltou um gritinho de surpresa. A cadeira que os separava foi parar longe.

Ele praguejou. Ela não precisava entender as palavras para compreender o sentimento por trás delas. Antes que pudesse recuar com dignidade, as mãos dele apertavam seus braços com força. Por um instante, temeu sair voando como a cadeira. Ele era forte o bastante — e, com certeza, zangado o bastante. Mas ele apenas continuou a gritar.

Levou quase um minuto para perceber que seus pés estavam a um palmo do chão e que ele voltara a falar em inglês.

— Idiota. Como pode uma mulher tão inteligente não ter cérebro?

— Não vou ficar aqui de pé ouvindo insultos. — É claro que ela não estava de pé, pensou, lutando contra o pânico. Estava pendurada.

— Não é insulto dizer a verdade. Por semanas venho tentando ser um cavalheiro.

— Ser cavalheiro! — exclamou furiosa. — Você tentou ser cavalheiro? Pois bem, fracassou.

— Acho que você precisa de tempo, precisa que eu demonstre a você como me sinto. E lamento tê-la tratado daquele jeito no carro aquela noite. Comecei a achar que você ia pensar... — Calou-se, frustrado por não encontrar a palavra certa. — Que você ia pensar que sou...

— Um selvagem — ela verbalizou, com alívio. — Um bárbaro.

— Não, não é tão ruim assim. Mas um homem que abusa de uma mulher por prazer, à força e a magoa...

— Não era uma questão de força — disse Sydney, com frieza. — Agora me coloque no chão.

Ele a suspendeu outro palmo.

— Você acha que parei por não desejar você?

— Tenho plena consciência de que minha sexualidade é abaixo da média.

Ele não fazia ideia do que ela dizia e seguiu em frente.

— Estávamos no carro, no meio da cidade, com seu motorista no banco da frente. E eu estava prestes a rasgar sua roupa e possuí-la, ali mesmo. Fiquei zangado comigo mesmo e com você porque você tem a capacidade de me fazer perder o juízo.

Ela tentou encontrar uma resposta, entretanto ele a pusera de volta no chão e as mãos não mais a apertavam, mas acariciavam. A raiva no olhar tinha se tornado algo diferente e a deixava sem respiração.

— Todos os dias — ele murmurou —, todas as noites, me lembrei de como você era, da sua pele. Então eu quis mais. E esperei que você oferecesse o que vi em seus olhos naquela noite. Mas você não fez. Não posso esperar mais.

Sentiu os dedos dele em seus cabelos, agarrando-os, puxando-lhe a cabeça para que a boca tomasse a sua. A excitação invadiu-lhe a pele misturando-se ao sangue e aos ossos. O gemido não era causado por dor, mas por prazer atormentado. Desejando, desesperadamente desejando, a boca abriu-se, convidando-o, aceitando-o. Desta vez, quando o coração subiu até a garganta, a sensação era de selvagem glória.

Ele parou de beijá-la e colocou os lábios em seu pescoço. Ela não havia pedido, não o havia encorajado. Essas tinham sido as palavras dela e ele não iria ignorar a verdade nelas contidas. Agarrava-se ao menor, ao mais insignificante resquício de controle que ainda lhe restava, lutando por recuperar o fôlego e agarrar-se à sanidade.

— Atire-me no inferno ou conduza-me ao paraíso — ele murmurou. — Mas faça-o agora.

Os braços dela envolveram-lhe o pescoço. Ele iria embora, sabia, como fora embora da primeira vez. E se o fizesse, talvez ela nunca mais sentisse esse prazer.

— Eu quero você. — Estou com medo, estou com medo. — Sim, eu quero você. Faça amor comigo.

E a boca estava novamente na sua, dura, quente, voraz, enquanto as mãos, como aço fundido, percorriam-lhe o corpo. Não se tratava de uma carícia, mas de uma marcação a ferro. Num longo e possessivo aperto, ele deixou claro o que queria. Era tarde demais para voltar atrás.

Medos e prazeres a assaltaram, ondas de forte emoção que a deixaram tremendo mesmo ao absorver as delícias.

Enfiou as unhas nos ombros dele, agarrou-lhe os cabelos. Através das camadas finas de algodão, ela sentia a batida descompassada do coração dele e sabia que pulsava por ela.

Mais. Ele só podia pensar que queria mais, mesmo quando o perfume dançou em sua cabeça e o gosto dela inundou-lhe a boca. Ela moveu-se contra ele, aquele corpo miúdo e delgado, impaciente e ansioso. Quando ele a tocou, quando as mãos de artista a esculpiram, encontrando as curvas e superfícies planas perfeitas, seus gemidos baixos e profundos golpearam-lhe os ouvidos como trovoadas.

Mais.

Ele abaixou as alças dos ombros, arrebetando uma na pressa de remover mesmo aquele pequeno obstáculo. Enquanto a boca percorria a curva macia e nua, ele agarrou o zíper, puxando-o e descendo-o até o vestido cair a seus pés.

E debaixo do vestido... Oh, céus, debaixo do vestido...

O vestido deslizou exibindo a roupa íntima de seda transparente, seios brancos como leite, coxas compridas, adoráveis. Ela levantou a mão trêmula como se fosse cobrir-se, mas ele a segurou, mantendo-a prisioneira. Não viu a audácia nos olhos dela, perdido como estava em admirá-la, cercada pelas últimas chamas do pôr-do-sol a aquecer o aposento.

— Mikhail. — Por não se encontrar em condições de falar, ele apenas meneou a cabeça. — Eu... o quarto.

Ele ficou tentado a possuí-la onde estavam ou simplesmente derrubá-la no chão. Ao olhar para si mesmo, viu que ele a tinha segurado no colo num glorioso movimento.

— Melhor ser perto.

Com um sorriso hesitante, ela apontou em direção ao quarto. Nenhum homem jamais a levara no colo para a cama e ela achou o gesto incrivelmente romântico. Sem saber como agir, Sydney comprimiu os lábios em seu pescoço. Ele estremeceu. Encorajada, ela passou os lábios por sua orelha. Ele gemeu. Com um suspiro de prazer, ela continuou a mordiscá-lo enquanto enfiava a mão debaixo da sua camisa para acariciar-lhe o ombro.

Apertou-a com firmeza nos braços. Quando ela girou a cabeça, a boca estava ali, ávida, apossando-se da sua, e ele atirou-se com ela na cama.

— Não devíamos fechar as cortinas? — A pergunta terminou num arfar quando ele começou a fazer coisas, coisas avassaladoras, coisas destruidoras com ela. Não havia espaço para timidez nesse mundo etéreo e rodopiante.

Não deveria ser assim. Ela sempre acreditara que fazer amor era algo ou estranhamente mecânico ou reconfortante. Não era para ser tão urgente, tão turbulento. Tão incrível. Aquelas mãos ásperas, experientes, precipitavam-se pela carne, pela seda, depois voltavam para a carne, transformando-a numa massa trêmula de sensações. A boca mostrou-se tão apressada e experiente quando percorreu a mesma jornada erótica.

Ele estava perdido nela, total, irremediavelmente perdido nela. Mesmo o ar estava impregnado dela, aquele perfume suave, contido, gloriosamente sedutor. A pele dela parecia se desmanchar como flores líquidas sob seus dedos, seus lábios. Cada tremor que ele lhe despertava repercutia nele, até ele achar que ia enlouquecer.

Tomado por um desejo intempestivo, frenético, excessivo mesmo, quando ela se tornou mais dócil, mais suave.

Impaciente, ele levou a boca a seu seio para sugá-lo através da seda, enquanto as mãos subiram-lhe pelas coxas e encontraram-na molhada e ardente.

Quando ele a tocou, o corpo dela arqueou-se, em transe. Estendeu o braço para trás até os dedos agarrarem uma das barras da cabeceira de metal. Ela balançou a cabeça quando o prazer explodiu dentro dela, ardendo como uma bala de revólver. De repente, medo e desejo estavam tão entrelaçados na mesma emoção que ela não sabia se devia implorar para que ele parasse ou para que continuasse. Mais e mais.

Desamparada, fora de controle, ela tentou respirar. Parecia que seu corpo se contraía até ela se enroscar, transformada numa bola fervente. No momento mesmo em que soluçou seu nome, a bola explodiu e ela foi deixada sem abrigo.

Um gemido ecoou quando o corpo voltou a amolecer.

Extremamente excitado, ele fitou o prazer inflamado, ardente que lhe deixava o rosto corado, o desejo profundo e assombrado que transformava seus olhos num azul-acinzentado. Por ela, por ele, voltou a possuí-la, levando-a aos céus até que a respiração dela tornou-se ofegante e o corpo ardeu em chamas.

— Por favor — ela conseguiu pronunciar quando ele puxou a seda para o lado.

— Eu vou satisfazê-la. — Ele passou a língua em seu mamilo. — E a mim.

Não era possível sentir mais prazer. Contudo, ele provou que sim. Mesmo quando ela começou a tentar arrancar-lhe as roupas, ele continuou a assaltar-lhe o corpo e dar-lhe mais, muito mais do que ela jamais acreditou ser capaz de suportar. As mãos nunca paravam enquanto rolava na cama com ela, ajudando-a a livrá-lo de qualquer possível barreira.

Ele a queria louca por ele, tanto quanto ele estava por ela. Podia sentir a ânsia selvagem pela maneira como ela se movia debaixo dele, pelo jeito como as mãos dela o buscavam. E sim, pelo jeito que ele encontrou o objeto secreto que ela vinha guardando só para ele.

Quando ele não conseguiu mais esperar, mergulhou dentro dela.

Ela estava num estado de puro êxtase. Não havia nome para a sensação experimentada. O corpo movia-se, arqueando-se ao encontro do dele, percebendo que seu ritmo íntimo era tão natural quanto a respiração. Sabia que ele falava com ela, palavras desesperadas numa mistura de idiomas. Ela compreendeu que onde quer que ela estivesse, ele também estava com ela, tão cativo quanto ela.

E quando o domínio que ele exercia sobre ela a fez soltar-se da margem à qual se agarrava, ele era tudo que existia. Tudo que devia existir.

Escurecera, o aposento em sombras. Duvidando jamais voltar a ter a mente clara, Sydney olhou para o teto e ouviu respiração de Mikhail. Era tolice, supunha, mas era reconfortante ouvir o som íntimo, movendo-se calmamente para fora e para dentro de seus pulmões. Ela poderia ficar a ouvi-lo por horas.

E talvez tivesse ficado a ouvir.

Não fazia ideia de quanto tempo se passara desde que ele enfiara a mão na porta e entrara atrás dela. Podiam ter sido minutos ou horas, mas não importava. Sua vida havia mudado. Sorrindo para si mesma, passou a mão nos cabelos dele. Ele virou a cabeça um centímetro e encostou os lábios na parte inferior de seu queixo.

— Pensei que estivesse dormindo — murmurou.

— Não. Eu não cairia dormindo em cima de você. — Ele levantou a cabeça. Ela podia ver o brilho em seus olhos, a sombra de um sorriso. — Há tantas coisas mais interessantes para fazer em cima de você.

Ela sentiu o rubor subir-lhe ao rosto e sentiu-se grata pela escuridão.

— Eu estava pensando... — Como poderia perguntar? — Foi bom, então?

— Não. — Com o corpo colocado ao dela, pôde perceber seu rápido recuo. — Sydney, posso não ter um vocabulário tão rico quanto o seu, mas acho que “bom” é uma escolha pobre. Bom é para um passeio no parque.

— Só quis dizer... — Ela moveu-se. Embora ele tivesse se apoiado nos cotovelos para diminuir o peso em cima dela, certificou-se de que ela não poderia escapar.

— Acho que devemos acender a luz agora.

— Não, isto não é... — A luz do abajur da mesinha de cabeceira foi acesa — ...necessário.

— Quero ver você, pois acho que vou fazer amor com você de novo num minuto. E gosto de olhar você. — Colou os lábios nos dela, despretensiosamente. — Não.

— Não o quê?

— Não contraia os ombros. Gostaria de acreditar que você pode relaxar comigo.

— Estou relaxada — disse e soltou um longo suspiro. Não, não estava. — É que sempre que eu faço uma pergunta direta, você vem com evasivas. Eu só queria saber se você ficou... bem, satisfeito.

Ela tinha se sentido segura antes, mas agora, quando o calor perdera a força, transformando-se numa temperatura morna, começou a achar que isto era só o que ela desejava.

— Ah! — Puxando-a mais para perto, ele virou-a até ela ficar por cima dele. — Isto é como uma adivinhação. Um prova de múltipla escolha. Eram minhas favoritas na escola. Você quer saber? “A” é bom, “B” é muito bom e “C” é maravilhoso.

— Esqueça.

Ele passou os braços em torno dela quando ela tentou escapar.

— Não terminei com você ainda, Hayward. Ainda preciso responder à pergunta, mas acho que não há opções suficientes. — Ele prendeu-a até que os lábios dela não tinham outra opção a não ser colar-se aos seus. E o beijo foi demorado e meigo. — Você entende agora?

Os olhos dele eram escuros, ainda pesados do prazer compartilhado. O olhar dizia mais que mil palavras afetuosas.

— Sim.

— Bem. Então volte para mim. — Ele acomodou sua cabeça no ombro e começou a passar a mão carinhosamente por suas costas. — Está gostoso?

— Está. — Ela sorriu de novo. — Está muito gostoso. — Vários minutos se passaram num silêncio reconfortante. — Mikhail.

— Há?

— Não havia muitas opções para mim também.

Ela era tão linda dormindo que ele mal podia afastar o olhar. O cabelo, uma inundação de fogo dourado, cobria-lhe parte do rosto. Uma das mãos, pequena e delicada, curvada no travesseiro onde ele repousara a cabeça. O lençol, embolado, depois de horas de sessões de amor, mostravam os contornos do corpo dela onde o linho subia até a curva de seu seio.

Ela tinha sido mais fantástica do que qualquer fantasia: generosa, aberta, surpreendentemente sexy e tímida, tudo ao mesmo tempo. Tinha sido como iniciar uma virgem e ser seduzido por uma sereia. E depois, o ligeiro constrangimento, a atordoante insegurança. De onde teriam vindo?

Ele teria que persuadi-la a lhe dizer a resposta. E se a persuasão não funcionasse, iria intimidá-la até confessar.

Mas agora, quando a olhava na luz da manhã, sentiu uma ternura comovente. Ele odiava acordá-la, mas conhecia as mulheres o suficiente para saber que ela ficaria magoada se ele fosse embora enquanto ela dormia.

Carinhosamente afastou-lhe o cabelo do rosto, curvou-se e beijou-a. Ela mexeu-se e acabou mexendo com o desejo dele. Ele voltou a beijá-la, mordiscando-lhe o pescoço até chegar à orelha.

— Sydney. — A resposta sonolenta deixou seu sangue a ferver. — Acorde e me dê um beijo de despedida.

— Já é de manhã? — Os cílios agitaram-se e revelaram olhos sonolentos. Ela o fitou por um instante, enquanto tentava despertar. O rosto dele estava próximo e escurecido pela barba por fazer. Para satisfazer um antigo desejo, ela tocou-lhe o rosto. — Você tem um rosto perigoso. — Quando ele sorriu, ela se apoiou no cotovelo. — Você já está vestido — percebeu.

— Achei que deveria me vestir para ir para casa.

— Ir embora?

Satisfeito, ele sentou-se na beira da cama.

— Trabalhar. São quase sete horas. Fiz café na sua cafeteira e usei seu chuveiro.

Ela meneou a cabeça. Podia sentir o cheiro dos dois — do café e de seu sabonete na pele dele.

— Você devia ter me acordado.

Ele enroscou uma mecha de seus cabelos no dedo, gostando do jeito como seu sutil fogo parecia lambe-la a pele.

— Não deixei você dormir muito a noite passada. Você vai ao Soho depois do trabalho? Vou preparar o jantar.

Aliviada, sorriu.

— Vou.

— E vai passar a noite comigo? Dormir na minha cama?

Ela sentou-se para ficarem com os rostos no mesmo nível.

— Vou.

— Ótimo. — Ele soltou a mecha de cabelo. — Então me dê um beijo de despedida.

— Está bem. — Testando-se, ergueu o corpo, e abraçou-lhe o pescoço. O lençol escorregou até a cintura. Satisfeita, ela viu o olhar dele descer, sentiu o tencionar da musculatura e o movimento lânguido. Lentamente, esperando até os olhos dele voltarem a encontrar os seus, ela se curvou. Os lábios tocaram os dele e recuaram, tocaram e recuaram, até ouvi-lo gemer. Satisfeita por ter toda sua atenção, ela abriu os botões da camisa.

— Sydney. — Quase rindo, pegou-lhe as mãos. — Você vai fazer eu me atrasar.

— É essa minha intenção. — Ela sorria ao descer-lhe a camisa pelos ombros. — Não se preocupe. Vou intervir a seu favor com o chefe.

Duas horas depois, Sydney entrou no escritório com um enorme buquê de flores. Deixara o cabelo solto, escolhera um conjunto amarelo vibrante para combinar com seu humor. E cantarolava.

Janine levantou a cabeça, preparada para saudá-la como de hábito. As palavras formais ficaram engasgadas.

— Nossa, Srta. Hayward, a senhora está fabulosa!

— Obrigada, Janine. É assim que me sinto. Estas flores são para você.

Confusa, Janine pegou o enorme buquê.

— Obrigada. Eu... Obrigada.

— A que horas é minha primeira reunião?

— Às 09 h 30 com a Sra. Brinkman e os Srs. Lowe e Keller para finalizar a compra do projeto de habitações em Nova Jersey.

Então ainda tenho vinte minutos. Gostaria de conversar com você em meu escritório.

— Sim senhora — Janine já estava pegando o bloco.

— Você não vai precisar disso — falou e atravessou as portas duplas. Sentou-se e fez um gesto para que Janine se sentasse.

— Há quanto tempo trabalha para a empresa?

— Fez cinco anos no último mês de março.

Sydney recostou-se na poltrona e olhou para a secretária. Olhou de verdade. Janine era atraente, arrumada, tinha olhos cinza, diretos que, no momento, se mostravam um tanto surpresos. O cabelo louro-escuro era curto e liso. Ela se vestia bem, percebeu Sydney. A aparência era importante, embora não o mais importante, mas certamente contava para o que planejava.

— Você devia ser muito jovem quando começou a trabalhar aqui.

— Tinha 21 anos — respondeu Janine com um sorriso. — Tinha terminado o curso de administração.

— Você está desempenhando a função que quer, Janine?

— Como?

— Você pretende passar o resto da vida como secretária ou tem outras ambições?

Janine resistiu ao impulso de se contorcer na poltrona.

— Pretendo chegar a gerente de departamento. Mas gosto de trabalhar para a senhora, Srta. Hayward.

— Você tem cinco anos de experiência com a empresa, ou seja, quase cinco a mais do que eu e ainda assim gosta de trabalhar comigo. Por quê?

— Por quê? — O nervoso de Janine sumiu e transformou-se em total embaraço. — Ser secretária da presidência da Hayward é um cargo importante

e acho que desempenho bem minha função.

— Concordo com ambas as declarações. — Levantando-se, Sydney contornou a escrivaninha e posicionou-se na beirada da mesa. — Vamos ser francas, Janine. Ninguém aqui na empresa esperava que eu durasse mais do que um mês ou dois e tenho certeza de que devem ter suposto que eu passaria a maior parte do tempo lixando as unhas ou batendo papo com as amigas no telefone. — Notou pelo ligeiro corar das maçãs do rosto de Janine que chegara bem perto da verdade. — Eles me deram uma secretária eficiente, não uma assistente ou um gerente administrativo ou assessor executivo, seja lá o nome que deem ao cargo na Hayward, porque não acharam que eu precisaria de um. Certo?

— Foi o que disseram. — Janine retesou-se na poltrona e encarou Sydney. Se estava prestes a ser demitida, o faria com dignidade. — Aceitei o cargo por ser um bom cargo, uma promoção e significava um aumento de salário.

— E acho que agiu com bastante esperteza. A porta se abriu e você entrou. Desde que começou a trabalhar comigo, tem se mostrado excelente. Não posso dizer que tenho muita experiência com secretárias, mas sei que você está em sua mesa quando chego e, muitas vezes, ainda continua nela depois que vou embora. Quando lhe peço alguma informação, ela está sempre disponível ou então você a consegue. Quando peço, você explica e quando dou uma ordem, você a cumpre.

— Não acredito em fazer as coisas pela metade, Srta. Hayward.

Sydney sorriu. Era exatamente o que esperava ouvir.

— E você quer progredir. Ao contrário dos outros, quando minha posição tornou-se frágil ao extremo, na semana passada, você me apoiou. Interromper a reunião do conselho foi um risco e colocar-se a meu lado naquela ocasião certamente diminuiria suas chances de progredir na empresa, caso eu fosse convidada a abrir mão do cargo. E, sem dúvida, você ganhou um poderoso inimigo.

— Eu trabalho para a senhora, não para o Sr. Bingham. E mesmo que não se tratasse de uma questão de lealdade, a senhora estava agindo corretamente.

— Fico muito comovida com sua lealdade, Janine, assim como fico feliz em dar uma chance a alguém que está tentando melhorar de vida. As flores eram um agradecimento pela sua lealdade a mim, como pessoa.

— Obrigada, Srta. Hayward. — O rosto de Janine relaxou e abriu-se num sorriso.

— De nada. Considero sua promoção como minha assistente executiva, com o salário apropriado e benefícios, uma boa decisão de negócios.

Janine ficou boquiaberta.

— O que a senhora disse?

— Espero que aceite o cargo, Janine. Preciso de alguém em quem confie, respeite e que saiba como gerir o escritório. Combinado? — Sydney estendeu-lhe a mão. Janine a fitou antes de conseguir levantar-se e apertá-la com firmeza entre as suas.

— Srta. Hayward.

— Sydney. Estamos juntas nessa.

Janine, surpresa, deu uma risada rápida.

— Sydney. Espero não estar sonhando.

— Está de olhos bem abertos e a artilharia antiaérea vai nos atacar antes do dia terminar. Sua primeira missão no novo cargo é conseguir uma reunião para mim com Lloyd. Faça uma solicitação formal, aqui na minha sala, antes do fim do expediente.

Ele a fez esperar até as 16 h 15, mas Sydney era paciente. Na pior das hipóteses, o tempo extra lhe deu oportunidade de examinar os sentimentos e certificar-se de que sua decisão não se calcava na emoção.

Quando Janine o anunciou, Sydney estava pronta e segura.

— Você escolheu um dia cheio para uma conversa — começou.

— Sente-se, Lloyd.

Ele sentou-se e ela esperou enquanto ele pegava um cigarro.

— Não vou tomar muito de seu tempo. Achei melhor discutir o assunto o mais rápido possível.

O olhar dele iluminou-se e sorriu confiante entre uma nuvem de fumaça.

— Está enfrentando problemas em algum dos projetos?

— Não. — Os lábios curvaram-se num sorriso pouco acolhedor. — Não há nada com que eu não possa lidar. É um conflito interno na empresa que me diz respeito e decidi resolvê-lo.

— Reorganização do escritório é um negócio complicado. — Ele cruzou as pernas e recostou-se. — Você realmente acha que já teve tempo de avaliar o funcionamento da empresa para tentar uma reengenharia?

— Não vou tentá-la. Vou executá-la. Gostaria de ter seu pedido de demissão na minha mesa amanhã até as cinco horas.

Ele ficou tenso.

— De que diabos está falando?

— Sobre seu pedido de afastamento, Lloyd. Ou se necessário, de sua demissão. Fica a seu critério.

Ele esmagou o cigarro no cinzeiro.

— Você acha que pode me demitir? Acha que pode chegar aqui e em apenas três meses demitir a mim que estou na empresa há 12 anos?

— O problema é o seguinte — disse, serena. — Não importa se são três meses ou três dias. Eu sou uma Hayward e não vou tolerar que um de meus executivos tente me boicotar. É obvio que você não está satisfeito com sua atual posição na Hayward e posso garantir-lhe que vou continuar na presidência da empresa por um bom tempo. Portanto, acredito ser de seu interesse e, certamente do meu, que você se demita.

— Mas não vou mesmo.

— É sua opção, é claro. De qualquer modo, vou levar o assunto ao Conselho e usarei de todo poder à minha disposição para limitar o seu.

Agindo por instinto, ela lançou outro dardo.

— Deixar vazar o acidente da Sra. Wolburg para a imprensa não apenas me colocou numa posição difícil, mas a empresa também. Como diretor-executivo seu primeiro dever é em relação à empresa e não deveria sair numa cruzada vingativa pelo simples fato de não gostar de trabalhar para mim.

Ele se retesou e ela soube ter tocado no ponto certo.

— Você não tem como provar que o vazamento saiu do meu escritório.

— Você ficaria surpreso com o que possa provar — blefou. — Eu disse a você que queria sua lealdade ou seu pedido de demissão, caso o Conselho me apoiasse no projeto Soho Ambos sabemos que sua lealdade está fora de questão.

— Vou lhe dizer o que você vai conseguir. — A entonação de voz revelava desprezo, mas debaixo do elegante terno cinza, ele suave. — Eu vou estar sentado atrás daquela mesa quando você voltar para a Europa circulando de loja em loja.

— Não, Lloyd. Você nunca vai sentar atrás daquela mesa. Como sócia majoritária da Hayward, vou me encarregar disso. — Continuou baixinho: — Não foi necessário apresentar ao Conselho documentos dos vários casos nos quais você ignorou minhas solicitações, desconsiderou as queixas dos clientes, inquilinos e outros associados, na reunião de sexta. Mas pode ter certeza de que farei isso na próxima. No clima atual, acredito que meus desejos serão atendidos.

Ele fechou os dedos e imaginou a satisfação de apertá-los em seu pescoço.

— Você acha que por ter conseguido superar uma trapalhada, porque seu avô senil jogou você nesta mesa, pode se ver livre de mim? Senhorita, eu vou acabar com você.

Fria, inclinou a cabeça.

— Fique à vontade para tentar. Se não conseguir, pode ser difícil para você encontrar uma posição similar em outra empresa. — Os olhos dela gelaram. — Se pensa que não tenho influência ou os instintos básicos para levar isso adiante, está cometendo um erro. Você tem 24 horas para considerar as opções. A reunião terminou.

— Sua vagabunda calculista!

Levantou-se e desta vez foi ela quem se inclinou na mesa.

— Experimente — disse numa voz baixa. — Vá em frente.

— Isto não terminou. — Virando nos calcanhares, marchou para a porta e abriu-a com tanta força que ela bateu na parede. Depois de três respirações profundas, Sydney afundou na poltrona. Tudo bem, tremia — mas só um pouco. E era de raiva, percebeu ao comprimir a mão no estômago. Não de medo. Ótimo, conseguia manter o sangue frio. Descobriu não precisar pôr a raiva para fora torcendo cliques ou rasgando papéis. Na verdade, descobriu se sentir maravilhosa.

CAPÍTULO OITO

Mikhail mexeu o ensopado de carne, temperos e tomates na velha caçarola de ferro fundido e observou a rua através da janela da cozinha. Depois de cheirar e provar, acrescentou outro bocado de vinho tinto à mistura. Na sala de estar, ouvia-se “*As bodas de Figaro*”. Em quanto tempo Sydney chegaria? Deixando a comida ferver em fogo brando, foi até a sala de estar observar o bloco de pau-rosa que, aos poucos, transformava-se em seu rosto.

Sua boca. A suavidade da boca começava a emergir. Testando, mediu-a entre o indicador e o polegar. E lembrou-se do gosto daquela boca movendo-se ávida debaixo da dele. Doce e quente, recoberta com vinho branco gelado. Viciante.

Aquelas maçãs do rosto, tão aristocráticas, tão elegantes, podiam acrescentar um olhar arrogante de rainha num momento ou o de um guerreiro frio no seguinte. Aquela mandíbula firme e orgulhosa — ele passou o dedo ao longo da madeira e pensou no quão sensível e lisa era a pele.

Os olhos... Temeu ter problemas com os olhos dela. Ah, não o formato — isto era simples de esculpir, mas o sentimento, os mistérios a se esconder por trás deles.

Ainda havia tanto que precisava saber... Inclinou-se e aproximou-se até ficar olho no olho com o busto semi-formado.

— Você vai me deixar entrar — ele sussurrou. Ao ouvir a batida na porta, permaneceu parado, esperando o rosto de Sydney aparecer. — Está aberta.

— Oi, Mik. — Keely entrou usando uma camiseta de bolinhas e shorts verde-neon. — Tem alguma coisa gelada? Minha geladeira finalmente parou de vez.

— Sirva-se — disse, ausente. — Vou colocar seu nome no topo da lista para as novas geladeiras.

— Meu herói! — Ela parou na cozinha e cheirou a comida na caçarola. — Nossa, isto cheira a pecado. — Pegou a colher e provou um pouco. — E é pecaminoso. Parece muito para uma pessoa só.

— São duas.

— Ah! — Ela deu à palavra uma entonação ascendente, como se tivesse três sílabas, enquanto pegava um refrigerante na geladeira. O cheiro deixou-a com água na boca e novamente lançou um olhar de cobiça à caçarola. — Também me parece muito para dois.

Ele olhou por cima do ombro e riu.

— Coloque um pouco numa vasilha. Deixe ferver um pouco mais.

— Você é um príncipe, Mik. — Ela mexeu no armário da cozinha. — Então, quem é a sortuda?

— Sydney Hayward.

— Sydney. — Arregalou os olhos. A colher na mão ficou parada no ar sobre a panela do *goulash* borbulhante. — Hayward — concluiu. — Você quer dizer a rica e linda Hayward que usa seda para trabalhar e carrega uma bolsa de seiscentos dólares que eu mesma fui à Saks para conferir o preço? Ela vem aqui para jantar e tudo mais?

Ele contava com o tudo mais.

— Sim.

— Uau! — Ela não conseguiu pensar em nada mais profundo. Mas não tinha certeza se gostava. Não, não tinha mesmo, pensava ao colocar com uma concha e seu improvisado jantar na vasilha.

Os ricos eram diferentes — acreditava seriamente nisso. E aquela mulher era rica com letras maiúsculas. Keely sabia que Mikhail ganhara uma bolada com seu trabalho, mas não podia considerá-lo um homem rico. Ele era apenas Mik, o cara sexy da porta ao lado, sempre disposto a desentupir a pia, matar uma aranha ou dividir uma cerveja.

Carregando a vasilha, passou por ele e reparou no seu último trabalho.

— Oh — disse, mas desta vez foi só um suspiro. Ela seria capaz de matar para ter umas maçãs de rosto como aquelas.

— Você gosta?

— Claro. Sempre gostei das suas obras. — Mas sentiu-se pouco à vontade. Não gostava do jeito como ele olhava o rosto de madeira. — Hum, imagino que vocês dois tenham mais do que negócios em comum.

— Sim. — Ele enfiou os polegares nos bolsos ao ver os olhos preocupados de Keely. — Algum problema?

— Problema? Não, problema nenhum. — Ela mordeu o lábio inferior. — Bem, é que... Mik, ela é tão *uptown Manhattan*.

Ele sabia que ela se referia não apenas a um endereço, mas sorriu e passou a mão no cabelo dela.

— Você está preocupada comigo.

— Bem, somos camaradas, não somos? Não suporto ver um camarada sair machucado.

Emocionado, beijou-lhe o nariz.

— Como aconteceu com você e o ator de pernas finas?

Ela mexeu os ombros.

— É, acho que sim. Mas eu não estava apaixonada por ele nem nada parecido. Talvez só um pouquinho

— Você chorou.

— Claro, mas sou uma manteiga derretida. Choro vendo comerciais de margarina. — Insatisfeita, olhou novamente o busto. Definitivamente *uptown*. — Uma mulher com essa aparência pode levar um cara a alistar-se na Legião Estrangeira ou algo parecido.

Ele riu e despenteou-lhe o cabelo.

— Não se preocupe. Eu escrevo pra você.

Antes que ela pudesse pensar numa resposta espirituosa, ouviu-se uma batida. Dando um tapinha no ombro de Keely, ele foi atender.

— Oi — O rosto de Sydney iluminou-se no momento em que o viu. Trazia uma maleta numa das mãos e uma garrafa de champanhe na outra. — Estou sentindo um cheiro maravilhoso. Minha boca começou a salivar no terceiro andar e... — Viu Keely parada perto da mesa de trabalho com uma vasilha nas mãos. — Oi. — Depois de limpar a garganta, Sydney disse a si mesma que não ficaria constrangida da vizinha de Mikhail vê-la chegar ao apartamento dele com uma maleta contendo roupas para o dia seguinte.

— Oi. Já estava indo. — Sentindo-se tão pouco à vontade quanto Sydney, Keely voltou correndo para a cozinha para pegar o refrigerante.

— Foi um prazer vê-la novamente. — Sydney ficou parada, sem graça, ao lado da porta aberta. — Como foi seu assassinato?

— Ele me estrangulou em três tomadas. — Com um sorriso fugaz, escapuliu pela porta. — Aproveitem o jantar. Obrigada, Mik.

Quando a porta do final do corredor bateu, Sydney deixou escapar um longo suspiro.

— Ela sempre se move tão rápido?

— Quase sempre. — Ele pegou Sydney pela cintura — Ela está preocupada achando que você vai me seduzir, me usar e depois me dispensar.

— Bem, na verdade...

Rindo, mordiscou-lhe o lábio superior.

— Não me importo com os dois primeiros. — Enquanto sugava-lhe a boca, ele tirou a maleta de roupas de sua mão e a jogou de lado. Pegando a garrafa, usou-a para empurrar a porta às suas costas e fechá-la. — Gosto do seu vestido. Você parece uma rosa à luz do sol.

As mãos desocupadas podiam vaguear pelas costas dele, esgueirar-se por baixo da camisa de trabalho enfiada no jeans.

— Gosto de sua aparência o tempo todo.

Os lábios dele estavam curvados quando encostaram em seu pescoço.

— Está com fome?

— Humm... Faminta. Tive que pular o almoço.

— Dez minutos — prometeu e, relutante, soltou-a. Se não o fizesse, o jantar ia atrasar e muito. — O que você trouxe para a gente? — Girou a garrafa na mão para examinar o rótulo. Uma sobrancelha escura levantou-se. — Isto vai humilhar meu *goulash*.

Com os olhos fechados, Sydney inspirou profunda e apreciativamente.

— Não, não acredito. — Depois gargalhou e pegou a garrafa. — Queria comemorar. Tive um dia excelente.

— Vai me contar?

— Claro.

— Ótimo. Deixe-me pegar umas taças que não deixem esse champanhe constrangido.

Ela não sabia se algum dia havia sido mais paparicada. Ele colocara uma mesinha e duas cadeiras na pequenina varanda do quarto. Uma única peônia cor-de-rosa enfeitava uma velha garrafa verde no centro e a música do rádio suavizava o barulho do trânsito. Tigelas azuis pesadas continham o ensopado apimentado e havia pão preto em uma cesta de vime.

Enquanto comiam, ela contou sobre a decisão de promover Janine e a alteração com Lloyd.

— Você lhe pediu para se demitir, mas deveria tê-lo demitido.

— A situação é um pouco mais complicada. — Inebriada pelo sucesso, Sydney levantou a taça para estudar a bebida à luz do final da tarde. — Mas o resultado é o mesmo. Se ele me pressionar, vou convocar o Conselho. Tenho memorandos, documentos. Considere este prédio, por exemplo. — Ela tamborilou o dedo no tijolo antigo. — Meu avô entregou-o a Lloyd há mais de um ano com a solicitação de verificar as queixas dos inquilinos e a manutenção. O resto você sabe.

— Então talvez eu deva ser grato a ele. — Estendeu a mão para prender-lhe o cabelo atrás da orelha, colocando os lábios logo abaixo do brinco em formato de gota que usava. — Se ele tivesse sido honesto e eficiente, eu não precisaria ir a seu escritório, ser rude e você talvez não estivesse aqui comigo hoje.

Pegando-lhe a mão, ela a colocou no rosto.

— Talvez eu devesse dar um aumento ao Lloyd. — Ela colou os lábios em sua mão, surpreendida com a facilidade com que conseguia demonstrar seus sentimentos.

— Não. Em vez disso, devemos agradecer ao destino. Não gosto da ideia de alguém tão próximo disposto a prejudicá-la.

— Eu sei que foi ele quem deixou vaziar a história da Sra. Wolburg para a imprensa. — Novamente exaltada, Sydney partiu um pedaço de pão. — A raiva que ele sente por mim o levou a colocar a Hayward numa posição muito delicada. Não vou tolerar isso, nem o Conselho.

— Você vai dar um jeito. — Ele dividiu o resto de champanhe entre os dois.

— Vou sim. — Ela olhava a vizinhança, as roupas penduradas em fios para secar ao sol, as janelas abertas permitindo ver pessoas andando ou sentadas na frente da televisão. Crianças na calçada aproveitavam o longo dia de verão. Quando a mão de Mikhail pegou a sua, ela apertou-a com força.

— Hoje, pela primeira vez — disse baixinho — me senti no controle. Durante toda minha vida, fiz o que me ensinaram ser apropriado ou esperado. — Balançou a cabeça. — Mas isso não importa. O importante é que em algum momento, ao longo dos últimos meses, comecei a perceber que estar no controle significa ter que assumir o controle. E finalmente consegui. Não sei se pode entender como me sinto.

— Sei o que vejo. E esta é uma mulher que começa a acreditar em si mesma e correr atrás do que é certo para ela. — Sorrindo, acariciou-lhe o rosto com o dedo. — Corra atrás de mim.

Ela voltou-se. Ele estava a pouca distância. Aquela aparência selvagem, indomada, deixaria o coração de qualquer mulher aos pulos. Mas nela, algo mais acontecia além da pulsação agitada. Tinha medo de pensar nisso. Só havia este momento, lembrou-se, e estendeu a mão. Ele a abraçou, esfregando o rosto contra seu cabelo, murmurando palavras adoráveis que não podia compreender.

— Vou precisar de um dicionário. — Os olhos fecharam; gemeu quando ele passou a boca por seu rosto.

— Esta é muito fácil. — Repetiu a frase entre beijos. Ela riu, movendo-se com agilidade quando ele a colocou de pé.

— Fácil para você dizer. O que significa?

Os lábios dele voltaram a tocar os seus.

— Eu amo você.

Ele viu os olhos dela abrirem-se, o ímpeto de emoção passar do choque ao pânico.

— Mikhail, eu...

— Por que as palavras a assustam? — interrompeu-a. — O amor não ameaça.

— Eu não esperava. — Colocou a mão no peito dele para garantir o distanciamento. Com os olhos ficando sombrios, Mikhail baixou o olhar até a mão e deu um passo atrás.

— O que você esperava?

— Pensei que você estivesse... — Não havia uma maneira delicada de dizer? — Assumi que você...

— Queria apenas seu corpo — ele concluiu para ela e a voz tornou-se intensa. Ele lhe mostrara tanto e ela vira tão pouco. — Eu quero, mas não só isso. Você pode me afirmar que nada especial aconteceu ontem à noite?

— Claro que não. Foi lindo. — Ela precisava sentar-se, realmente precisava. Parecia ter pulado de um penhasco e caído de cabeça. Mas ele a olhava de um jeito que a fez perceber ser melhor ficar de pé.

— O sexo foi ótimo. — Ele pegou a taça. Embora estivesse tentado a atirá-la pela varanda, apenas deu um gole. — Sexo bom é necessário para o corpo e para a tranquilidade da mente. Mas não é o suficiente para o coração. O coração precisa de amor e havia amor ontem à noite. Em nós dois.

Os braços dela caíram, imprestáveis, ao longo do corpo.

— Eu não sei. Nunca tinha experimentado sexo bom antes.

Ele a considerou por cima da borda da taça.

— Você não era virgem. Já foi casada.

— Sim, fui casada. — E o gosto disso ainda lhe deixava um amargor na boca. — Não quero discutir o assunto, Mikhail. Não basta estarmos felizes juntos, e saber que sinto por você algo que nunca senti antes? Não quero analisar nada. Não estou preparada ainda.

— Você não quer saber o que sente? — Ficou desconcertado. — Como pode viver sem saber o que está dentro de você?

— É diferente para mim. Eu não tive o que você teve ou fiz o que você fez. E suas emoções sempre estiveram presentes. Pode-se notar pelo modo como se move, como fala, em seus olhos, em seu trabalho. As minhas... As minhas não são tão reprimidas. Preciso de tempo.

Por pouco sorriu.

— Você me julga um homem paciente?

— Não — respondeu, sensibilizada.

— Ótimo. Então entende que não disporá de muito tempo. — Ele começou a recolher os pratos. — Esse seu marido magoou você?

— Um casamento fracassado sempre deixa mágoa. Por favor, não me obrigue a falar sobre isso agora.

— Hoje não. — Com o céu começando a escurecer às suas costas, ele a olhou. — Porque hoje quero que você só pense em mim. — Ele andou até a

porta, deixando a ela o encargo de recolher o resto da louça.

Ele a amava. As palavras giravam na mente de Sydney ao pegar a cesta e a flor. Não havia dúvidas. Ela chegara ao entendimento de que ele era um homem que só dizia o que sentia e raramente menos do que isso. Mas ela não podia saber o que o amor significava para ele.

Para ela, era algo doce, colorido e duradouro que acontecia com outras pessoas. O pai se preocupava com ela do seu jeito instável. Mas tinham convivido pouco tempo no início de sua infância. Depois do divórcio, quando ela tinha 6 anos, passaram a se ver raramente.

E a mãe... Não duvidava da afeição da mãe. Mas sempre se dera conta de que ela era tão importante quanto qualquer dos outros interesses de Margerite.

Depois surgira Peter. O relacionamento era forte, sincero e importante. Até tentarem se amar como marido e mulher.

Mas não era o amor de um amigo que Mikhail lhe oferecia. Sabendo disso, sentindo isso, estava dividida por forças antagônicas: felicidade e um terror incrível.

Com a mente ainda rodopiando, andou até a cozinha e encontrou-o com os braços enfiados até os cotovelos na espuma de sabão. Ela colocou a cesta e a garrafa de lado para pegar um pano de prato.

— Está zangado comigo? — aventurou-se, depois de um momento.

— Um pouco. Mais surpreso do que zangado. — E magoado, mas não quero enchê-la de culpa ou piedade. — Ser amada deveria deixá-la feliz, protegida.

— Uma parte de mim está. A outra tem medo de se mover muito rápido e estragar o que acabamos de começar. — Ele precisava de honestidade, pensou. Merecia. Ela tentou ser sincera e dizer o que pensava. — Passei o dia sonhando em estar aqui ao seu lado, poder conversar com você, poder compartilhar com você o que aconteceu. Escutá-lo. Sabia que você me faria rir, que meu coração iria acelerar quando você me beijasse. — Ela colocou uma tigela seca de lado. — Por que está me olhando desse jeito?

Ele apenas sacudiu a cabeça.

— Você nem sabe que está apaixonada por mim. Mas está bem — decidiu e entregou-lhe a tigela seguinte. — Vai acabar sabendo.

— Você é tão arrogante! — disse, um tanto contrariada. — Nunca tenho certeza se admiro ou detesto esta sua característica.

— Você adora, pois assim você pode discutir.

— Suponho que ache que eu deveria me sentir lisonjeada por você me amar.

— Claro! — Ele sorriu. — Não está?

Pensativa, colocou a segunda tigela na primeira e pegou a caçarola.

— Acho que sim. Faz parte da natureza humana. E você é...

— Sou o quê?

Ela voltou a olhá-lo: o sorriso vaidoso, os olhos escuros alegres, o cabelo desalinhado.

— Você é tão lindo!

O sorriso dele desapareceu ao escancarar a boca. Quando conseguiu voltar a fechá-la, retirou as mãos de dentro da água e começou a resmungar.

— Você está me xingando? — Em vez de responder, ele arrancou o pano de prato dela para enxugar as mãos. — Acho que deixei você encabulado. — Encantada, ela riu e segurou-lhe o rosto entre as mãos. — Sim, deixei.

— Pare. — Esgotado, ele afastou-lhe as mãos. — Não posso imaginar ser qualificado com esta palavra.

— Mas você é lindo! — Antes que ele pudesse afastá-la entrelaçou os braços em seu pescoço. — Quando vi você pela primeira vez, achei que parecia um pirata, perigoso e arrojado.

Desta vez ele soltou um palavrão em inglês e ela apenas sorriu.

— Talvez seja o cabelo — considerou, enfiando os dedos entre os fios. — Eu costumava imaginar como seria ter seu cabelo em minhas mãos. Ou os olhos. Tão temperamentais, tão perigosos.

As mãos dele desceram até seus quadris.

— Começo a me sentir perigoso.

— Hum... Ou a boca. Pode ser a boca. — Ela tocou-lhe a boca com a sua, e, mantendo o contato de seus olhos com os dele, contornou as curvas dos seus lábios com a língua.

— Não posso imaginar uma única mulher viva capaz de resistir a você.

— Você está tentando me seduzir.

Ela desceu as mãos, os dedos a brincar com os botões da camisa.

— Alguém tem que fazer isto. — Ela só esperava ser capaz de fazê-lo direito. — Depois, é claro, tem este corpo maravilhoso. A primeira vez que o vi sem camisa, quase engoli a língua. — Ela abriu a camisa para poder passar mãos em seu peito. Os joelhos dele quase dobraram. — Sua pele estava molhada e brilhante e além do mais, todos aqueles músculos... — Ela esqueceu o jogo, seduzindo a si mesma tão completamente quanto a ele. — Tão fortes e a pele tão lisa. Eu tive vontade de tocar, assim.

A respiração estremeceu quando pressionou os dedos nos ombros, descendo pelos braços. Quando os olhos voltaram a olhar os dele, percebeu a intensidade. Os dedos tateavam os braços firmes como aço. As palavras ficaram congeladas em sua boca.

— Você tem ideia do que faz comigo? — perguntou ele, segurando com dedos trêmulos os minúsculos botões pretos do blazer dela. Debaixo do conjunto de verão de mangas curtas ela usava renda da cor da noite. Ele podia sentir as pancadas aceleradas de seu coração a latejar na cabeça. — Ou o quanto sinto necessidade de você?

Ela apenas balançou a cabeça.

— Mostre. Basta me mostrar.

Ela foi agarrada rápida e violentamente, as bocas em fusão, os corpos moldados um ao outro. Quando passou os braços em torno do pescoço dele, ele a levantou a um palmo do chão, rodopiando lentamente, os lábios unidos aos seus.

Tonta, perdida, agarrou-se a ele quando ele seguiu rumo ao quarto. Ela chutou os sapatos, sem se importar onde cairiam. Tamanha liberdade num gesto tão simples... Riu e depois o segurou com força quando ambos caíram na cama.

O colchão rangeu e afundou, acolhendo-os no centro. Ele murmurava-lhe o nome e ela o dele, quando as bocas voltaram a se unir.

Um beijo tão quente e voluptuoso quanto antes. Agora sabia aonde estavam indo e esforçou-se por seguir-lhe o ritmo. A necessidade de tê-lo era tão urgente quanto respirar e ela começou a tirar-lhe o jeans, puxando-o enquanto ele retirava a renda.

Ela podia sentir as molas do colchão nas costas nuas e ele, pesado e excitado em cima dela. O calor invadia o ambiente, através da janela aberta. E ouvia-se ao longe o estrondo do trovão. Sentiu o sangue responder como um eco.

Ele queria que a tempestade lá fora tomasse conta dela. Nunca antes compreendera o que era realmente desejar. Lembrava-se da fome e da necessidade atroz de se aquecer. Lembrava-se de desejar as curvas e a maciez de uma mulher. Mas tudo isso era nada, nada, comparado ao violento desejo que sentia por ela.

As mãos apressavam-se no corpo dela, desejando tocar cada centímetro e em todo lugar que tocava, ela ardia. Quando ela se arrepiava, ele a provocava ainda mais, até ela estremecer. Quando ela gemia, ele a atormentava até que ela gritasse.

E cada vez mais uma paixão louca abatia-se sobre ele.

A trovoada aproximou-se como uma ameaça. A seguir, através da janela, veio o apaixonado lamento do sax. O sol sumiu entre as nuvens do céu que lançavam chamas e sombras.

Dentro do aposento quente e escuro, perderam a noção de tempo ou som. A realidade se resumia a um homem e uma mulher e à exacerbada busca de acasalar-se.

Ele a penetrou. Ela o acolheu.

Extasiado, levantou-a até que as pernas de Sydney circundassem a sua cintura e as costas arqueassem. Enlouquecido com o poder que ela exercia sobre ele, pressionou o rosto em seu ombro e deixou-se levar.

A chuva parou até a tarde seguinte, quando caiu acompanhada de um coro de raios e trovoadas. No viva-voz, numa ligação em conferência, Sydney discutia um negócio complicado. Embora Janine estivesse sentada à sua frente, ela também tomava notas. Graças à manhã de intenso trabalho com a nova assistente, tinha toda a informação necessária na ponta da língua.

— Sim, Sr. Bernstein, acredito que os ajustes serão para o benefício de todos. — Esperou a confirmação do Sr. Bernstein, do advogado e do sócio na Costa-Oeste. — O esboço revisado será enviado amanhã, por fax, até as cinco horas, no horário da Costa-Leste. — Sorriu satisfeita. — Sim, a Hayward Industries acredita em agir com rapidez. Obrigada, cavalheiros. Até logo.

Depois de desligar, fitou Janine.

— E então?

— Você nem mesmo transpirou. Olhe para mim — Janine estendeu a mão. — As palmas das minhas mãos estão encharcadas. Esses três esperavam intimidar você, mas você enfrentou-os à altura. Meus parabéns.

— Acho que essa transação agrada ao Conselho. — Sete milhões, refletiu. Acabara de fechar um negócio de sete milhões de dólares. E Janine tinha razão. Mantinha-se firme como uma rocha. — Vamos nos ocupar da formulação do contrato, Janine.

— Sim, senhora. — Quando se levantava, o telefone tocou. Agindo no automático, atendeu-o. — Escritório da Srta. Hayward. Um momento, por favor. — Colocou a ligação em espera. — O Sr. Warfield.

Uma leve sombra de fadiga turvou-lhe os olhos ao menear a cabeça.

— Vou falar. Obrigada, Janine.

Esperou até a porta voltar a fechar antes de atender.

— Oi, Channing.

— Sydney, venho tentando falar com você há uns dois dias. Onde andava escondida?

Pensou na cama cheia de ondulações de Mikhail e sorriu.

— Lamento, Channing. Tenho andado... ocupada.

— Só trabalho e nada de diversão — censurou-a, fazendo-a trincar os dentes. — Vou salvá-la dessa situação. Que tal almoçarmos juntos amanhã no Lutece?

Por desengano de consciência, checkou a agenda.

— Tenho uma reunião.

— Reuniões podem ser transferidas.

— Não, realmente não posso. Tenho que resolver dois projetos e não vou sair do escritório durante toda a semana.

— Por favor, Sydney. Prometi a Margerite que não permitiria que você se enterrasse nessa mesa. Sou um homem de palavra.

Por que podia lidar com um negócio multimilionário com a cabeça fria, mas essa pressão pessoal deixava seus ombros tensos?

— Minha mãe se preocupa desnecessariamente. Lamento muito, Channing, mas não posso conversar agora. Tenho... Estou atrasada para um encontro — improvisou.

— Lindas mulheres têm direito a se atrasar. Se não posso levar você para almoçar, preciso insistir para que saia conosco na sexta. Reunimos um grupo para ir ao teatro. Drinques primeiro — é claro! — e um jantarzinho depois.

— Já tenho compromisso, Channing. Mas tenha uma ótima noite. Agora realmente preciso desligar. Tchau! — Irritada, colocou o aparelho no gancho em meio a um protesto.

Por que simplesmente não lhe dissera estar envolvida com alguém?

Uma resposta simples para uma pergunta simples. Channing iria contar na hora para Margerite e Sydney não queria que a mãe soubesse. O relacionamento com Mikhail só dizia respeito a ela, só a ela e ela queria mantê-lo assim por mais um tempinho.

Ele a amava.

Fechando os olhos, experimentou a mesma veloz corrente de prazer e alarme. Talvez, com o tempo, fosse capaz de corresponder inteira, totalmente ao amor dele. Temia não ser capaz de corresponder daquele maldito jeito.

Ela também acreditara ser frígida. Certamente se enganara. Mas isso era apenas um passo.

Tempo, refletiu de novo. Precisava de tempo para organizar as emoções. E depois... depois veriam.

A batida na porta do escritório a trouxe de volta à terra.

— Sim?

— Desculpe, Sydney. — Janine entrou carregando uma folha de papel timbrado da Hayward. — Isto acabou de chegar do escritório do Sr. Bingham. Achei que gostaria de vê-lo imediatamente.

— Sim, obrigada. — Sydney analisou o pedido de demissão, a vigorar a partir daquela data, meticulosamente redigido a fim de disfarçar a raiva e o azedume. Cautelosa, colocou a carta de lado. Bastava um mínimo de sagacidade para ler nas entrelinhas e saber que a carta não colocava um ponto final no assunto. — Janine, vou precisar de alguns arquivos pessoais. Vamos precisar preencher a vaga do Sr. Bingham e quero ver se podemos aproveitar algum de nossos funcionários.

— Sim senhora. — Começou a caminhar para a porta, mas parou. — Sydney, ser sua assistente-executiva me dá o direito de lhe dar um conselho?

— Certamente.

— Cuidado com as costas. Há um homem que adoraria enfiar uma faca nelas.

— Eu sei. E não pretendo deixá-lo chegar atrás de mim. — Massageou a nuca tensa. — Janine, antes de lidarmos com os arquivos, que tal um café? Para nós duas.

— Já está vindo. — Virou-se e quase colidiu com Mikhail ao atravessar a porta. — Desculpe. — O homem estava ensopado e usava uma camiseta básica branca colada, exibindo cada um de seus músculos. Janine alimentou a breve fantasia de enxugá-lo. — Desculpe, a Srta. Hayward está...

— Tudo bem. — Sydney já se levantara e contornava a mesa. — Vou receber o Sr. Stanislaski.

Notando o olhar da chefe, Janine conseguiu bloquear a inveja.

— Devo atender as ligações?

— Hein?

Mikhail sorriu.

— Por favor. Você é Janine, a da promoção?

— Sim, por quê?

— Sydney comentou que você é uma excelente funcionária.

— Obrigada. — Quem poderia imaginar que o cheiro de um homem suado pudesse ser tão incrível? — Aceita café?

— Não, obrigado.

— Cancele o meu também, Janine. E tire uma folga também.

— Sim senhora. — Com um pequeno suspiro de inveja, fechou a porta.

— Você não tem um guarda-chuva? — perguntou Sydney e curvou-se para dar-lhe um beijo. Ele manteve as mãos imóveis.

— Não posso tocar você, senão vou arruinar sua roupa. Você tem uma toalha?

— Só um minuto. — Ela foi até o banheiro anexo. — O que o traz aqui a esta hora do dia?

— A chuva atrasou tudo. Cuidei da papelada e terminei às quatro da tarde. — Pegou a toalha que ela lhe ofereceu e enxugou a cabeça.

— Já é tão tarde? — Olhou o relógio; quase cinco horas.

— Você está ocupada.

Ela pensou no pedido de demissão na mesa e nos arquivos que precisava estudar.

— Um pouco.

— Quando não estiver ocupada, talvez queira ir comigo ao cinema.

— Adoraria. — Ela pegou a toalha de volta. — Preciso de uma hora.

— Eu volto. — Ele começou a brincar com as pérolas em seu pescoço. — Tem uma outra coisinha.

— O quê?

— Minha família vai visitar minha irmã no final de semana. Para um churrasco. Você vai comigo?

— Adoraria ir a um churrasco. Quando?

— Eles partem na sexta, depois do trabalho. — Ele gostaria de esculpi-la usando aquelas pérolas. Só as pérolas. Embora raramente trabalhasse em outro material além de madeira, achou que o ideal seria esculpi-la em alabastro. — Podemos ir quando você terminar o expediente e conseguir se aprontar.

— Consigo ir para casa, mudar de roupa e estar pronta às seis. Seis e meia — corrigiu. — Está bem?

— Está bem. — Ele pegou-lhe os ombros, segurando-a a alguns poucos centímetros para não encostar as roupas molhadas nela ao beijá-la. — Natasha vai gostar de você.

— Espero que sim.

Ele voltou a beijá-la.

— Amo você.

A emoção instalou-se.

— Eu sei.

— E você me ama — murmurou ele. — Só é teimosa. — Ele brincou com seus lábios outro momento. — Mas em breve você vai posar para mim.

— Eu o quê?

— Vai posar pra mim. Tenho uma exposição no outono e acho que vou usar várias peças com sua imagem.

— Você nunca me disse que tinha uma exposição em breve. — O resto da frase a atingiu. — Peças de mim?

— Sim, em breve vamos ter que trabalhar duro. Então, vou deixar você sozinha para que possa trabalhar.

— Ah! — Ela havia esquecido tudo sobre arquivos e ligações. — Sim, vejo você em uma hora.

— E no fim de semana não haverá trabalho. Mas no próximo... — Ele meneou a cabeça, já tendo se decidido. Definitivamente em alabastro.

Ela alisou a toalha úmida enquanto caminhava até a porta.

— Mikhail.

Com a porta aberta, ele permaneceu com a mão na maçaneta.

— Sim?

— Onde mora sua irmã?

— Virgínia do Oeste. — Ele sorriu e fechou a porta. Sydney ficou imóvel, olhos fixos na porta por uns dez segundos.

— Virgínia do Oeste?

CAPÍTULO NOVE

Nunca ficaria pronta a tempo. Sempre apreensiva sobre as roupas a levar, Sydney havia arrumado e desarrumado a mala duas vezes. O que usar num fim de semana em Virgínia do Oeste? Alguns dias na Martinica? Nenhum problema. Uma viagem rápida a Roma seria mais fácil. Mas um fim de semana, um fim de semana em família em Virgínia do Oeste a deixara histérica a remexer o closet.

Enquanto fechava a mala pela terceira vez, prometeu a si mesma não tornar a abri-la. Para resistir à tentação, carregou a mala até a sala de estar e depois voltou apressada Para o quarto para tirar o terninho de trabalho.

Vestira uma calça de algodão leve e uma camiseta sem mangas em verde-menta — já se preparava para tirá-las quando bateram à porta.

Bem, teria que ir assim mesmo. Estava ótimo, se tranquilizou quando foi atender. Chegariam tão tarde à casa da irmã dele que realmente não faria a menor diferença o que ela estivesse usando. Com um movimento rápido e impaciente, puxou o cabelo para trás, pensando se deveria prendê-lo com uma echarpe para a viagem de carro e depois abriu a porta.

Insinuante numa roupa com lantejoulas, Margerite encontrava-se parada do outro lado.

— Sydney querida. — Ao entrar, beijou o rosto da filha.

— Mamãe, não sabia que você vinha à cidade hoje.

— Claro que sabia. — Instalou-se numa poltrona, cruzou as pernas. — Channing lhe falou sobre nosso programa de hoje: o teatro.

— É mesmo, ele falou. Mas eu esqueci.

— Sydney. — Murmurou o nome num gemido. — Você está me deixando muito preocupada.

Automaticamente, Sydney caminhou até o bar para pegar um copo de xerez, da marca preferida de Margerite.

— Não precisa. Estou bem.

— Não precisa? — As bonitas unhas pintadas de coral agitaram-se no ar. — Você dispensa dúzias de convites, não pôde passar uma tarde fazendo compras com sua mãe na semana passada, fica enfiada naquele escritório horas a fio, e não há motivo para me preocupar? — Sorriu, indulgente, e aceitou o copo. — Bem, vamos dar um jeito nisso. Quero que vá até seu quarto mudar de roupa. Ponha algo arrojado. Vamos encontrar Channing e o resto do grupo no Doubles para um drinque antes da peça.

O estranho, percebeu Sydney, é ter quase consentido, de tão imbuída do hábito de fazer o que dela esperavam. Em vez disso, recostou-se no braço do sofá e torceu para ser capaz de dizer o que pensava, sem magoar os sentimentos de Margerite.

— Mamãe, sinto muito. Se não tenho aceitado convites é porque a transição na empresa está tomando a maior parte de meu tempo e energia.

— Querida. — Margerite fez um gesto com o copo antes de tomar um gole. — Mas é exatamente disso que estou falando.

Sydney apenas balançou a cabeça.

— E o fato é que não vejo mais necessidade de ter minha agenda social ocupada toda noite. Quanto a hoje, muito obrigada, realmente agradeço o fato de você querer que eu a acompanhe. Mas como expliquei a Channing, tenho planos.

A irritação brilhou nos olhos de Margerite, mas ela apenas bateu com a unha no braço da poltrona.

— Se você pensa que vou deixar você hoje aqui para passar a noite engaiolada com algum tipo de papelada desagradável...

— Não vou trabalhar nesse fim de semana — interrompeu-a. — Na verdade, vou sair da cidade para... — A batida rápida na porta a aliviou. — Me dê um minuto, por favor — Assim que abriu a porta, Sydney estendeu a mão em direção a Mikhail. — Minha...

Obviamente ele não queria falar antes de beijá-la e deu-lhe um beijo apaixonado. Pálida e rígida, Margerite colocou-se de pé. Compreendeu — como qualquer mulher o faria — que o beijo que testemunhava só podia ser do tipo trocado entre amantes.

— Mikhail — Sydney conseguiu recuar um centímetro.

— Ainda não terminei.

Uma das mãos pressionava-lhe o peito, enquanto gesticulava indefesa com a outra.

— Minha mãe...

Ele deu uma olhada e percebeu o rosto lívido de fúria e afastou Sydney colocando-a a seu lado, num gesto sutil de proteção.

— Margerite.

— Não há uma regra — disse com rispidez — sobre não misturar negócios e prazer? — Levantou as sobrancelhas ao olhá-lo de cima a baixo. — Bem, afinal, você não é do tipo que segue regras, não é, Mikhail?

— Algumas regras são importantes; outras não. — A voz era gentil, mas não demonstrava arrependimento nem parecia dar satisfações. — Honestidade é importante, Margerite. Eu fui honesto com você.

Ela virou-se, recusando-se a reconhecer a verdade das palavras.

— Gostaria de conversar sozinha com você, Sydney.

A base de seu crânio latejava ao ver as costas rígidas da mãe.

— Mikhail, você pode levar minha mala para o carro? Desço em alguns minutos.

Ele segurou-lhe o queixo, preocupado com o que leu em seus olhos.

— Fico com você.

— Não. — Ela colocou a mão na cintura dele. — Seria melhor se nos deixasse a sós. Desço logo. — Fechou os punhos. — Por favor.

Ela não lhe deixou escolha. Resmungando entre os dentes, pegou a mala. No momento em que a porta fechou, Margerite virou-se. Sydney já se colocara

em posição de defesa. Era raro, muito raro Margerite se exaltar, mas quando o fazia, a cena era sempre feia, recheada de palavras grosseiras.

— Sua tola. Você está dormindo com ele.

— Não entendo como isso possa ser da sua conta. Mas, sim, estou.

— Você acha que tem experiência ou habilidade para lidar com um homem desses? — Ouviu-se o barulho do vidro contra a madeira quando ela colocou o pequeno copo de cristal na mesa. — Essa sórdida relação pode arruinar você, arruinar tudo pelo qual vem batalhando. Só Deus sabe os danos causados por se divorciar de Peter, mas eu consegui dar um jeito. Só faltava isso... Esgueirar-se para passar o fim de semana num motel.

Prendeu os punhos ao lado do corpo.

— Não há nada sórdido em meu relacionamento com Mikhail e não estou me esgueirando para lugar nenhum. Quanto a Peter, não vou discuti-lo com você.

Os olhos duros, Margerite deu um passo à frente.

— Desde o dia em que você nasceu, usei tudo a meu alcance para me certificar de que você teria o que merecia como uma Hayward. As melhores escolas, os amigos certos, até mesmo o marido certo. Agora, você está jogando tudo fora, todo o planejamento, todo o sacrifício. E por quê?

Ela girava em torno da sala enquanto Sydney permanecia estática e calada.

— Oh, acredite, eu compreendo os atrativos desse homem. Eu mesma alimentei a ideia de ter um caso discreto com ele. — A ferida exposta em sua vaidade latejava. — Uma mulher tem direito a uma brincadeira selvagem com um animal magnífico de vez em quando. E seus talentos artísticos e reputação certamente contam a seu favor. Mas sua ascendência é nada, menos que nada. Ciganos, fazendeiros e camponeses. Eu tenho experiência para lidar com ele, se tivesse decidido fazê-lo. Também não tenho nenhuma ligação no momento a comprometer. Entretanto, você está prestes a assumir um compromisso com Channing. Você acha que ele vai aceitá-la se souber que está levando esse bruto para a cama?

— Já chega! — Sydney deu um passo à frente para segurar o braço da mãe. — Você já passou dos limites! Para alguém que sente tanto orgulho da linhagem Hayward, você certamente não fez nenhuma tentativa de manter o nome. Sempre tive que arcar com o peso de ser uma autêntica Hayward, não fazer nada que pudesse comprometer o nome da família. Bem, venho sendo uma autêntica Hayward e, no momento, trabalho noite e dia para me assegurar de que o nome Hayward permaneça acima de qualquer censura. Mas meus momentos de lazer e com quem decido passá-los são problemas meus.

Pálida, chocada, Margerite desvencilhou-se da mão da filha. Nunca, desde o dia em que nascera, Sydney falara com ela deste jeito.

— Não ouse usar este tom de voz comigo. A luxúria cegou-a a ponto de esquecer a quem deve lealdade?

— Nunca esqueci a quem devo lealdade — defendeu-se. — E, no momento, este é o tom mais razoável que pode exigir. — Ela também ficou surpresa com este despejar de veneno, mas não podia parar. — Ouça bem, mamãe, quanto a Channing, nunca estive prestes a assumir compromisso com ele, nem tenho a menor intenção de fazê-lo. Isso era pretensão sua. E nunca, nunca, serei novamente forçada a assumir esse tipo de compromisso. Se isso ajudasse Channing a ter noção da realidade, com a maior alegria eu colocaria um anúncio de página inteira no Times anunciando meu relacionamento com Mikhail. E mais uma coisa: você não sabe nada sobre a família de Mikhail, não sabe nada sobre ele como ser humano. Você nunca conseguiu ver nada além da aparência dele.

Margerite encarou-o, desafiante:

— E você conseguiu?

— Sim, consegui. Ele é um homem atencioso, bondoso. Um homem honesto que sabe o que quer da vida e corre em busca de seus sonhos. Isto você compreende, mas a diferença é que ele jamais usa ou magoa alguém para atingir seus objetivos. Ele me ama. E eu... — A verdade a atingiu como uma luz clara, cálida e simples. — Eu o amo.

— Amor? — Atônita, Margerite retrocedeu. — Agora eu sei que você perdeu o juízo. Meu Deus, Sydney, você acredita em tudo o que um homem diz na cama?

— Eu acredito no que Mikhail diz. Agora, por favor, não quero deixá-lo esperando. Temos uma longa viagem pela frente.

Com a cabeça erguida, o queixo imóvel, Margerite lançou-se em direção à porta, disparando um último olhar por cima do ombro.

— Ele vai magoar você, fazê-la de tola. Mas talvez seja disso que precise para lembrá-la de suas responsabilidades.

Quando a porta bateu, Sydney abaixou-se no braço do sofá. Mikhail teria que esperar mais alguns minutos.

Ele não estava esperando; estava rondando. Andava de um lado para o outro na frente dos elevadores da garagem, as mãos enfiadas nos bolsos, os pensamentos tão sombrios quanto a escuridão. Quando a porta do elevador abriu, alcançou Sydney com uma passada.

— Você está bem? — Segurou-lhe o rosto nas mãos. — Não, posso ver que não.

— Estou sim. Foi desagradável, mas discussões familiares sempre são.

Para ele, discussões familiares eram violentas, furiosas e inventivas. Tanto podiam deixá-lo raivoso como divertido, mas nunca exaurida como ela estava.

— Venha, podemos subir e partir amanhã quando estiver se sentindo melhor.

— Não, eu gostaria de ir agora.

— Desculpe. — Ele beijou-lhe as duas mãos. — Não gosto de causar desavenças entre você e sua mãe.

— Não foi você. De verdade. — Precisava recostar a cabeça em seu peito. Sentiu-se protegida quando os braços a rodearam. — É um negócio antigo,

Mikhail, muito tempo reprimido. Não quero falar sobre isso.

— Você esconde muita coisa de mim, Sydney.

— Eu sei. Lamento. — Fechou os olhos, sentindo os músculos do estômago contraírem-se, a garganta ressecar. Não podia ser tão difícil dizer as palavras. — Eu amo você, Mikhail.

A mão acariciando-lhe as costas ficou imóvel, depois mergulhou em seus cabelos e puxou-lhe a cabeça para trás. Os olhos escuros pareciam dois sóis negros a buscar os seus. Ele viu o que queria ver, o que precisava tão desesperadamente ver.

— Então, você deixou de ser teimosa. — Com a voz tensa de emoção, a boca ao encontrar a dela, deu-lhe mais do que dúzias de palavras afetuosas. — Você pode me dizer novamente enquanto eu dirijo. Adoro ouvir.

Rindo, ela deu-lhe o braço enquanto caminhavam para o carro.

— Está bem.

— E enquanto você dirige, eu lhe conto. Com os olhos arregalados, ela estancou.

— Eu dirijo?

— Sim. — Ele abriu a porta do carona para ela. — Eu começo, depois é a sua vez. Você tem carteira de motorista?

Ela olhou desconfiada para o painel do carro.

— Tenho.

— Não está com medo?

Ela ergueu o olhar e o viu sorrir.

— Hoje não.

Já passava da meia-noite quando Mikhail estacionou na grande casa de tijolinhos em Shepherdstown. Refrescara um pouco. Não havia uma única nuvem no céu coalhado de estrelas. Ao lado dele, Sydney dormia com a cabeça

encostada no punho fechado. Ele lembrou-se de que ela assumira o volante na divisa, dirigindo de Nova Jersey até Delaware com vivacidade e entusiasmo. Assim que atravessaram a divisa de Maryland, ela ocupara o banco do carona e caíra dormindo.

Sempre soubera que amaria desse jeito. Que encontraria a única mulher que transformaria a pista de corrida em ziguezague de sua vida num círculo perfeito. Ela estava com ele agora, sonhando num carro aberto, numa estrada sossegada.

Quando a olhou, pôde prever como seria a vida juntos. Não perfeita. Perfeição significaria ausência de surpresas. Mas podia imaginar-se acordando a seu lado de manhã, no grande quarto da casa antiga que comprariam para transformá-la em lar. Podia imaginá-la voltando para casa à noite, num daqueles bonitos conjuntos, o rosto refletindo o aborrecimento ou o sucesso do dia. E eles se sentariam e conversariam sobre o trabalho dos dois.

Um dia seu corpo carregaria uma criança. Ele sentiria o filho ou a filha mexer-se dentro dela. E encheriam a casa de crianças e as veriam crescer.

Mas ele estava indo rápido demais. Já tinham progredido e queria aproveitar cada momento.

Inclinou-se roçando os lábios em seu pescoço.

— Atravessei estados com você, *milaya*. — Ela estremeceu e murmurou sonolenta: Rios e montanhas. — Quero um beijo.

Ela despertou com a boca quente contra a sua e a mão apoiada no peito dele. Sentiu a brisa noturna na pele e a fragrância de rosas e madressilvas. E o desejo era uma emoção ao mesmo tempo quente e suave.

— Onde estamos?

— A placa diz “A selvagem e maravilhosa Virgínia do Oeste.” — Ele mordiscou-lhe o lábio. — Depois me diga se você acha isso.

Qualquer lugar, qualquer lugar mesmo, era selvagem e maravilhoso com ele por perto, pensou quando os braços o rodearam. Ele deu um gemido baixo

e depois um grunhido quando a marcha bateu numa parte particularmente sensível de sua anatomia.

— Devo estar ficando velho. Não é mais tão fácil seduzir uma mulher num carro.

— Achei que você estava indo muito bem.

Ele sentiu a excitação rapidamente palpitar em seu sangue, fez uma breve fantasia e depois sacudiu a cabeça.

— Sinto-me intimidado porque minha mãe pode espiar pela janela a qualquer instante. Venha. Vamos encontrar sua cama e depois eu vou enfiar-me nela.

Ela riu quando ele colocou as longas pernas para fora da porta aberta.

— Agora eu estou intimidada. — Puxando o cabelo para trás, virou-se para olhar a casa. Era grande, de tijolinhos, com luzes brilhando, douradas, nas janelas do primeiro andar. Imensas árvores frondosas a matizá-la, bonitas cercas vivas a protegê-la da rua.

Quando Mikhail foi ao seu encontro com as malas, começaram a subir os degraus de pedras que atravessavam o terreno. E ali estavam as flores, as rosas cujo perfume sentira e dúzias de outras flores. Não era um jardim formal, mas um espetáculo de flores que pareciam crescer desordenadas, teimosas. Ela viu a sombra de um triciclo perto da porta. Sob a luz emanando das janelas, notou um canteiro de petúnias recente e brutalmente destruído.

— Acho que Ivan tem andado ocupado — comentou Mikhail, notando a direção do olhar de Sydney. — Se ele for esperto, vai se esconder até chegar a hora de voltar para casa.

Antes de terem atravessado a entrada, ouviu risadas e música.

— Parece que ainda estão acordados — disse Sydney. — Pensei que já tinham ido para a cama.

— Só temos dois dias juntos. Não vamos desperdiçar tempo dormindo. — Ele abriu a porta e entrou sem bater. Depois de colocar as malas perto das

escadas, segurou a mão de Sydney e a levou pelo corredor em direção ao barulho de festa.

Sydney podia sentir a reserva voltar a assumir seu lugar. Não podia impedir. Todo o treinamento, todos os anos na escola tinham-lhe incutido a maneira apropriada de cumprimentar estranhos. Educada, fria, não dando mais do que um firme aperto de mão e um baixinho “Como vai?”

Mal tinha se dado o ajuste quando Mikhail entrou na sala de música, arrastando-a com ele.

— Ei — disse e lançou-se em direção à mulher baixinha e linda num vestido de verão roxo. Ela riu quando ele a levantou, os cabelos negros encaracolados voando enquanto ele rodopiava com ela em círculos.

— Você está sempre atrasado — disse Natasha. — Beijou as duas faces do irmão e depois os lábios. — O que você trouxe para mim?

— Talvez eu tenha algo na minha mala para você. — Ele a colocou de pé e depois se voltou para o homem no piano. — Você está tomando conta dela?

— Quando ela deixa. — Spence Kimball levantou-se Para apertar a mão de Mikhail. — Ela está se descabelando há uma hora por sua causa.

— Eu não me descabelo — corrigiu-o Natasha, virando-se para Sydney. Ela sorriu. A cordialidade foi automática embora preocupada com o quadro com que se deparou. Mikhail se apaixonara por esta mulher fria e distante? Pelo menos, era o que todos insistiam em afirmar. — Você não me apresentou à sua amiga.

— Sydney Hayward. — Um pouco impaciente com o jeito como Sydney se retraía, cutucou-a para que se adiantasse. — Minha irmã Natasha.

— Muito prazer em conhecê-la. — Sydney estendeu a mão. — Peço desculpas por estarmos tão atrasados. Foi minha culpa.

— Eu só estava brincando. Você é bem-vinda. Já conhece minha família. — Eles se reuniam em torno de Mikhail como se anos tivessem transcorrido desde o último encontro. — E este é meu marido, Spence.

Mas ele já dava um passo à frente, desconcertado e contente.

— Sydney? Sydney Hayward?

Ela virou-se. O sorriso formal transformou-se em surpresa e sincero contentamento.

— Spence Kimball. Eu não fazia ideia. — Estendendo ambas as mãos, segurou as dele. — Minha mãe contou que você havia se mudado para o sul e casado de novo.

— Vocês já se conhecem — observou Natasha, trocando olhares com a mãe que entrara com outras taças de vinho.

— Conheço Sydney desde que ela era da idade de Freddie — respondeu Spence, referindo-se à filha mais velha.

— Eu não a via desde... — Calou-se ao se lembrar de que a vira pela última vez no casamento dela. Spence podia ter se afastado da sociedade de Nova York nos últimos anos, mas tinha conhecimento de que o casamento não dera certo.

— Faz muito tempo — murmurou Sydney, compreendendo perfeitamente.

— Que mundo pequeno! — comentou Yuri, batendo nas costas de Spence com afeição. — Sydney é dona do prédio onde Mikhail mora. Ele se corroeu até ela dar bola para ele.

— Eu não me corroo. — Resmungando um pouco, Mikhail pegou o copo do pai e virou o resto da vodca. — Eu convenço. Agora ela é louca por mim.

— Todo mundo para trás — alertou. — O ego dele está inflando novamente.

Mikhail simplesmente esticou o braço, torceu o nariz da irmã e ordenou a Sydney:

— Diga a eles que é louca por mim para ela engolir as palavras.

Sydney levantou uma sobrancelha.

— Como você consegue falar com a boca tão cheia de arrogância?

Alex vaiou e atirou-se no sofá.

— Ela é igual a você, Mikhail. Venha cá, Sydney, sente-se a meu lado. Eu sou modesto.

— Você já a provocou o suficiente por hoje. — Nadia lançou um olhar ameaçador a Alex. — Você está cansada da viagem? — perguntou a Sydney.

— Um pouco. Eu...

— Desculpe. — No mesmo instante, Natasha pôs-se a seu lado. — É claro que está cansada. Vou mostrar seu quarto. Se quiser, pode descansar ou descer novamente. Quero que se sinta em casa, enquanto estiver aqui.

— Obrigada — respondeu. Antes que pudesse alcançar a mala, Natasha já a levantara. — É muita gentileza me receber.

Natasha simplesmente olhou-a por cima do ombro.

— Se é amiga do meu irmão, é minha também. — Mas ela certamente pretendia interrogar Spence antes de a noite terminar.

Conduziu Sydney a um pequeno quarto, com uma estreita cama com dossel, no final do corredor. Tapetes desbotados espalhavam-se pelo piso de carvalho reluzente. Flores bocas-de-dragão numa antiga garrafa de leite sobre a mesa perto da janela, que tinha cortinas de gaze a flutuar ao vento.

— Espero que se sinta confortável aqui. — Natasha colocou a mala em cima de um baú de cerejeira ao pé da cama.

— É encantador. — O quarto cheirava ao cedro do armário encostado na parede e às pétalas de rosa espalhadas num vaso na mesinha de cabeceira. — Estou muito feliz em conhecer a irmã de Mikhail e mulher de um velho amigo. Ouvi dizer que Spence está ensinando música na universidade.

— Ele está dando aulas no Shepherd College. E voltou a compor.

— Que maravilha! Ele é incrivelmente talentoso. — Sentindo-se estranha, passou o dedo na colcha. — Eu me lembro da filhinha dele, Freddie.

— Ela já está com 10 anos. — Natasha deu um sorriso entusiasmado. — Ela tentou esperar Mikhail, mas caiu dormindo. Levou Ivan com ela, pensando que assim eu não o estrangularia. Ele escavou meu canteiro de petúnias. Acho que amanhã...

Calou-se; ergueu a cabeça.

— Algo errado?

— Não, é Katie, nosso bebê. — Instintivamente colocou a mão no peito.

— Ela acorda para o aperitivo da meia-noite. Se me der licença.

— Claro.

Na soleira, Natasha hesitou. Podia agir segundo seus instintos ou sua análise. Sempre acreditara em seus instintos.

— Você gostaria de vê-la?

Depois de um instante de hesitação, os lábios de Sydney curvaram-se.

— Sim, muito.

Atravessando o corredor, três portas adiante, o som alto do choro impaciente de uma criança. O aposento estava suavemente iluminado por um abajur em formato de cavalo-marinho cor-de-rosa.

— Pronto, meu amorzinho — murmurou Natasha em dois idiomas ao levantar o bebê do berço. —, mamãe está aqui. — Quando o choro transformou-se num suave queixume, Natasha voltou-se e viu Spence parado na porta. — Já a peguei. Ela está molhada e faminta, só isso.

Mas ele tinha que entrar. Nunca se cansava de olhar a filha caçula, esta perfeita e linda réplica da mulher por quem se apaixonara. Curvando-se, o rosto tocando o da esposa, ele passou um dedo no rosto de Katie. O queixume parou por completo, dando lugar ao riso alegre.

— Você está se exibindo para Sydney — disse Natasha com uma risada.

Enquanto Sydney olhava, eles acariciaram o bebê. Trocaram um olhar por cima da cabecinha escura, um olhar de tamanha intimidade, amor e força que a deixou com lágrimas presas na garganta. Emocionada ao extremo, saiu do quarto em silêncio e deixou-os sozinhos.

Foi acordada por volta das sete da manhã por risadas maníacas, latidos excitados e gritos do lado de fora da janela. Resmungando, virou-se e encontrou a cama vazia.

Mikhail cumprira a promessa de esgueirar-se em seu quarto e ela mal podia acreditar que, na cama estreita, tivessem conseguido pegar no sono pouco antes do raiar do dia.

Mas ele tinha ido embora.

Virando de lado, cobriu a cabeça com o travesseiro, na tentativa de abafar os sons do pátio abaixo. Como isso também a abafou, desistiu. Resignada, rolou para fora da cama e pegou o roupão. Tinha acabado de colocar a mão na maçaneta e abrir a porta, quando Rachel abriu a porta do lado oposto do corredor.

As duas mulheres desalinhadas se encararam com olhos sonolentos. Rachel bocejou primeiro.

— Quando eu tiver filhos — começou — não vão ter permissão de sair da cama até as dez da manhã aos sábados. Meio-dia aos domingos. E só se levarem meu café-da-manhã na cama.

Sydney passou a língua nos dentes, apoiando-se no batente.

— Boa sorte.

— Só espero não ser tão chata com eles. — Bocejou novamente. — Tem uma moeda?

Por estar ainda sonolenta, Sydney automaticamente procurou nos bolsos do roupão.

— Não, desculpe.

— Espere aí. — Rachel desapareceu no quarto e voltou com uma moeda. — Pode escolher.

— Desculpe?

— Cara ou coroa. A vencedora toma banho primeiro. A perdedora desce e prepara o café.

— Ah! — Sua primeira inclinação foi ser gentil e oferecer-se para preparar o café, mas depois pensou num bom banho quente. — Coroa.

Rachel jogou a moeda para o alto, pegou-a e mostrou-a.

— Droga. Creme e açúcar?

— Puro.

— Dez minutos — prometeu Rachel e em seguida saiu andando pelo corredor. Parou. Olhou à volta para se certificar de estarem sozinhas. — Cá entre nós, você está realmente louca por Mikhail?

— Cá entre nós? Estou.

Deu uma gargalhada e girou nos calcanhares.

— É, tem gosto para tudo.

Trinta minutos depois, refrescada pelo banho e pelo café, Sydney perambulou pelo andar de baixo. Seguindo os sons da atividade, encontrou a maior parte da família na cozinha.

Natasha, no fogão, trajava shorts e camiseta. Yuri, sentado à mesa, servia-se de panquecas e fazia caras e bocas para o bebê sorridente, preso numa daquelas cadeirinhas que balançavam e tocavam música. Alex, largado numa cadeira, com as mãos na cabeça, mal agradeceu quando a mãe enfiou uma caneca de café debaixo de seu nariz.

— Ah, Sydney.

Alex fez cara de dor ao ouvir o cumprimento retumbante do pai.

— Papai, tenha algum respeito pelos mortos.

Ele deu um soco brincalhão no braço do filho.

— Venha se sentar ao meu lado — convidou Sydney. — E prove as panquecas de Tash.

— Bom dia! — disse Natasha, impassível, quando a mãe encheu de café a caneca de Sydney. — Peço desculpas por meus nada civilizados filhos e pelo vira-lata que acordaram a casa inteira tão cedo.

— Crianças fazem barulho — disse Yuri, indulgente. Katie expressou concordância berrando e dando um tapa no apoio da cadeirinha.

— Então todo mundo já levantou? — Sydney sentou-se.

— Spence está mostrando a Mikhail a churrasqueira que ele construiu — disse Natasha e colocou um prato abarrotado de panquecas na mesa. — Eles vão ficar lá parados examinando e soltando exclamações masculinas. Você dormiu bem?

Sydney pensou em Mikhail e tentou não ficar ruborizada.

— Sim, obrigada. Não, por favor — protestou quando Yuri colocou uma pilha de panquecas em seu prato.

— Para ter energia — disse, piscando o olho.

Antes que pudesse pensar numa resposta, um furacão miúdo e de cabelos encaracolados entrou pela porta de trás. Yuri pegou-o no ar e balançou o embrulho nos braços.

— Este é meu neto, Brandon. Ele é um monstro. E eu como monstros no café-da-manhã. Nhac-nhac.

O menino de uns 3 anos, ágil e forte, debatia-se e berrava no colo de Yuri.

— Papai, vem ver eu andar de bicicleta. Vem.

— Você tem uma convidada — disse Nadia, docemente — e não tem modos.

Recostando a cabeça no peito de Yuri, Brandon deu um olhar demorado e observador para Sydney.

— Você também pode me ver — convidou. — Seu cabelo é bonito. Igual ao de Lucy.

— Nossa, este é um cumprimento e tanto! — exclamou Natasha. — Lucy é a gata. A Srta. Hayward pode ver você depois. Ela ainda não terminou o café-da-manhã.

— Vem você, mamãe.

Incapaz de resistir, Natasha passou a mão nos cachos do filho.

— Já vou. Vai dizer a seu pai que ele tem que ir ao supermercado para mim.

— Papai tem que vir.

Conhecendo o jogo, Yuri bufou de raiva, reclamou e colocou Brandon nos ombros. O menino deu um grito de alegria e agarrou-se no cabelo de Yuri quando o avô se pôs de pé.

— Pai, olha! Olha como estou alto! — Brandon gritava quando a porta de tela abriu-se.

— Por acaso o garoto pára alguma hora de berrar? — quis saber Alex.

— Você não parou de berrar até os 12 anos — disse Nadia, batendo-lhe com o pano de prato.

Penalizada, Sydney levantou-se para colocar mais café na xícara dele. Ele pegou-lhe a mão e levou-a aos lábios dando-lhe um beijo barulhento.

— Você é a rainha entre todas as mulheres, Sydney. Fuja comigo.

— Será que vou precisar matar você? — Mikhail perguntou ao entrar na cozinha.

Alex apenas sorriu.

— Podemos disputá-la numa queda de braço.

— Meu Deus, os homens são uns porcos — observou Rachel entrando pela direção oposta.

— Por quê? — A pergunta veio de uma menina bonita de cabelos louros que surgiu na porta, atrás de Mikhail.

— Porque eles acham que podem resolver tudo com músculos e suor, em vez de usar seus minúsculos cérebros, Freddie.

Ignorando a irmã, Mikhail afastou os pratos, sentou-se e colocou o cotovelo na mesa. Alex sorriu ao compreender que o irmão aceitara o desafio, dito em ucraniano. Juntaram as palmas da mão.

— O que eles estão fazendo? — quis saber Freddie.

— Bancando os bobos. — Natasha suspirou e passou um braço pelo ombro de Freddie. — Sydney, esta é minha filha mais velha, Freddie. Freddie, esta é a Srta. Hayward, amiga de Mikhail.

Confusa, Sydney sorriu para Freddie por cima do ombro de Mikhail.

— Que bom encontrar você de novo, Freddie. Eu a conheci há muito tempo quando você ainda era um bebê.

— É mesmo? — Intrigada, Freddie ficou dividida entre observar Sydney ou Mikhail e Alex. Eles estavam com os cotovelos na mesa, as mãos agarradas e os músculos dos braços salientes.

— Sim, eu, ah... — Sydney também estava encontrando dificuldade em desviar a visão. Os olhos de Mikhail faiscaram qual lanças em sua direção antes de voltarem-se para o irmão. — Eu conheci seu pai quando vocês moravam em Nova York.

Ouviu-se uma dupla de rosnados dos homens na mesa. Rachel sentou-se do outro lado e serviu-se de panquecas.

— Passe o mel.

Com a mão livre, Mikhail empurrou-o para ela. Disfarçando um sorriso, Rachel derramou mel em abundância.

— Mamãe, você quer dar uma volta na cidade depois que eu comer?

— Ótima ideia! — Ignorando os filhos, Nadia começou a colocar os pratos na máquina de lavar. Preferia a queda de braço aos tapas e pontapés com os quais se tratavam quando meninos. — Podemos levar Katie no carrinho se você quiser, Natasha.

— Eu vou com vocês e aproveito para dar uma olhada na loja. — Natasha lavou as mãos. — Tenho uma loja de brinquedos na cidade — disse a Sydney.

— Ah! — Sydney não conseguia tirar os olhos dos dois homens. Natasha poderia ter-lhe dito que era dona de uma dúzia de mísseis. — Que legal!

As duas mulheres Stanislaski sorriram entre si. Sentimental, Nadia começou a imaginar um casamento no outono.

— Você quer mais café? — perguntou a Sydney.

— Oh, eu...

Mikhail soltou um brado de triunfo ao derrubar o braço do irmão na mesa. Os pratos saltaram. Empolgada, Freddie aplaudiu e segurou a mão do irmão imitando o gesto.

Sorrindo, Alex flexionou os dedos anestesiados.

— Vamos para a melhor de três.

— Arranje uma mulher para você. — Antes que Sydney pudesse reagir, Mikhail pegou-a no colo, plantou-lhe um beijo na boca com um ligeiro e erótico sabor doce e a carregou para fora.

CAPÍTULO DEZ

Você podia ter perdido, sabia?

Achando graça no sutil aborrecimento na voz dela, Mikhail passou o braço na cintura de Sydney e continuou a andar pelo gramado inclinado.

— Mas não perdi.

— A questão — Ela inspirou. Vinha tentando colocar a questão na cabeça-dura daquele eslavo há mais de uma hora. — A questão é que você e Alex me disputaram na queda de braço como se eu fosse uma caixa de meia dúzia cervejas.

O sorriso apenas aumentou. Uma caixa de seis cervejas o deixaria um pouco inebriado, mas isso não era nada comparado com o que sentira ao ver o fascínio nos olhos de Sydney diante de seus bíceps. Ele flexionara-os um pouco, acreditando que um homem tinha direito à vaidade.

— E depois — continuou, assegurando-se em manter a voz baixa já que tinha gente da família andando tanto na frente quanto atrás deles. — Você me botou no colo na frente de sua mãe.

— Você gostou.

— Eu certamente...

— Gostei — ele concluiu, lembrando o jeito ardente e indefeso com que correspondera ao beijo que lhe dera na varanda de trás da casa da irmã. — E eu também.

Ela não ia rir. Não ia admitir a incontrolável excitação ao ser carregada por ele como se fizesse parte da pilhagem de guerra de um bárbaro suado.

— Talvez eu estivesse torcendo por Alex. Ele parece ter herdado o charme de seu pai.

— Todos os Stanislaski têm charme — disse, sem se sentir ofendido. Parou e, abaixando-se, colheu uma margarida no terreno pelo qual passavam. — Está vendo?

— Hum... — Sydney girou a flor debaixo do nariz. Talvez fosse hora de mudar de assunto, antes de se sentir tentada a afastá-lo. — É bom voltar a ver Spencer. Quando eu tinha uns 15 anos, era apaixonada por ele.

Os olhos estreitos, Mikhail observou as costas do cunhado.

— É mesmo?

— É. Sua irmã é uma mulher de sorte.

O orgulho da família vinha primeiro.

— Ele tem sorte por tê-la.

Desta vez ela sorriu.

— Acho que nós dois temos razão.

Brandon, cansado de segurar a mão da mãe, correu na direção deles.

— Você tem que me carregar — disse ao tio.

— Tenho, é?

Com um aceno entusiasmado, Brandon começou a escalar a perna de Mikhail como um macaco numa árvore.

— Como papai faz.

Mikhail suspendeu-o e para delícia do menino, carregou-o por um tempo de cabeça para baixo.

— Ele vai botar o café-da-manhã para fora — gritou Nadia.

— Aí a gente coloca tudo pra dentro de novo. — Mas Mikhail o virou para Brandon poder subir em suas costas. Com o rosto rosado, o menino sorriu para Sydney.

— Eu tenho 3 anos — disse, orgulhoso. — E posso me vestir sozinho. E muito bem também.

Achando graça, ela bateu no tênis do menino.

— Você vai ser um compositor famoso como seu pai?

— Não. Vou ser bombeiro. Eles são o máximo.

— Entendo. — Era a primeira vez que conhecia alguém tão ambicioso.

— Você mora com o tio Mikhail?

— Não — respondeu com rapidez.

— Ainda não — disse Mikhail, simultaneamente, e sorriu para ela.

— Você estava beijando ele — comentou Brandon. — Como é que vocês não têm nenhum filho?

Natasha aproximou-se e deu-lhe um beijo estalado:

— Chega de perguntas! Por enquanto, basta saber que você pode ganhar um carro novo da loja.

Ele esqueceu tudo sobre bebês. Um brilho de esperteza passou pelos olhos cor de chocolate.

— Qualquer carro?

— Qualquer carro pequeno.

— Você me beijou mesmo — Mikhail lembrou Sydney quando Brandon começou a cansar a mãe querendo saber o que ela queria dizer com pequeno. Sydney colocou um ponto final na discussão dando uma cotovelada nas costelas de Mikhail.

Ela achou a cidade charmosa, com suas ladeiras e lojinhas. A loja de brinquedos de Natasha, *FunHouse*, era impressionante. O estoque ia de minúsculos carrinhos de plástico a delicadas bonecas de porcelana e caixas de música.

Mikhail provou ser companheiro, acompanhando Sydney, que entrava e saía de lojas de antiguidade, de arte e butiques. No meio do caminho, perderam-se do resto da família. Ou a família se perdeu deles. Só quando iniciaram o trajeto de volta, subindo a colina, com os braços carregados de sacolas, ele começou a reclamar.

— Por que achei que você era uma mulher sensata?

— Porque sou.

Ele resmungou uma das poucas palavras em ucraniano que ela compreendia.

— Se você é tão sensata, por que comprou tudo isso? Como espera levar isto de volta para Nova York?

Satisfeita consigo mesma, ela brincou com os brincos novos que usava. As bonitas estrelas esmaltadas balançavam vistosas.

— Você é tão inteligente... Aposto que vai encontrar uma maneira.

— Agora você está tentando me elogiar para me fazer de bobo.

Ela sorriu.

— Foi você quem comprou para mim a caixa de porcelana.

Caindo na cilada, ele meneou a cabeça. Por dez minutos ela examinara a caixa oval, cuja parte superior era decorada com um rosto sereno de mulher em baixo-relevo, obviamente encantada e obviamente se perguntando se poderia se dar ao luxo de ser extravagante.

— Você estava babando por ela.

— Eu sei. — Ficou nas pontas dos pés para dar-lhe um beijo no rosto. — Obrigada.

— Você não vai me agradecer quando tiver que passar cinco horas com tudo isso no colo.

Eles subiram as escadas para o pátio na hora em que Ivan, o rabo enfiado entre as pernas, atravessou correndo a grama. Perseguido-o, um casal de gatos grandes e magros. Mikhail deixou escapar um suspiro masculino.

— Ele é uma vergonha para a família.

— Pobrezinho. — Sydney atirou o pacote que carregava para Mikhail. — Ivan! — Bateu as mãos e agachou-se.

— Aqui, garoto.

Descobrindo a salvação, ele balançou o rabo, levantou-se nas patas e saiu correndo em sua direção. Sydney pegou-o e ele, trêmulo, enfiou o focinho em seu pescoço. Os gatos, dissimulados e complacentes, sentaram-se a poucos centímetros e começaram a se lambar.

— Escondendo-se atrás de uma mulher — disse Mikhail com desdém.

— Ele é só um bebê. Vai fazer queda de braço com seu irmão.

Gargalhando, ele deixou-a acalmando o filhote traumatizado. Um minuto depois, ofegante, Freddie contornou a casa.

— Ele está aí.

— Os gatos o assustaram — explicou Sydney e Freddie se aproximou para acariciar o pelo de Ivan.

— Eles só estavam brincando. Você gosta de cachorro? — perguntou Freddie.

— Gosto. — Incapaz de resistir, Sydney aninhou o filhote nos braços. — Gosto sim.

— Eu também. E de gatos. A gente tem Lucy e Desi há um tempão. Agora estou tentando convencer mamãe a comprar um filhote de cachorro. — Acariciando Ivan, ela olhou para as petúnias destroçadas. — Quem sabe se eu arrumar as flores?

Sydney sabia o que era ser uma garotinha sonhando com um filhote de cachorro.

— É um bom começo. Quer ajuda?

Passou os trinta minutos seguintes tentando salvar as flores. Já que nunca fizera jardinagem, seguia as instruções de Freddie. O filhote ficou por perto, tremendo toda vez que os gatos passavam e se escondendo entre suas pernas para ser afagado entre as orelhas.

Quando terminaram o serviço, Sydney deixou Ivan aos cuidados de Freddie e entrou para se limpar. Ocorreu-lhe que ainda não devia ser meio-dia e ela já fizera um monte de coisas, pela primeira vez, naquele dia.

Havia sido o grande prêmio num campeonato de queda de braços. Tinha brincado com crianças, sido beijada pelo homem que amava numa rua pública. Havia feito jardinagem e ficara sentada num pátio ensolarado com um filhote de cachorro no colo.

Se o fim de semana continuasse desse jeito, só Deus sabe o que poderia experimentar a seguir.

Atraída pelos gritos e risadas, entrou na sala de música e olhou pela janela. Um jogo de softball. Rachel arremessava, a perna comprida estendida atrás ao mover-se e lançar a bola para Alex. Obviamente insatisfeito com o resultado,

ele virou-se para discutir com a mãe. Ela continuou a balançar a cabeça para ele, sacudindo Brandon no joelho, mantendo-se firme em sua autoridade como árbitro.

Mikhail, parado com as pernas abertas, as mãos nos quadris e o calcanhar apoiado numa almofada rasgada, fazia as vezes de segunda base. Ele deu sua opinião e Rachel lançou-lhe um olhar destruidor por cima do ombro, ainda aborrecida por ele ter conseguido pegar a bola curva que atirara

Yuri e Spence, no campo externo, vaiavam enquanto Alex preparava-se para a segunda rebatida. Intrigada, Sydney debruçou-se no parapeito da janela. Como eram lindos... Viu Brandon virar-se para dar o que pareceu um beijo molhado em Nadia, antes de sair correndo nas perninhas robustas em direção a um balanço azul e branco. Uma porta bateu e Freddie surgiu em seu campo de visão, aproximando-se do balanço para empurrar o irmão antes de assumir seu lugar no jogo.

Alex pegou o arremesso seguinte e atirou a bola que saiu voando alto e longe. As vozes transformaram-se em gritos. Surpreendentemente ágil, Yuri, num passo de dança, foi para a esquerda e interceptou a bola no ar. Mikhail pegou-a, passou pela terceira base e dirigiu-se ao ponto de partida, para onde Rachel havia corrido para esperar o arremesso.

Mikhail atravessou o campo em longas passadas, exibindo os feixes de músculos maravilhosos. Escorregou. Rachel mantinha-se na base, aparentemente imperturbável diante da ideia de um homem forte, de cerca de 1,80 m, esbarrar nela. Houve uma colisão, caíram embolados e trocaram xingamentos.

— Fora. — A voz de Nadia fez-se ouvir clara em meio à balbúrdia.

Abandonaram suas posições.

Cada membro da família correu em direção ao meio do losango — não para ver o que acontecera com as duas formas cheias de manchas roxas, mas para gritar e gesticular. Rachel deu um soco no peito de Mikhail. Ele reagiu

cobrindo-lhe o rosto com a mão e atirando-a de costas na grama. Com um grito contente, Brandon entrou no meio da briga e escalou as costas do pai.

Sydney nunca sentira tanta inveja na vida.

— Nunca conseguimos jogar sem brigar — disse Natasha às suas costas. Sorria, olhando por cima do ombro de Sydney o caos no quintal. Ainda estava cansada de embalar o bebê até ele dormir. — Você é esperta em olhar a distância.

Mas quando Sydney virou, Natasha viu os olhos úmidos.

— Ah, por favor. — Rapidamente colocou-se ao lado de Sydney e pegou-lhe a mão. — Não fique aborrecida. Eles não fizeram por mal.

— Não, eu sei. — Profundamente embaraçada, tentou limpar as lágrimas. — Eu não estava aborrecida. Apenas... Que tolice! Olhá-los daquele jeito foi como ver um quadro realmente lindo ou ouvir uma música adorável. Fiquei emocionada.

Não precisava dizer mais. Natasha compreendera, depois da explicação de Spence sobre o passado de Sydney, que nunca houvera jogos de softball, brincadeiras brutas ou discussões acaloradas em sua vida.

— Você o ama muito.

Sydney hesitou. Era mais fácil responder a uma pergunta insolente como a de Rachel do que comentar afirmativa tão segura.

— Não é da minha conta — continuou Natasha —, mas ele é especial para mim. E notei que você é especial para ele. Você não o considera um homem fácil.

— Não, não mesmo.

Natasha voltou a olhar pela janela, pousando os olhos no marido, no momento lutando com Freddie e Brandon na grama. Há não muitos anos, lembrou-se, sentira medo de desejar estas coisas.

— Ele amedronta você?

Sydney começou a negar; depois se viu falando devagar, pensativa:

A imensidão de suas emoções por vezes me amedronta. Ele tem tantas, e acha tão normal senti-las, compreendê-las, exprimi-las.

— Nunca fui do tipo de colocar minhas emoções para fora ou me deixar levar por elas. Às vezes, ele simplesmente me deixa estupefata, o que é irritante.

— Ele é o que sente — disse Natasha simplesmente. — Gostaria de ver a prova? — Sem esperar resposta, caminhou até a parede de estantes.

Estatuetas, adoravelmente esculpidas e pintadas, dançavam pelas prateleiras, algumas tão pequeninas e delicadas que parecia impossível terem sido criadas pela mão humana.

Uma casa em miniatura com teto de gengibre e persianas de cana de açúcar; uma imensa torre prateada onde uma bela mulher de cabelos dourados debruçava-se na janela mais alta; um elegante príncipe ajoelhado admirando, embevecido, uma linda princesa adormecida numa cama de dossel do tamanho de um palmo.

— Ele trouxe esta para mim ontem. — Natasha pegou a estatueta de uma mulher numa máquina de tecer, montada numa pequena plataforma de fios de palha e partículas de ouro. — A filha do moleiro de *Rumpelstiltskin*. — Ela sorriu, acariciando os dedos delicados a mover o fuso.

— São adoráveis, todas elas. Como um mundo mágico.

— Mikhail tem mágica — disse Natasha. — Ele esculpe contos de fadas para mim porque aprendi inglês lendo essas histórias. Alguns de seus trabalhos são mais poderosos, trágicos, eróticos, arrojados, até assustadores. Mas são sempre reais, porque brotam de dentro dele tanto quanto da madeira ou da pedra.

— Eu sei. O que está tentando me mostrar é a sensibilidade dele. Mas não é necessário. Nunca conheci ninguém capaz de tanta gentileza ou compaixão.

— Achei que talvez tivesse medo que ele pudesse magoá-la.

— Não — disse Sydney, baixinho. Pensou na riqueza de coração necessária para criar algo tão lindo, tão irreal quanto a diminuta mulher transformando palha em ouro. — Tenho medo de magoá-lo.

— Sydney... — A porta traseira bateu e pés fizeram-se ouvir no corredor.

A interrupção aliviou Sydney. Fazer confidências era algo novo e nada confortável. Ficou surpresa por ter se aberto com uma mulher que conhecia há menos de um dia.

Havia algo nesta família, meditou. Algo tão mágico quanto as figuras de contos de fadas esculpidas por Mikhail para a irmã. Talvez a mágica fosse tão simples quanto a felicidade.

Quando a tarde caiu, eles entravam e saíam da casa, barulhentos, pedindo algo — com bastante frequência, sujos. De vez em quando, Nadia limpava o assoalho e ordenava que ficassem do lado de fora.

— Como podem sair e sentar na sombra com uma garrafa de cerveja enquanto a gente cozinha? — reclamou Rachel, com as mãos ocupadas a trabalhar com rapidez e habilidade nas batatas e no descascador.

— Porque... — Nadia colocou duas dúzias de ovos para cozinhar. — Aqui eles iam pegar a comida, colocar os pés grandes no meu caminho e fazer uma bagunça.

— Boa explicação. Ainda assim...

— Eles vão ter que limpar a sujeira que a gente fizer. — disse Natasha.

Satisfeita, Rachel atacou outra batata. Suas queixas eram apenas simbólicas. Gostava tanto de cozinhar quando de defender uma causa.

— Se Vera estivesse aqui, eles não iam fazer nem isso.

— Nossa empregada — explicou Natasha a Sydney enquanto descascava e cortava uma montanha de legumes.

— Está conosco há anos. Tirou um mês de folga para viajar com a irmã. Você pode lavar estas uvas?

Obediente, Sydney seguia as instruções, lavando frutas, passando os ingredientes, mexendo a comida na panela. Mas tinha plena consciência de que três mulheres eficientes trabalhavam a seu redor.

— Você pode rechear os ovos — disse Nadia, gentil, ao notar que Sydney estava perdida. — Daqui a pouco vão estar frios.

— Eu, é... — Começou, olhando horrorizada as claras de ovos na bancada da pia. — Eu não sei como.

— Sua mãe não ensinou você a cozinhar? — Não havia irritação na voz de Nadia, apenas surpresa. Considerara sua obrigação ensinar cada um de seus filhos, quisessem eles ou não aprender.

Segundo lhe constava, Margerite nunca cozinhou um ovo, quanto mais um recheado. Sydney deu um sorrisinho sem graça.

— Não, ela me ensinou como eu deveria pedir no restaurante.

Nadia deu-lhe um tapinha nas bochechas.

— Quando esfriarem, vou mostrar a você como prepará-los do jeito que Mikhail gosta. — Murmurou algo em ucraniano quando o choro de Katie foi ouvido por meio da babá eletrônica na cozinha. Num impulso, Natasha meneou negativamente a cabeça antes que Nadia pudesse secar as mãos e subir para pegar a neta.

— Sydney, você se importa? — Com um sorriso ingênuo, Natasha voltou-se dizendo: — Estou muito ocupada.

Sydney piscou e encarou-a.

— Você quer que eu pegue o bebê?

— Por favor.

Demonstrando bastante hesitação, Sydney saiu da cozinha.

— O que você está planejando, Tash? — quis saber Rachel.

— Ela quer uma família.

Soltando uma gargalhada, Rachel passou os braços em torno da mãe e da irmã.

— Vai conseguir mais do que pretendia com esta.

O bebê parecia muito chateado, refletiu Sydney enquanto se apressava pelo corredor. Podia estar doente. O que estaria acontecendo com Natasha para não vir ela mesma pegar Katie? Talvez, quando se tem três filhos, a gente não leve tudo tão a sério. Respirando fundo, entrou no quarto do bebê.

Katie, o cabelo encaracolado úmido em torno do rostinho, agarrada nas grades do berço, berrava. Dobrava e estendia as pernas hesitantes, tentando manter o equilíbrio. Enrugou o rostinho cheio de lágrimas ao ver Sydney. Esticou os bracinhos, empinou e aterrissou o bumbum no lençol cor-de-rosa.

— Ai, minha pequenininha — Sydney sussurrou, emocionada demais para ficar nervosa. — Você achou que ninguém viria? — Pegou o bebê que choramingava no colo e Katie compensou-a pela falta de jeito aconchegando-se confiante contra seu corpo. — Você é tão pequenininha. Uma pequenininha tão lindinha. — Com um suspiro trêmulo, Katie inclinou a cabeça para trás. — Você se parece com seu tio, não é? Ele fica encabulado quando eu digo que ele é lindo, mas vocês são.

No andar de baixo, as três mulheres caíram na gargalhada quando a voz de Sydney fez-se ouvir claramente na babá eletrônica.

— Ih! — Ao dar uma palmadinha carinhosa no bumbum do neném, Sydney descobriu um sério problema. — Você está molhada, não é? Olha, calculo que sua mãe conseguiria resolver isso em trinta segundos, assim como todo mundo lá embaixo. Mas estou sozinha aqui. Então o que vamos fazer?

Katie parou de choramingar e fazia bolhas com a boca enquanto agarrava o cabelo de Sydney.

— Acho que vou fazer uma tentativa. Nunca troquei uma fralda na vida — comentou, olhando a seu redor. — Ou recheei um ovo, joguei softball nem droga nenhuma. Ops! Nada de nomes feios na frente de um bebê. E lá vamos nós. — Achou uma frasqueira listrada verde contendo fraldas. — Céus, Katie, são fraldas de verdade.

Soltando um suspiro, pegou uma das fraldas de algodão cuidadosamente dobradas.

— Certo, quem está na chuva é pra se molhar. Vou colocar você aqui. — Gentilmente, deitou Katie no troca-fraldas e preparou-se para dar seu melhor na operação.

— Ei — Mikhail surgiu na cozinha e foi saudado com três sibilantes “psiu!”

— O quê?

— Sydney está trocando a fralda de Katie — murmurou Natasha e sorriu ao ouvir os sons transbordando da babá eletrônica.

— Sydney? — Mikhail esqueceu a cerveja que lhe pediram para buscar e ficou para ouvir.

— Muito bem, já estamos quase terminando. O lindo bumbum de Katie está seco e com talco. Talvez talco demais, mas melhor errar por excesso, por medida de segurança —, calculou Sydney. A sobancelha franziu quando tentou dobrar a fralda limpa do jeito como a retirara, só que sem estar úmida. — Acho que está bem parecido. O que você acha? — Katie agitou as perninhas e deu um sorriso. — Acho que você aprovou. Muito bem, agora vem a parte complicada. Nada de se balançar.

E é claro que o bebê se mexeu. E quanto mais se mexia e esperneava, mais Sydney ria e a paparicava. Quando finalmente conseguiu prender a fralda, Katie estava tão bonitinha, tão cheirosa, tão fofoa que ela teve que paparicá-la um pouco mais. Então pareceu natural levantar o bebê no alto para que ele pudesse dar gritinhos, espernear e soltar mais bolhas.

A fralda desceu um pouco, mas pelo menos não caiu.

Estamos prontas, minha lindinha. Quer descer para ver a mamãe?

— Mama — balbuciou Katie afundada nos braços de Sydney. — Mama.

Na cozinha, quatro pessoas tentavam parecer ocupadas e distraídas.

— Desculpe por ter demorado tanto — disse ao entrar. — A fralda estava molhada. — Viu Mikhail e deteve-se, o rosto encostado no de Katie.

Quando se entreolharam, ela ficou ruborizada, com as pernas bambas. Isso não era jeito — não era mesmo, pensou — de ele olhar para ela com a mãe e as irmãs no mesmo aposento.

— Eu a pego. — Dando um passo à frente, ele estendeu os braços e Katie atirou-se neles. Ainda olhando Sydney, esfregou o rosto na cabeça do bebê e

acomodou-a com a maior naturalidade nos quadris. — Venha cá. — Antes que Sydney pudesse responder, ele colocou a mão atrás de sua cabeça e a puxou contra ele para um beijo longo e apaixonado. Acostumada a tais demonstrações, Katie apenas remexeu-se e riu.

Lentamente, ele se afastou e depois sorriu para ela.

— Volto depois para pegar a cerveja. Fazendo malabarismos com Katie, saiu batendo a porta.

— Agora — Nadia pegou uma atordoada Sydney pelas mãos —, você vai preparar ovos recheados.

O sol se punha no domingo quando Sydney abriu a porta do apartamento. Ria — e tinha certeza de ter rido mais em dois dias do que em toda a sua vida. Colocou os pacotes que carregava no sofá enquanto Mikhail fechou a porta com o pé.

— Esta mala está muito mais pesada do que antes — acusou-a, colocando a mala no chão.

— Só tem mais umas coisinhas. — Sorrindo, ela aproximou-se e passou-lhe os braços pela cintura. Era tão gostoso, tão delicioso, especialmente por saber que ele retribuiria o abraço. — *Dyakuyu* — disse, o que significava “obrigada” na língua dele.

— Não é assim que se agradece, mas de nada. — Ele deu-lhe um beijo de cada lado do rosto. — Esta é a forma tradicional de se cumprimentar na chegada ou na despedida.

Ela teve que morder a língua para não cair na gargalhada.

— Eu sei. — Também sabia o motivo de ele dizer isso, de novo. Ela tinha sido beijada calorosamente por cada membro da família. Não o beijinho frio, aquele leve toque dos lábios, ao qual estava acostumada, mas uma firme pressão

dos lábios, acompanhada por um abraço apertado. Só Alex não lhe beijara o rosto.

— Seu irmão beija muito bem. — Com os olhos mais solenes que conseguiu, Sydney tocou os lábios nas faces de Mikhail. — Deve vir nos genes da família.

— Você gostou?

— Bem... — Olhou-o por baixo dos cílios. — Ele tem um certo estilo.

— Ele é um garoto — murmurou Mikhail, embora Alex fosse menos de dois anos mais moço que ele.

— Essa não. — Desta vez explodiu numa gargalhada. — Ele definitivamente não é um garoto. Mas acho que você leva uma ligeira vantagem.

— Ligeira.

Ela colocou as mãos atrás da nuca dele.

— Como carpinteiro, você sabe que um milímetro pode ser vital, para o encaixe.

As mãos desceram-lhe até os quadris puxando-a contra ele.

— Então eu me encaixo em você, Hayward?

— Sim. — Ela sorriu quando ele tocou os lábios em sua sobrancelha. — Parece que sim.

— E você prefere meus beijos aos de Alex?

Ela gemeu, adorando o jeito como a boca percorria-lhe as têmporas, descendo até o maxilar.

— Ligeiramente. — Arregalou os olhos quando ele a beliscou. — Bem, na verdade...

Mas foi tudo o que conseguiu expressar antes da boca descer sobre a sua. Ela pensou em fogos de artifício, bolas de fogo e choques elétricos. Com um murmúrio de aprovação, correspondeu ao beijo.

— Agora. — Instantaneamente excitado, ele a pegou no colo —, suponho que vou precisar provar ser o melhor.

Sydney prendeu-lhe os braços em torno de seu pescoço.

— Se você insiste.

Uma dúzia de longas passadas e estava no quarto, onde a colocou sem cerimônia na cama. Quando ela recuperou o fôlego, ele já havia arrancado a camisa e os sapatos.

— Do que você está rindo? — perguntou Mikhail.

— Você está parecendo um pirata de novo. — Ainda sorrindo, ela afastou o cabelo dos olhos. — Só falta a espada e o tapa-olho preto.

Ele enfiou os polegares nas presilhas esfiapadas.

— Então, você me acha um bárbaro.

Ela deixou o olhar percorrer o torso nu, a cabeleira, a barba por fazer — ele não se dera ao trabalho de colocar um barbeador na mala para o fim de semana —, os olhos — aqueles olhos escuros, dramáticos, perigosos.

— Eu acho você deslumbrante.

Por pouco se retraiu, mas ela estava tão pequena e bonita, sentada na cama, os cabelos despenteados pelo vento, o rosto ainda corado do beijo rude e impaciente.

Ele lembrou-se dela ao entrar na cozinha, carregando Katie no colo, os olhos repletos de alegria, espanto e vergonha. O rosto em brasa, quando a mãe dele anunciara que ela preparara os ovos sozinha. E voltara a corar quando o pai a envolvera num abraço de urso. Mas Mikhail notara que ela também o abraçara, que seus dedos tinham agarrado a camisa de Yuri por um breve instante.

Vários outros flashes passavam por sua memória. Como ela segurara no colo o filhote, a mão de Brandon, afagado os cabelos de Freddie.

Ela precisava de amor. Era forte, inteligente e sensível. E precisava de amor.

Franzindo a testa, sentou na beirada da cama e tomou-lhe a mão. Sydney foi invadida pelo desconsolo.

— O que foi? O que fiz de errado?

Não era a primeira vez que ele percebia sinais de insegurança e dúvida em sua voz. Colocando de lado as perguntas e a impaciência, meneou a cabeça.

— Nada. Sou eu. — Virando-lhe a mão, deu um beijo suave no centro da palma de sua mão, depois em seu pulso, sentindo o batimento rápido, sinônimo ao mesmo tempo de medo e de excitação. — Eu me esqueci de ser gentil, carinhoso com você.

Ela magoara seus sentimentos. Seu ego. Não fora sensível o suficiente. Ai meu Deus.

— Mikhail, eu só estava brincando a respeito de Alex. Não estava me queixando.

— Talvez devesse.

— Não. — Ajoelhando-se, apertou-o entre os braços e pressionou os lábios aos seus. — Eu quero você — disse, desesperada. — Sabe o quanto desejo você.

Mesmo quando o fogo consumiu-lhe as entranhas, ele levou as mãos com suavidade a seu rosto, acariciando-o de leve. A emoção demonstrada no beijo vinha apenas do coração, mesclada de doçura, ternura, amor.

Por um momento, ela buscou a excitação, temerosa de nunca mais encontrá-la. Mas a boca era tão macia, tão paciente. Quando o desejo sexual transformou-se em deslumbramento, os lábios tocaram os seus. E a fricção espalhou não a familiar labareda de fogo, mas um calor ingênuo, dourado, tão lindo que um nó formou-se na garganta. Mesmo quando ele aprofundou o beijo, com mais ardor, só havia ternura. O corpo enfraquecido derreteu como cera. Suas mãos soltaram-se dos ombros dele, inertes, em total redenção.

— Linda. Tão linda — ele murmurou ao deitá-la na cama, esvaziando-lhe a mente, revirando-lhe a alma com beijos demorados e ardentes. — Eu devia levar um tiro por só ter mostrado um jeito para você.

— Eu não posso... — Pensar, respirar, me mover.

— Quietinha. — Gentilmente, com um toque artístico a despiu. — Hoje à noite é só sua. Apenas para seu prazer. — A respiração ficou suspensa quando

a luz do sol iluminou-lhe a pele. Ela parecia tão frágil que receava tocá-la. Tão linda que não poderia deixar de fazê-lo. — Deixe-me mostrar o que você representa para mim.

Tudo. Ela era tudo. Depois daquele dia, queria que ela não tivesse mais dúvidas a respeito. Com mãos lentas e experientes, demonstrou que além da paixão, além do desejo, existia a união de espíritos. Uma generosidade da alma.

O amor podia ser pacífico, abnegado, duradouro.

O corpo dela era um banquete, cheiroso, apetitoso, com sabores eróticos. Mas naquela noite ele a saboreou devagar, sorvendo, apreciando. Cada suspiro, cada estremeção o enchia de gratidão por ela lhe pertencer.

Ele não lhe permitiria apressar-se. Incapaz de resistir, ela flutuou no longo e escuro rio por onde ele a guiava, inebriada pelo aroma de essência delicada. Nunca, nem mesmo durante os encontros mais apaixonados dos dois, ela tivera tanta consciência do próprio corpo. De sua própria textura, formato, perfume. E do dele. Oh, céus, do dele.

Aqueles músculos duros como rocha, a força bruta agora canalizada para uma inimaginável gentileza. A sutileza do movimento despertava sensações desconhecidas, nova consciência e uma sinfonia de delicada compreensão em sua harmonia.

— Deixe-me dar-lhe. Deixe-me mostrar-lhe. Deixe-me capturar.

As pontas dos dedos sensíveis seguiam os contornos de seu corpo, prolongando-se para excitar, movendo-se para liberar algum novo prazer a explodir. E do prazer dela vinha o seu, tão doce, tão incrível, tão simples...

Ela ouvia a própria respiração, um som sereno e trêmulo quando a noite invadiu o quarto. Num tributo à beleza, lágrimas molharam-lhe o rosto e enrouqueceram-lhe a voz ao pronunciar o nome dele.

A boca de Mikhail cobriu a sua quando por fim a penetrou. Envolto dentro dela, embalado por ela, ele estremeceu tomado pela sensação profunda, emocionado ao arrastá-la. Sua boca abriu-se em oferenda, seus braços ergueram-se, cercaram-no, seguraram-no.

Mais. Ele se lembrou de que no passado lutara desesperadamente por mais. Agora, com ela, tinha tudo.

Apesar do estado de excitação que beirava a insanidade, ele moveu-se devagar, sabendo que poderia satisfazê-la uma, duas vezes até atingir o último e glorioso orgasmo.

— Eu amo você, Sydney. — Os músculos tremeram quando ele sentiu-a erguer-se ao seu encontro. — Só você. Sempre você.

CAPÍTULO ONZE

Quando o telefone tocou de madrugada, dormiam agarradinhos, como crianças enroscadas. Sydney aninhou-se ainda mais, apertando os olhos com força e murmurou um simples “não”, determinada a ignorar o chamado.

Rabugento, Mikhail rolou por cima dela, considerando seriamente permanecer onde estava quando o corpo dela curvou-se deliciosamente ao encontro do seu.

— *Milaya* — murmurou e praguejando atendeu o telefone.

— O quê? — Como Sydney recostava-se em seu ombro, ele afastou-a. — Alex? — O som da voz do irmão o fez sentar-se ereto, disparando palavras em ucraniano. Só quando Alex o tranquilizou, informando que não havia nada errado com a família, o pânico doentio esvaiu-se. — Melhor que você esteja no hospital ou na cadeia. Em nenhum dos dois? — Recostou-se, bateu com a cabeça na cabeceira e voltou a blasfemar. — Por que está ligando no meio da noite? — Esfregando a mão no rosto, Mikhail olhou irritado o despertador de Sydney. Viu no mostrador brilhante: 4 h 45. — O quê? — Esforçando-se por concentrar-se, mudou o telefone de orelha. — Droga, quando? Já estou indo.

Bateu com o telefone e já estava procurando as roupas quando percebeu que Sydney acendera a luz, o rosto pálido como a morte.

— Seus pais.

— Não, não, não é nada com a família. — Voltou a sentar-se na cama para pegar-lhe a mão. — E o apartamento. Vândalos.

O som agudo do medo embotou-se em perplexidade.

— Vândalos?

— Um dos policiais que atendeu a ligação conhece Alex e sabe que eu moro lá, então o chamou. Fizeram alguns estragos.

— No prédio. — O coração dela começava a palpitar pesado e lento, em sua garganta.

— Sim. Ninguém ficou ferido. — Viu os olhos dela se fecharem aliviados, antes de menear a cabeça. — Picharam as paredes com spray, quebraram janelas. — Soltou um palavrão. — Dois dos apartamentos vazios foram inundados. Vou ver o que pode ser feito.

— Ficarei pronta em dez minutos — disse Sydney, rolando para fora da cama.

Doía. Era apenas tijolo, madeira e vidro, mas doía ver os danos. Obscenidades asquerosas rabiscadas em tinta vermelha na adorável parede de pedra antiga. Três das janelas inferiores esvaçadas. Dentro, alguém usara uma faca para rabiscar as grades e golpear o gesso.

No interior do apartamento da Sra. Wolburg a água atingia 8 centímetros cobrindo o piso antigo de madeira, arruinando os tapetes, ensopando o sofá. Os paninhos rendados boiavam como lírios encharcados.

— Eles taparam as pias e os ralos — explicou Alex. — Quando quebraram as janelas lá embaixo e acordaram todo mundo, o estrago aqui já estava feito.

Sim, o estrago estava feito, pensou Sydney. Mas ainda não terminara.

— E a outra unidade?

— No segundo andar. Vazio. Picharam um monte de coisas lá também. — Apertou o braço de Sydney. — Lamento. Estamos recolhendo depoimentos dos inquilinos, mas...

— Estava escuro — terminou Sydney. — Todo mundo estava dormindo e, na certa, ninguém viu nada.

— Nada é impossível. — Alex voltou-se em direção ao tumulto de vozes vindo do vestíbulo, onde a maioria dos inquilinos se reunira. — Por que não vai até o apartamento de Mikhail? Vai demorar um tempo até acalmar todo mundo e dispensá-los.

— Não, o prédio é meu. Gostaria de falar com eles.

Com um aceno, ele a conduziu pelo corredor.

— O estranho é não terem roubado nada. E só invadirem os dois apartamentos vazios.

— Lançou-lhe um olhar. Ele podia não estar usando uniforme, mas definitivamente era um policial.

— Isso é um interrogatório, Alex?

— Não, apenas uma observação. Acredito que você saiba quem tem acesso à lista dos inquilinos.

— Imagino que sim — respondeu. — E tenho noção do responsável por isto, Alex. — Ela tocou a mão no corrimão arruinado. — Não quem pichou ou inundou os apartamentos, mas quem deu a ordem. Mas não sei se serei capaz de prová-lo.

— Deixe as provas conosco.

Ela olhou as manchas de tinta ao longo da parede.

— Você faria isso? — Ela sacudiu a cabeça, antes que ele pudesse responder. — Assim que eu tiver certeza, passo todas as informações. É uma promessa. Se você prometer não dizer nada a Mikhail.

— Este é um acordo difícil, Sydney.

— Sou uma mulher difícil — disse, firme e foi ao encontro dos inquilinos.

Às 8 h estava no escritório examinando os mínimos detalhes do arquivo pessoal de Lloyd Bingham. Às 10 h, já tinha dado vários telefonemas, consumido um número excessivo de xícaras de café e estruturado um plano.

Autorizara Mikhail a contratar mais homens, falara pessoalmente com o investigador do seguro e estava agora preparada para uma pequena batalha psicológica.

Ela mesma fez a ligação para Lloyd Bingham e esperou o telefone tocar três vezes.

— Alô.

— Lloyd? Sydney Hayward.

Ela ouviu o som do isqueiro.

— Algum problema?

— Nada que não possa ser consertado. Foi realmente um gesto patético, Lloyd.

— Não sei do que está falando.

— Claro que não. — O sarcasmo era sutil, quase indiferente. — Da próxima vez, sugiro fazer uma pesquisa mais apurada.

— Quer chegar logo ao ponto?

— O ponto é o meu prédio, meus inquilinos e seu erro.

— É um pouco cedo demais para charadas. — A satisfação, o convencimento em sua voz fizeram-na fechar o punho.

— Não se trata de uma charada quando a solução é tão clara. Imagino que você não tivesse conhecimento de que alguns funcionários do prédio moram lá. E de como esse pessoal acorda cedo para tomar café, olha pelas janelas. Ou do quão cooperativos seriam ao dar descrições à polícia.

— Se alguma coisa aconteceu no seu prédio, o problema é seu. — Ele trouxe com força. — Não cheguei perto dele.

— Nunca achei que tivesse chegado — disse, com naturalidade. — Você sempre foi muito bom em delegar tarefas. Entretanto, quando certos indivíduos forem pegos pela polícia, acho que você vai descobrir como é inquietante não ter pessoas leais.

Ela podia jurar tê-lo ouvido transpirar.

— Não preciso ouvir esse tipo de coisa.

— Não, claro que não. Não vou tomar seu tempo. Ah, Lloyd, não os deixe convencê-lo a lhes dar um bônus. Não fizeram um bom trabalho. Adeus.

Ela desligou imensamente satisfeita. Se bem o conhecia, ele não iria esperar muito tempo para encontrar os mercenários e pagá-los. E já que o investigador se mostrara interessado na teoria de Sydney, duvidava que o encontro fosse ocorrer sem ser observado.

Ela apertou o botão do interfone.

— Janine, precisamos comer antes de começar a entrevistar as candidatas a secretária. Peça qualquer coisa que a *delicatessen* sugerir para hoje em dose dupla.

— Combinado. Já ia interfonar, Sydney. Sua mãe está aqui.

A pequena bolha de sucesso desceu-lhe pela garganta.

— Diga-lhe que estou... — Covarde. — Não, diga-lhe para entrar. — Mas respirou fundo, antes de se levantar e caminhar até a porta. — Mamãe.

— Sydney, querida. — Encantadora num traje de linho marfim e cheirando a Paris, entrou e beijou o rosto de Sydney. — Lamento tanto.

— Eu... O quê?

— Precisei esperar todo o fim de semana para entrar em contato com você e pedir desculpas. — Margerite respirou fundo, apertando a bolsa envelope. — Posso sentar?

— Claro. Desculpe. Gostaria de algo?

— Sim, de apagar por completo da minha vida aquela tarde de sexta-feira. — Sentada, Margerite lançou um olhar constrangido à filha. — Isto não é fácil para mim, Sydney. A verdade nua e crua é que fiquei com ciúmes.

— Mamãe...

— Não, por favor. — Margerite fez sinal para a filha se sentar na cadeira a seu lado. — Não é nada agradável ficar entalada, com este gosto de cabo de guarda-chuva na garganta. Espero que você me deixe engoli-lo de vez.

Tão constrangida quanto a mãe, Sydney sentou-se e segurou-lhe a mão.

— Não é necessário engolir nada. Vamos esquecer tudo.

Margerite meneou negativamente a cabeça.

— Espero ser adulta o suficiente para admitir meus fracassos. Gosto de acreditar que ainda sou uma mulher atraente e desejável.

— Você é.

Margerite sorriu por um breve instante.

— Mas certamente não admirável quando me vejo corroída de inveja ao constatar que um homem que eu esperava, digamos, encantar, encantou-se

com minha filha. Peço desculpas pelo meu comportamento e palavras. Pronto.
— disse de um só fôlego. — Você me perdoa?

— Claro que sim. E também peço desculpas por falar com você daquele jeito.

Margerite pegou um lenço de renda da bolsa e enxugou os olhos.

— Você me surpreendeu, tenho que admitir. Nunca vi você tão apaixonada por nada. Ele é um homem lindo, querida. Não vou dizer que aprovo o relacionamento entre vocês, mas posso certamente compreender. — Suspirou ao guardar o lenço na bolsa. — Sua felicidade é importante para mim, Sydney.

— Eu sei.

Os olhos ainda cintilavam quando olhou para a filha.

— Estou contente por termos dissipado as nuvens. E quero fazer algo para me redimir.

— Você não precisa fazer nada.

— Mas eu quero, de verdade. Jante comigo hoje.

Sydney pensou numa dúzia de coisas que precisava fazer, na refeição tranquila que planejava com Mikhail no final do dia. Depois, observou os olhos ansiosos da mãe.

— Eu adoraria.

— Que maravilha! — A primavera estava de volta quando Margerite ergueu-se. — Às oito da noite. No *Le Cirque*.

Deu um abraço animado e sincero em Sydney antes de sair.

Às oito da noite Sydney, que teria preferido um longo e solitário cochilo, saltou do carro, vestida num macacão de seda sem mangas azul-claro.

— O motorista de mamãe vai me levar para casa, Donald.

— Está certo, Srta. Hayward. Divirta-se.

— Obrigada.

O maître a reconheceu no momento em que entrou e, solícito, fez questão de conduzi-la à mesa. Quando atravessou o elegante restaurante repleto de gente animada e perfumes exóticos, imaginou Mikhail sentado em sua gasta bancada de trabalho com uma garrafa de cerveja e uma tigela de *goulash*.

Tentou não morrer de inveja. Quando viu a mãe — com Channing — numa mesa lateral, tentou não trincar os dentes.

— Você chegou, querida! — Segura de que a surpresa que lhe preparara era exatamente o que a filha precisava, Margerite não percebeu a declaração de guerra nos olhos de Sydney. — Não é adorável?

— Adorável. — A voz de Sydney soava absolutamente seca, quando Channing levantou-se para puxar sua cadeira. Nada disse quando ele se curvou para beijar-lhe o rosto.

— Você está linda hoje, Sydney.

A garrafa de champanhe já estava gelada e aberta. Ela esperou até lhe encherem a taça, mas o primeiro gole em nada ajudou a limpar a raiva da garganta.

— Mamãe não mencionou que você nos faria companhia hoje.

— Era a minha surpresa — Margerite borbulhou como o champanhe na taça. — Meu presentinho de confraternização. — Seguindo um sinal pré-estabelecido, colocou o guardanapo na mesa e se levantou. — Tenho certeza de que vocês dois me darão licença enquanto retoco a maquilagem.

Sabendo dispor de apenas quinze minutos para se incumbir de sua missão, Channing imediatamente tomou a mão de Sydney.

— Senti sua falta, querida. Tenho a impressão de terem se passado semanas desde que tive o privilégio de ter um momento a sós com você.

Com destreza, Sydney retirou a mão.

— Já se passaram semanas. Como tem passado, Channing?

— Desolado sem você. — Ele passou o dedo em seu braço desnudo. Ela realmente tinha a pele delicada. — Quando vamos parar de brincar, Sydney?

— Eu não tenho brincado. — Tomou um gole de champanhe. — Tenho trabalhado.

Um traço de aborrecimento enevoou-lhe os olhos, para desaparecer em seguida. Margerite tinha razão. Quando estivessem casados, ela ficaria muito ocupada com ele para se preocupar com a carreira. Era melhor ir direto ao ponto.

— Querida, a gente vem saindo há meses. E é claro, nos conhecemos há anos. Mas as coisas mudaram.

Ela encontrou-lhe os olhos.

— Sim, mudaram.

Encorajado, voltou a pegar-lhe a mão.

— Eu não quis apressá-la, mas acho que está na hora de dar o próximo passo. Eu gosto muito de você, Sydney. Eu a acho adorável, divertida, meiga.

— E conveniente — murmurou.

— Claro. Quero que seja minha esposa. — Ele tirou uma caixa do bolso e abriu a tampa para que o diamante redondo faiscasse à luz da vela.

— Channing...

— Ele me fez lembrar você — interrompeu. — Magnífico e elegante.

— É lindo, Channing — disse, cautelosa. E frio, pensou. Tão frio. — Lamento, mas não posso aceitá-lo. Ou você.

Primeiro veio o choque, depois uma corrente de contrariedade.

— Sydney, somos dois adultos. Não há motivo para timidez.

— O que estou tentando é ser honesta. — Mexeu-se na cadeira e, dessa vez, foi ela quem lhe segurou as mãos. — Não tenho palavras para dizer o quanto lamento por minha mãe ter levado você a crer que eu tenho outro tipo de sentimento em relação a você. Ao agir assim, ela nos colocou, a nós dois, numa posição constrangedora. Vamos ser sinceros, Channing. Você não me ama e eu não amo você.

Insultado, o rosto assumiu uma expressão desconcertada.

— Não posso me imaginar propondo casamento a alguém se não nutrisse tal sentimento.

— Você está me propondo casamento por me achar atraente, achar que eu seria uma excelente anfitriã e porque venho do mesmo círculo que você. Estas são razões para uma sociedade, não para um casamento. — Ela fechou a tampa e colocou a caixa da joia em suas mãos. — Eu daria uma péssima esposa, Channing, tenho certeza. E não tenho intenção de me tornar novamente uma.

Ele relaxou um pouco.

— Compreendo que ainda esteja um pouco magoada com o que aconteceu entre você e Peter.

— Não, você não compreende nada do que aconteceu entre Peter e eu. Para ser honesta, isso não tem nada a ver com o fato de não aceitar sua proposta. Eu não amo você, Channing, e estou muito apaixonada por outra pessoa.

De repente, a pele clara ficou vermelha.

— Então acho ainda mais insultante você fingir sentir afeição por mim.

— Eu sinto afeição por você — disse, em tom cansado. — Mas é só isso. Só me resta pedir desculpas se fracassei em deixar isso claro desde o início.

— Não acredito que baste um pedido de desculpas, Sydney. — Ergueu-se, empertigado. — Por favor, peça desculpas a sua mãe.

Reto como uma flecha, saiu, deixando Sydney sozinha, com uma sensação ao mesmo tempo de raiva e culpa. Cinco minutos depois, Margerite saiu, resplandecente, do toalete feminino.

— Bem, e então? — Inclinou-se, em tom conspiratório em direção à filha, feliz de ver que Channing tinha lhes proporcionado alguns minutos a sós. — Conte-me tudo.

— Channing foi embora, mamãe.

— Embora? — Os olhos brilhantes procuraram ao redor. — O que isso significa?

— Significa que ele foi embora furioso. Posso acrescentar que eu recusei sua proposta de casamento.

— Recusou? — Margerite piscou. — Você? Sydney, como pôde?

— Como pude? — A voz elevou-se e controlando-se, baixou-a até transformar-se num sussurro. — Como você pôde? Você planejou esta noite nos mínimos detalhes.

— É claro que sim. — Esgotada, Margerite fez sinal para o garçom se afastar e pegou a taça. — Há meses venho planejando unir você e Channing. E já que ficou óbvio que Mikhail tirou você de sua concha, a ocasião era perfeita. Channing é exatamente o que você precisa. Ele é um ótimo partido, sua família é estupenda, tem uma casa linda e uma posição excelente.

— Eu não o amo.

— Sydney, pelo amor de Deus, seja sensata!

— Nunca fui outra coisa e talvez esse tenha sido o problema. Acreditei em você quando veio me ver hoje de manhã. Acreditei que estava arrependida, que se importava comigo e que desejava algo além de palavras educadas entre nós.

Os olhos de Margerite marejaram.

— Tudo que disse hoje de manhã era verdade. Passei um fim de semana miserável, temendo tê-la afastado. Você é minha filha, eu me preocupo com você. Quero o melhor para você.

— Eu acredito — murmurou Sydney, de repente insuportavelmente exausta. — Mas você também acredita saber o que é melhor para mim. Não tenho intenção de magoá-la, mas finalmente compreendi que você nunca soube o que é melhor para mim. E devido à sua atitude hoje, me forçou a magoar Channing de um jeito que eu não pretendia.

Uma lágrima escorreu.

— Sydney, eu só pensei...

— Não pense por mim. — Ela também estava perigosamente próxima das lágrimas. — Nunca mais volte a pensar por mim. Eu deixei você fazer isso uma vez no passado e arruinei a vida de alguém.

— Eu não quero que você fique sozinha — soluçou Margerite. — É detestável ficar sozinha.

— Mamãe. — Embora temesse fragilizar-se muito, e muito em breve, pegou as mãos de Margerite. — Ouça, preste muito atenção. Eu amo você, mas não posso ser você. Preciso acreditar que podemos ter um relacionamento honesto, afetuoso. Vai levar tempo. Mas isso nunca vai acontecer a não ser que você tente me compreender, a não ser que respeite quem eu sou e não o que gostaria que eu fosse. Não posso me casar com Channing para agradar você. Não posso me casar com ninguém.

— Ah, Sydney.

— Há coisas que você não sabe. Coisas sobre as quais não quero falar. Mas, por favor, confie em mim. Eu sei o que estou fazendo. As últimas semanas foram as mais felizes de toda minha vida.

— Stanislaski — disse Margerite num suspiro.

— Sim, Stanislaski. E a Hayward — acrescentou. — E eu. Estou fazendo algo com a minha vida, mamãe. E isso faz toda a diferença. Agora vamos ajeitar nossa maquilagem e começar de novo.

Em sua bancada de trabalho, Mikhail poliu o busto de pau-rosa. Não tivera a intenção de ficar trabalhando até tão tarde, mas Sydney simplesmente emergira de suas mãos. Não havia jeito de explicar como se sentira ao fazê-la ganhar vida ali. Não se sentira poderoso, mas humilde. Basicamente não pensara. Embora os dedos estivessem doídos, prova de quanto tempo entalhara, lixara e polira, mal conseguia se lembrar da técnica usada.

As ferramentas não importavam, apenas o resultado. Agora ela estava ali com ele, linda, amada, viva. E ele sabia ser uma peça da qual nunca se separaria.

Inclinando-se, flexionou os ombros para aliviar a tensão. Tinha sido um dia exaustivamente comprido, começando antes do alvorecer. Fora obrigado a canalizar a raiva para providenciar a limpeza e o reparo dos piores danos. Agora que o ímpeto de completar o busto passara, estava morto de fadiga. Mas não queria ir para a cama. A cama vazia.

Como podia sentir tanta saudade dela após poucas horas? Por que se sentia como se um mundo os separasse, quando estava apenas do outro lado da cidade? Não ia passar outra noite sem ela, jurou a si mesmo levantando-se para movimentar um pouco as pernas. Ela teria que compreender. Ele a faria compreender. Uma mulher não tinha o direito de se tornar tão vital à existência de um homem e depois deixá-lo irrequieto e sozinho à meia-noite.

Passando a mão no cabelo, considerou as opções. Podia ir para a cama e tentar dormir. Podia telefonar para ela e se satisfazer com o som de sua voz. Ou podia ir à sua casa e bater na sua porta até ela deixá-lo entrar.

Ele riu, preferindo a terceira opção. Enfiando uma camisa, colocou-a para dentro da calça ao se dirigir para a porta. Sydney soltou uma exclamação de surpresa quando ele escancarou a porta no momento em que ela se preparava para bater.

Ah. Que instintos! Ela pressionou a mão em seu coração.

— Lamento ter vindo tão tarde, mas vi a luz acesa e então...

Ele não a deixou terminar. Puxou-a para dentro e a apertou até ela começar a se perguntar se não havia alguma costela partida.

— Eu estava indo à sua casa — murmurou.

— À minha casa? Eu acabo de sair do restaurante.

— Eu queria você. Eu queria... — Ele parou de falar e deu-lhe um tapa nas costas. — Já passa da meia-noite. Que ideia é essa de vir até aqui depois da meia-noite?

— Ah, por favor...

— Não é seguro para uma mulher sozinha.

— Eu estava perfeitamente segura.

Ele meneou a cabeça, segurando-lhe o queixo.

— Da próxima vez, me telefone. Eu vou buscar você. — Depois os olhos estreitaram-se. Olhos de artista, olhos de amante que enxergavam por baixo da maquilagem cuidadosamente refeita. — Você andou chorando.

Havia tanta fúria na acusação, que ela teve que rir.

— Não, não exatamente. Mamãe se tornou um pouco sentimental e aí foi uma reação em cadeia.

— Achei que vocês tinham feito as pazes.

— Fizemos. Pelo menos, acho que conseguimos chegar a um melhor entendimento.

Ele sorriu um pouco, contornando-lhe os lábios com o dedo.

— Ela não te aprova para a filha.

— Não é esse o problema. Receio que ela esteja um pouco deprimida. Seus planos explodiram-lhe no rosto hoje à noite.

— Você vai me contar.

— Vou. — Caminhou, com a intenção de se atirar na poltrona em péssimas condições. Então viu o busto. Lentamente, aproximou-se para estudá-lo. Quando falou, a voz era baixa e íntima. — Você tem um talento incrível.

— Esculpo o que vejo, o que sei, o que sinto.

— É assim que você me vê?

— É assim que você é. — Colocou as mãos de leve em seus ombros. — Para mim.

Então ela era maravilhosa para ele, refletiu Sydney. Tremia de entusiasmo e amor por ele.

— Eu nem mesmo posei para você.

— Mas você vai. — Ele passou os lábios em seus cabelos. — Agora conte pra mim.

— Quando encontrei mamãe no restaurante, Channing estava com ela.

Por cima da cabeça de Sydney, os olhos de Mikhail faiscaram perigosamente.

— O banqueiro com ternos de seda. Você o deixou beijá-la primeiro.

— Eu conheci ele antes de você. — Divertida, Sydney virou-se e viu ciúmes nos olhos. — E eu não deixei você me beijar, se bem me lembro. Você me beijou sem meu consentimento.

Ele beijou-a de novo, brutalmente.

— Você não vai deixá-lo beijá-la de novo.

— Não.

— Ótimo. — Ele levou-a até o sofá. — Então ele pode viver.

Com uma gargalhada, ela o abraçou e deitou a cabeça em seu ombro.

— Nada disso foi culpa dele, de verdade. Nem de minha mãe, tampouco. Foi mais uma questão de hábito e circunstância. Ela tinha planejado o jantar depois de persuadir Channing que a ocasião era propícia para ele me pedir em casamento.

— Pedir em casamento? — Mikhail virou-a para encará-la. — Ele quer casar com você?

— Não é bem assim. Ele achava que sim. Com certeza, não quer mais. — Ele empurrou-a para se levantar e começou a andar de um lado para o outro. — Não há motivo para ficar zangado — disse Sydney alisando o macacão. — Eu é quem fiquei numa situação complicada. Pelo jeito, duvido que ele volte a falar comigo.

— Se ele falar, eu vou cortar a língua dele. — Lentamente, Mikhail meditou, controlando a raiva. — Ninguém vai casar com você a não ser eu.

— Eu já expliquei — a voz sumiu quando um nó instalou-se em sua garganta. — Não há necessidade de chegar a tanto — conseguiu dizer ao levantar-se. — Já é tarde.

— Espere aí! — ordenou Mikhail e foi até o quarto. Quando voltou, carregando uma caixinha, o sangue de Sydney transformou-se em gelo. — Sente-se.

— Não, Mikhail, por favor...

— Então fique de pé. — Abriu a tampa da caixa revelando um anel de ouro trabalhado com uma pedra no centro em vermelho-vivo. — O avô do meu pai fez este anel para a mulher. Ele era ourives, então o anel é muito bem feito, embora a pedra seja pequena. Foi passado para mim porque sou o filho mais velho. Se não lhe agradar, posso comprar outro.

— Não, é lindo. Por favor, não, eu não posso. — Ela fechou os punhos por trás das costas. — Não me peça.

— Não estou pedindo — disse, impaciente. — Dê-me sua mão.

Ela deu um passo atrás.

— Não posso usar o anel. Não posso me casar com você.

Com um menear de cabeça, ele pegou-lhe a mão e enfiou-lhe o anel no dedo.

— Está vendo, você pode usar. Está largo demais, mas vamos mandar apertar.

— Não! — Ela o teria tirado, mas ele cobriu-lhe as mãos com as suas. — Eu não quero me casar com você.

Os dedos apertaram os dela e uma labareda lançou faíscas em seus olhos, mais reluzentes do que o brilho do rubi.

— Por quê?

— Eu não quero me casar — disse com o máximo de clareza possível. — Eu não quero estragar o que construímos juntos.

— O casamento não estraga o amor, ele o alimenta.

— Você não sabe — retrucou. — Nunca foi casado. Eu já. E não vou passar por tudo aquilo de novo.

— Então... — Esforçando-se por controlar o mau humor, ele girou nos calcanhares. — Então aquele seu marido magoou você, a fez infeliz e aí você acha que eu vou fazer o mesmo.

— Droga, eu o amava. — A voz falhou e ela cobriu o rosto com as mãos quando as lágrimas começaram a correr.

Despedaçado entre o ciúme e a infelicidade, ele a puxou para perto, murmurando palavras suaves enquanto lhe afagava o cabelo.

— Sinto muito.

— Você não entende.

— Faça-me entender. — Ele ergueu-lhe a cabeça para beijar as lágrimas.
— Sinto muito — repetiu. — Nunca mais vou gritar com você.

— Não é isso. — Ela deixou escapar um suspiro trêmulo. — Eu não quero magoar você. Por favor, esqueça isso.

— Não posso esquecer isso. Nem você. Eu amo você, Sydney. Preciso de você. Pelo resto de minha vida. Explique por que não pode me aceitar.

— Se tivesse alguém — começou apressada, depois balançou a cabeça, mesmo sem querer. — Mikhail, não posso pensar em casamento. A empresa Hayward é uma responsabilidade enorme e preciso concentrar-me em minha carreira.

— Isso é desculpa para esconder a verdadeira resposta.

— Está bem. — Envolvendo-se nos próprios braços, distanciou-se dele. — Acho que não posso lidar com o fracasso novamente e perder alguém que amo. O casamento muda as pessoas.

— Como mudou você.

— Eu amava Peter, Mikhail. Não do jeito que amo você, mas mais do que qualquer outra pessoa. Ele era meu melhor amigo. Nós crescemos juntos. Quando meus pais se divorciaram, ele era o único com quem eu podia conversar. Ele se preocupava de verdade comigo, com o que eu sentia, pensava, queria. Podíamos ficar sentados horas a fio na praia nos Hamptons olhando a água, trocando segredos.

Ela virou-se. Dizer tudo isto em voz alta trouxe a dor de volta.

— E vocês se apaixonaram.

— Não — disse, infeliz. — Nós apenas nos amávamos. Mal posso me lembrar de uma época de minha vida sem ele. E não posso me lembrar quando começaram a pensar que um dia nos casaríamos. Não que nós conversássemos

sobre isso. Mas todo mundo falava. Sydney e Peter, que casal adorável eles formam! Não é lindo ver como eles se dão bem? Imagino que depois de ouvirmos isso, repetidas vezes, começamos a acreditar. De qualquer forma, era o esperado e nós dois tínhamos sido criados para fazer o que esperavam de nós.

Ela limpou as lágrimas e caminhou perto das estantes.

— Você estava certo ao me dar aquela imagem da Cinderela. Eu sempre segui as regras. Esperavam que eu fosse para o colégio interno e tirasse notas altas. E eu obedeci. Esperavam que eu me comportasse bem, nunca mostrasse emoções inaceitáveis. E eu obedeci. Esperavam que eu me casasse com Peter. E eu obedeci.

Ela voltou-se.

— E lá estávamos nós, mal tínhamos completado 22 anos, uma idade aceitável para o casamento. Suponho que ambos achamos que daria certo. Afinal, nos conhecíamos desde sempre, gostávamos das mesmas coisas, compreendíamos um ao outro. Amávamos um ao outro. Mas não deu certo. Praticamente desde o início. Desde a lua-de-mel na Grécia. Nós dois adoramos o país. E ambos fingimos que a parte física do casamento funcionava. É claro! Era tudo, menos boa, e quanto mais fingíamos, mais nos distanciávamos. Nos mudamos para Nova York para que ele pudesse assumir um cargo nos negócios da família. Eu decorei a casa, dei festas. E me apavorei ao ver casamento ir por água abaixo.

— Foi um erro — disse Mikhail, suavemente.

— Sim, foi. Um erro que cometi e pelo qual fui responsável. Perdi meu melhor amigo e antes de tudo acabar, nada restara do amor. Só sobraram discussões e acusações. Eu era frígida. Por que ele não havia procurado alguém um pouco mais afetuosa? Mas mantivemos as aparências. Isso era o esperado. Quando nos divorciamos, tudo foi feito de maneira muito fria, muito controlada, muito civilizada. Eu não podia ser uma esposa para ele, Mikhail.

— Não é assim conosco. — Ele aproximou-se.

— Não, não é. E eu não vou deixar ser.

— Você está magoada por causa de algo que aconteceu com você, não por algo que você fez. — Ele pegou-lhe o rosto nas mãos, quando ela balançou a cabeça. — Você precisa esquecer o que passou e confiar no que temos. Vou dar-lhe tempo.

— Não. — Desesperada, agarrou-lhe os punhos. — Você não vê que é a mesma coisa? Você me ama, então espera que eu me case com você, pois é isso que você quer, que julga melhor.

— Melhor não — disse, sacudindo-a de leve. — Certo. Eu preciso dividir minha vida com você. Quero viver com você, ter filhos com você. Vê-los crescer. Há uma família dentro de nós, Sydney.

Ela desvencilhou-se. Ele não iria ouvir, refletiu. Não compreenderia.

— Casamento e família não fazem parte de meus planos — disse, subitamente fria. — Você precisa aceitar.

— Aceitar? Você me ama. Sou bom o suficiente para você me amar. Bom o suficiente para levá-la para a cama, mas não para mudar seus planos. É tudo porque uma vez você seguiu as regras, em vez de seguir seu coração.

— O que estou seguindo agora é o bom senso. — Passou por ele dirigindo-se à porta. — Lamento. Não posso lhe dar o que você quer.

— Você não vai para casa sozinha.

— Acho que é melhor ir embora.

— Se quer embora, pode ir. — Escancarou a porta. — Mas eu levo você.

Só após rolar na cama chorosa e nervosa, percebeu que ainda usava o anel.

CAPÍTULO DOZE

Não que ela tivesse se atolado de trabalho nos dois dias seguintes, foi o trabalho que a atolou. Sydney só esperava que isso a ajudasse. Supostamente, manter-se ocupada era bom para o estado de espírito. Então por que o desânimo estampava-se em seu rosto?

Fechou o maior negócio de sua carreira na Hayward, contratou uma nova secretária para tirar dos ombros de Janine as tarefas administrativas, e presidiu uma reunião com todos os funcionários. As ações da Hayward haviam subido três pontos nos últimos dez dias. O Conselho mostrava-se empolgado com ela.

E ela se sentia infeliz.

— Um policial, Stanislaski, na linha dois, Srta. Hayward. — informou a nova secretária no interfone.

— Stan... Ah! — A animação foi às alturas e depois desabou. Policial. — Sim, vou atender. Obrigada. — Sydney colou um sorriso no rosto para sua própria tranquilidade. — Alex!

— Oi, moça linda. Achei que gostaria de ser a primeira a saber. Trouxeram seu antigo camarada, Lloyd Bingham, para interrogatório.

O sorriso desapareceu.

— Entendo.

— O investigador da companhia de seguros aceitou seu conselho e o manteve sob vigilância. Ele encontrou dois caras da pesada ontem e lhes deu uma grana. Assim que eles foram pegos, deram todo o serviço.

— Então Lloyd contratou alguém para destruir o prédio.

— Foi o que disseram. Acho que ele não vai lhe causar nenhum aborrecimento por um tempo.

— Fico feliz em saber.

— Você foi bastante esperta, atingiu o alvo. Cérebro e beleza — comentou com um suspiro que quase a fez voltar a sorrir. — Por que não vamos para a

Jamaica por uns dias e deixamos Mikhail louco?

— Acho que ele já está louco o suficiente.

— Ei, ele está atazanando sua vida? Venha para o tio Alex. — Quando ela não respondeu, o tom brincalhão sumiu de sua voz. — Não se preocupe com Mik, Sydney. Ele tem um gênio difícil, só isso. É um artista, mas é louco por você.

— Eu sei. — Os dedos remexeram os arquivos na mesa. — Por que não liga para ele pra contar as novidades?

— Claro. Algo mais que você queira que eu conte a ele?

— Diga a ele... Não — decidiu. — Não, eu já disse tudo. Obrigada por ligar, Alex.

— Não tem de quê. Não se esqueça de me procurar, caso mude de ideia quanto à Jamaica.

Ela desligou, desejando sentir-se tão jovial, tão feliz, tão descontraída quanto Alex. Mas Alex não estava apaixonado. E não cavara um fosso para enterrar os próprios sonhos.

Fora isso que fizera?, pensou, afastando-se da escrivaninha. Sabotara suas próprias aspirações? Não, impedira que ela e o homem que amava cometessem um erro. Nem sempre casamento era a resposta. Ela servia de exemplo. E a mãe também. Quando Mikhail esfriasse a cabeça, aceitaria seus argumentos e continuariam juntos como antes.

A quem tentava enganar? Ele era muito teimoso, muito cabeça-dura, muito seguro de que seu modo de agir era o correto para voltar atrás.

E se ele não dissesse mais nada? Ou, pior, se já lhe tivesse dito tudo? O que faria? Pegando um clipe, começou a torcê-lo andando de um lado para outro do escritório. Se fosse uma questão de abrir mão dele e perdê-lo ou de ceder e se arriscar a perdê-lo...

Meu Deus, precisava conversar com alguém. Já que não podia ser com Mikhail, sobravam poucas opções. No passado, discutia todos seus problemas com Peter, mas isso foi...

E ia parou, rachando o metal deformado nos dedos. Talvez fosse essa a fonte do problema. Talvez — quem sabe? — a solução.

Sem dar a si mesma tempo para refletir, saiu correndo da sala e entrou na de Janine.

— Preciso sair da cidade por uns dois dias — disse, sem preâmbulos.

Janine já começava a se levantar da cadeira.

— Mas...

— Eu sei que é repentino e inoportuno, mas está decidido. Não há nada vital pendente no momento, logo você será capaz de resolver o que for preciso. Se não puder, então vai ter que esperar.

— Sydney, você tem três reuniões amanhã.

— Você participará no meu lugar. Tem os arquivos, sabe minha opinião. Assim que eu chegar ao lugar para onde estou indo, telefono.

— Mas Sydney — Janine apressou-se em direção à porta, quando Sydney passou. — Aonde está indo?

— Ver um velho amigo.

Menos de uma hora depois de Sydney ter saído às pressas, Mikhail adentrou o escritório. Tivera que fazê-lo. Dera à mulher dois dias para cair na real, e ela ultrapassara o tempo regulamentar. Teriam que resolver o assunto e sem demora.

Cumprimentou a nova secretária com um aceno curto e abriu a porta de Sydney.

— Por favor, senhor.

Mikhail girou, fitando a mulher desconsolada.

— Onde diabos ela está?

— A Srta. Hayward não está no escritório — disse, educadamente — Receio que o senhor terá que...

— Se não está aqui, onde está?

— Eu cuido disso, Carla — murmurou Janine da porta.

— Sim, senhora. — Carla saiu rápido, aliviada.

— A Srta. Hayward não está aqui, Sr. Stanislaski. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Dizer onde ela está.

— Lamento não poder ajudá-lo. — O olhar dele a fez recuar um passo. — Só sei que saiu da cidade por um ou dois dias. Foi embora de repente e não me disse aonde ia.

— Saiu da cidade? — Primeiro olhou, com expressão raivosa, a escrivaninha vazia; depois, Janine. — Ela não abandona o trabalho desse jeito.

— Eu admito ser estranho. Mas tive a impressão de ser importante. Tenho certeza de que ligará. E terei o maior prazer em dar seu recado.

Ele disse algo curto e áspero em ucraniano e saiu porta afora.

— Acho melhor o senhor mesmo dizer isso a ela — murmurou Janine para a sala vazia.

Vinte e quatro horas depois de deixar o escritório, Sydney encontrou-se numa calçada escura em Georgetown, Washington D.C. A precipitada onda de adrenalina a conduziu até ali, longe o suficiente para olhar a casa onde Peter morava, após o divórcio.

A partida impulsiva para o aeroporto e o voo rápido de uma cidade a outra tinham sido simples. Mesmo o telefonema, solicitando uma hora do tempo de Peter, não fora tão difícil. Mas esse último passo era quase impossível.

Há três anos não o via e, da última vez, fora em lados opostos de uma larga mesa, no escritório do advogado. Civilizado. Céus, sim, agiram muito civilizadamente. Como estranhos.

Era tolice, ridículo, tentar escapar pela tangente. Falar com Peter não mudaria nada. Nada mudaria nada. Não obstante, subiu as escadas até o alpendre de uma adorável casa antiga, levantou a aldrava de ferro e bateu à porta.

Ele mesmo atendeu. Não mudara nada e ela quase atirou os braços em seu pescoço, como teria feito no passado. Ele era alto e esbelto, vestido de modo casual, mas elegante, em calças cáqui e camisa de linho, o cabelo castanho despenteado de forma atraente. Mas os olhos verdes não se iluminaram de prazer. Pelo contrário, permaneceram firmes e frios.

— Sydney — disse, afastando-se para deixá-la entrar. O vestibulo, arrumado e iluminado, era um exemplo sutil, pela mobília e obras de arte, do bom gosto de fortunas antigas.

— Aprecio ter me recebido, Peter.

— Você disse que era importante.

— Para mim é.

— Bem, então. — Nada mais tendo a dizer, conduziu-a pelo salão a uma sala de estar. Como duas pessoas educadas, ela fez comentários gentis sobre a casa e ele agradeceu, convidando-a a sentar-se e beber algo.

— Então, está gostando de Washington?

— Muito. — Tomou um gole de vinho enquanto ela girava a taça na mão, sem parar. Estava nervosa. Ele a conhecia bem demais para reconhecer os sinais. Estava adorável como sempre. Doía. Odiava o fato de sentir dor só de olhar para ela. E a melhor maneira para superá-la era ir direto ao ponto.

— O que posso fazer por você, Sydney?

Estranhos, pensou novamente ao abaixar a cabeça e olhar a taça. Conheciam-se desde crianças, foram casados por quase três anos e eram estranhos.

— É difícil saber por onde começar.

Ele inclinou-se na poltrona e fez um gesto com a mão.

— Escolha um tema.

— Peter, por que você se casou comigo?

— O que foi que disse?

— Quero saber por que se casou comigo.

Definitivamente não era o que esperava. Mexendo-se desconfortável, tomou outro gole.

— Pelos motivos de praxe, suponho.

— Você me amava?

Os olhos brilharam.

— Você sabe que eu amava você.

— Sei que nos amávamos. Você era meu amigo. — Ela apertou os lábios.

— Meu melhor amigo.

Ele levantou-se para servir mais vinho.

— Éramos crianças.

— Não quando nos casamos. Éramos jovens, mas não crianças. E ainda éramos amigos. Não sei como tudo deu tão errado, Peter, ou por que eu arruinei tudo tão completamente, mas...

— Você? — Ele a fitou, a garrafa numa das mãos, a taça na outra. — O que quer dizer com você ter arruinado tudo?

— Eu o fiz infeliz, miseravelmente infeliz. Sei que fracassei na cama e isso acabou afetando todo o resto, até você não suportar me ter por perto.

— Você não queria que a tocasse — retrucou. — Droga, era o mesmo que fazer amor com...

— Um iceberg — ela completou, sem rodeios. — Era o que você dizia.

Lutando contra a culpa, ele repousou a taça.

— Eu disse um monte de coisas e você também. Achava ter superado quase tudo, até ouvir sua voz hoje à tarde.

— Sinto muito. — Ela levantou-se, o corpo e a voz inflexíveis para compensar o orgulho ferido. — Só tornei tudo pior vindo aqui. Sinto muito, Peter. Vou embora.

— Era como fazer amor com a minha irmã. — As palavras saíram e a congelaram antes que ela atravessasse a sala. Com minha camarada. Droga, Sydney, eu não podia... — Voltou a sentir a humilhação. — Eu nunca consegui superar isso e transformá-la, bem, em minha mulher. Isso me castrava. E eu descontei em você.

— Achei que você me odiava.

Ele colocou a garrafa com força na mesa.

— Era mais fácil tentar odiar você a admitir que eu não conseguia deixar nenhum de nós dois excitados. Isso era inadmissível.

— Mas eu era... — Frustrada, deu um passo em direção a ele. — Eu sei que não servia pra nada na cama. Antes de você me dizer, eu já sabia. E você precisava procurar em outro lugar o que eu não podia lhe dar.

— Eu traí você. Menti e traí minha melhor amiga. Odiava o modo como você começou a me olhar, o modo como comecei a me olhar. Então, precisei provar minha masculinidade em outro lugar e magoei você. Quando você descobriu, agi como a maioria dos homens e culpei você. Puxa, Sydney, nós mal nos falávamos nessa época. Exceto em público.

— Eu sei. E me lembro agora de como reagi, das coisas odiosas que disse. Deixei que o orgulho me fizesse perder um amigo.

— Eu também perdi uma amiga. Nunca me arrependi tanto. — Ele encontrou dificuldade em ir até onde ela estava e pegar-lhe a mão. — Você não arruinou nada, Syd. Pelo menos, não sozinha.

— Eu preciso de um amigo, Peter. Preciso desesperadamente de um amigo.

Ele afastou uma lágrima com o polegar.

— Quer me dar outra chance? — Sorrindo, pegou o lenço. — Tome. Assoe o nariz e sente-se.

Ela o fez, segurando-lhe a mão.

— Foi esse o único motivo para não dar certo? Porque não conseguimos fazer funcionar na cama?

— Esse foi o principal. Além disso, éramos muito parecidos. É muito fácil para nós dois nos escondermos atrás da educação e deixar uma ferida sangrar até secar. Droga, Syd, o que estávamos fazendo ao nos casarmos?

— O que todos nos diziam para fazer.

— Você disse tudo.

Confortada, colocou-lhe a mão ao rosto.

— Você está feliz, Peter?

— Estou chegando lá. E você, presidente Hayward?

Ela riu.

— Ficou surpreso?

— Pasmado. E tão orgulhoso de você.

— Não fique. Vai me fazer chorar de novo.

— Tenho uma ideia melhor. — Beijou-lhe a testa. — Venha até a cozinha. Vou preparar um sanduíche para nós dois e você pode me contar o que tem feito, além de grandes negócios, é claro!

Foi quase fácil. Havia um estranhamento, pequenas doses de cautela, mas o laço que os unira no passado esticava em vez de partir. Devagar, cuidadosamente, eles afrouxavam-lhe a tensão. Enquanto comiam pão de centeio e tomavam café, ela tentou contar-lhe o resto.

— Você já se apaixonou, Peter?

— Marsha Rosenbloom.

— Mas isso foi quando tínhamos 14 anos.

— E ela já tinha usado seu primeiro sutiã — disse ele com a boca cheia. — Eu estava perdidamente apaixonado. — Depois sorriu para ela. — Não, eu escapei dessa loucura em particular.

— Se estivesse apaixonado, caso descobrisse estar apaixonado por alguém, você consideraria voltar a se casar?

— Não sei. Gostaria de pensar que obteria mais sucesso da próxima vez, mas não sei. Quem é ele?

Encurralada, serviu-se de mais café.

— E um artista. Um carpinteiro.

— Qual das duas coisas?

— Ambas. Ele esculpe e constrói. Eu o conheço há pouco tempo, desde junho.

— Indo rápido, né Sydney?

— Eu sei. Isso é parte do problema. Tudo se move rápido com Mikhail. Ele é tão ousado, seguro e apaixonado. Como seu trabalho, suponho.

Quando dois e dois começaram a fazer quatro, as sobrancelhas ergueram-se de supetão.

— O russo?

— Ucraniano — corrigiu-o, automaticamente.

— Meu Deus do céu! Stanislaski, certo? Tem uma obra dele na Casa Branca.

— É mesmo? — Ela deu um sorriso confuso. — Nunca mencionou. Ele me levou para conhecer a família dele, uma família maravilhosa, mas não me contou que tinha uma obra na Casa Branca. O que demonstra quais são suas prioridades.

— E você está apaixonada por ele.

— Estou. Ele quer se casar comigo. — Ela balançou a cabeça. — Recebi duas propostas de casamento na mesma noite. Uma de Mikhail e outra de Channing Warfield.

— Céus, Sydney, Channing não. Ele não faz seu tipo.

Ela empurrou o café de lado para curvar-se e chegar mais perto.

— Por quê?

— Em primeiro lugar, não tem praticamente nenhum senso de humor. Ele a deixaria entediada. A única coisa que entende dos negócios do papai é levar os clientes para almoçar. E seu único e verdadeiro amor é o alfaiate.

Ela sorriu com vontade.

— Senti saudades de você, Peter.

Ele voltou a pegar-lhe a mão.

— E o seu grande e ousado artista?

— Ele não tem alfaiate nem leva clientes para almoçar. E me faz rir, Peter. Eu não suportaria me casar com ele e não dar certo de novo.

— Não posso lhe dizer o que é certo. Mas, se eu fosse você, não ouviria nenhum conselho bem-intencionado desta vez.

— Mas você pode me dar um de qualquer jeito?

— Está bem, vou lhe dar um de qualquer jeito — concordou e sentiu o peso dos anos evaporarem. — Não julgue o que quer que tenha com ele tomando como base a confusão em que nos metemos. Apenas se faça algumas perguntas. Ele a faz feliz? Você confia nele? Como imagina sua vida com ele? Como a imagina sem ele?

— E quando eu tiver as respostas?

— Você saberá o que fazer. — Beijou a mão entrelaçada na sua. — Eu amo você, Sydney.

— Eu também amo você.

Resposta às perguntas, meditou apertando o botão do elevador no prédio de Mikhail. Vinte e quatro horas haviam se passado desde que Peter as listara, mas ela não se permitira pensar a respeito. Na verdade, não foi preciso, corrigiu-se ao entrar no elevador. Já conhecia as respostas.

Ele a fazia feliz? Sim, extremamente feliz.

Confiava nele? Sem reservas.

Sua vida com ele? Uma montanha-russa de emoções, exigências, discussões, risadas, frustração. Sem ele? Vazia.

Simplesmente não conseguia imaginar a vida sem ele. Ela teria seu trabalho, sua rotina, suas ambições. Não, nunca mais deixaria de ter um objetivo. Mas sem ele, tudo seria previsível.

Então, sabia o que fazer. Se não fosse tarde demais.

Sentiu um cheiro de pó de gesso acartonado no corredor ao saltar do elevador. Olhou para cima e viu que o teto fora substituído, as frestas tapadas, acimentadas e lixadas. Tudo que faltava era a pintura e o acabamento.

Ele tinha trabalhado bem, refletiu, passando a mão pela parede. E em pouco tempo ele pegara um prédio velho e abandonado e o transformado em algo sólido e de boa qualidade. Ainda havia trabalho a ser feito, semanas antes de o último prego ser pregado. Mas a obra que ele fizera ia durar.

Pressionando a mão no ventre, bateu na porta. E esperou.

Nenhum som no apartamento. Nenhum ruído de música, nenhum bater seco das botas de trabalho na madeira. Com certeza, ele ainda não tinha ido dormir, disse a si mesma. Ainda não eram dez da noite. Voltou a bater mais alto e ficou em dúvida se deveria gritar seu nome.

Uma porta abriu — não a dele e sim a do final do corredor. Keely colocou a cabeça para fora. Depois de uma rápida olhada em Sydney, a simpatia desapareceu de seu rosto.

— Ele não está — disse. A voz aveludada tornara-se fria. Keely não conhecia os detalhes, mas estava certa de uma coisa. Esta era a mulher que colocara Mikhail num péssimo humor nos últimos dias.

— Puxa! — As mãos de Sydney penderam ao lado do corpo. — Você sabe onde ele está?

— Saiu. — Keely esforçou-se por não notar que os olhos de Sydney também estavam tristes.

— Obrigada. — Sydney fez um esforço enorme para não desmoronar. — Eu vou esperar.

— Fique à vontade — disse, dando de ombros. Que lhe importava se a mulher estava obviamente apaixonada? Esta era a mulher que magoara seu amigo. Como artista, Keely se orgulhava por reconhecer o estado de ânimo por trás dos gestos. Mikhail podia ter demonstrado raiva nos últimos dias mas, por baixo da irritabilidade, escondia uma mágoa sofrida. E ela fora a responsável. Que importava se ela também estava sofrendo?

É claro que importava. Em seu peito batia um coração sentimental.

— Ouça, na certa ele não vai demorar. Quer tomar alguma coisa?

— Não, obrigada. Estou bem. Como estão as obras no apartamento?

O forno novo funciona às mil maravilhas. — Incapaz de não ser gentil, Keely apoiou-se no batente da porta. — Ainda tem uma coisinha ou outra a ser feita, principalmente com os estragos causados por aqueles idiotas. — Ela animou-se. — Ei, sabia que eles prenderam um cara?

— Sabia. — Janine lhe contara sobre a prisão de Lloyd quando ela telefonara. — Lamento. Ele só estava tentando me dar o troco.

— Você não tem culpa de o cara ser um imbecil. De qualquer forma, eles já drenaram a água e Mik fez uma mistura para tirar os rabiscos dos tijolos. Eles tiveram que arrancar o teto do apartamento do andar de baixo. E o piso soltou todo. — Ela voltou a dar de ombros. — Você conhece Mik. Ele vai consertar tudo.

Sim, conhecia Mik.

— Você sabe me dizer se as coisas da Sra. Wolburg ficaram muito danificadas?

— Os tapetes só servem para o lixo. Um montão de coisas encharcadas, mas vão secar. — Sentindo-se mais à vontade, Keely mordeu a banana que escondera atrás das costas. — O neto dela esteve aqui. Ela está bem melhor. Já consegue usar o andador e tudo mais e já está reclamando que quer voltar para casa. Estamos planejando uma festa de boas-vindas para ela no mês que vem. Você quer vir?

— Eu... — Ambas se voltaram ao ouvir o barulho do elevador.

As portas abriram e vozes altas numa música folclórica ucraniana se fizeram ouvir, antes dos dois homens aparecerem. Ambos um tanto ou quanto bêbados, um bocado sujos e do jeito como se apoiavam um no outro, impossível dizer quem apoiava quem. Sydney foi a primeira a notar o sangue espalhado na camiseta branca de Mikhail, obviamente resultado dos cortes no lábio e no supercílio.

— Meu Deus!

O som de sua voz fez a cabeça de Mikhail girar como a de um lobo. O sorriso transformou-se numa expressão grosseira quando ele e o irmão pararam cambaleantes.

— O que você quer? — As palavras enroladas devido à vodka não eram nada amigáveis.

— O que aconteceu com você? — Ela correu em direção a eles. — Foi um acidente?

— Ei, moça bonita — Alex sorriu, charmoso, embora o olho esquerdo estivesse inchado com ferimentos e quase completamente fechado. — Fizemos uma farra e tanto. Você devia ter comparecido, certo, mano?

Mikhail respondeu dando-lhe um soco brincalhão no estômago. Sydney compreendeu ser um gesto afetuosos quando Mikhail voltou-se e prendeu o irmão num abraço de urso, beijando-lhe as duas bochechas.

Enquanto Mikhail procurava as chaves nos bolsos, Sydney voltou-se para Alex.

— O que aconteceu? Quem fez isso com vocês?

— Fez o quê? — Ele tentou piscar para Keely, sem êxito. — Ah, isto? — Tocou o olho com os dedos fortes e sorriu. — Ele sempre teve uma esquerda traiçoeira. — Fitou o irmão com admiração, enquanto Mikhail tentava enfiar o que parecia uma chave muito pequena numa fechadura menor ainda. — Dei alguns golpes dos bons quando ele baixou a guarda. Não o teria atingido se ele não estivesse bêbado. Mas eu também estava bêbado. — Caminhou em direção à porta de Keely. — Ei, Keely, minha deusa de cabelos dourados, tem um bife cru?

— Não. — Mas sentindo ternura pelo brutamonte, pegou-lhe o braço. — Vamos, campeão, vou colocar você num táxi.

— Vamos sair para dançar — sugeriu, ao passo que ela o guiava rumo ao elevador. — Gosta de dançar?

— Vivo para dançar. — Olhou por cima do ombro, empurrando-o para dentro do elevador. — Boa sorte! — disse a Sydney.

Ela ia precisar, decretou, enquanto seguia Mikhail depois que ele conseguiu abrir a porta do apartamento. Empurrou a porta, quase atingindo seu nariz, mas seus reflexos eram melhores que os dele no momento.

— Você andou brigando com seu irmão — acusou-o.

— E daí? — Ele sentiu vergonha, uma maldita vergonha, por ficar sóbrio tão rápido diante da simples visão de Sydney. — Você preferia que eu brigasse com estranhos?

— Ah, sente-se. — Aproveitando a vantagem provisória, empurrou-o numa cadeira. Foi até o banheiro, resmungando consigo mesma. Ao voltar com um pano úmido e antisséptico, ele já tinha se levantado e curvava-se na janela, tentando clarear a mente.

— Está enjoado?

Ele colocou a cabeça para dentro e virou-se, o rosto machucado demonstrando desdém.

— Os Stanislaski não ficam enjoados com vodka. — Talvez um pouco, pensou, quando à vodca somaram-se dois sólidos golpes de direita no intestino. Depois sorriu. O irmão caçula tinha um murro e tanto!

— Só bêbado então — disse com exatidão e apontou a cadeira. — Sente-se. Vou limpar seu rosto.

— Não preciso de enfermeira. — Mas sentou-se, porque se sentia melhor assim.

— Você precisa é de um carcereiro. — Curvando-se, começou a limpar o corte no supercílio enquanto ele tentava resistir à vontade de recostar o rosto no colo macio. — Sair, se embriagar, bater no irmão. Por que fez uma coisa tão estúpida?

Ele a olhou de cara feia.

— Foi bom.

— Ah, tenho certeza de que deve ser maravilhoso levar um soco no olho.
— Ela inclinou-lhe a cabeça para tratar do ferimento. O olho amanheceria dramaticamente roxo.

— Não posso imaginar o que sua mãe diria se soubesse.

— Ela não diria nada. Ia bater em nós dois. — Ele gemeu quando ela passou o antisséptico. — Mesmo quando ele começa, ela bate nos dois. — Tremeu de indignação. — Dá pra entender?

— Estou certa de que vocês dois mereciam. Patético! — murmurou, depois olhou as mãos dele. — Idiota! — Os nós dos dedos estavam feridos, sem pele. — Você é um artista, droga! Não pode ferir as mãos.

Era tão bom, incrivelmente bom, sentir o toque e ouvir a bronca. A qualquer minuto ele a colocaria no colo e imploraria.

— Faço o que quiser com minhas mãos — respondeu. E pensou no que gostaria de estar fazendo com elas no momento.

— Você faz o que bem entende e ponto final — retrucou, carinhosamente, limpando-lhe as articulações dos dedos. — Grita com as pessoas, esmurra. Bebe até parecer que você está dentro de uma garrafa de vodca.

Não estava bêbado a ponto de não ter consciência de estar sendo insultado. Afastando-a de lado, levantou-se, cambaleou um pouco e desapareceu no aposento ao lado. Um momento depois, ouviu o som do chuveiro.

Não fora isso que planejara, pensou Sydney, retorcendo o pano nas mãos. Pensara em vir ao seu encontro, dizer o quanto o amava, pedir para perdoá-la por ser uma tola. E ele deveria mostrar-se gentil e compreensivo, pegá-la nos braços dizendo que ela o fizera o homem mais feliz do mundo.

Em vez disso, ele estava bêbado e imundo. E ela tinha sido grosseira e crítica.

Bem, ele merecia. Sem pensar duas vezes, atirou o pano em direção à cozinha, que bateu contra a parede e caiu dentro da pia. Ela olhou o pano por um segundo e depois baixou os olhos para as próprias mãos.

Ela atirara algo. E a sensação fora incrível. Olhando ao redor, viu um livro de bolso e o mandou pelos ares. Um copo de plástico fez um barulho engraçado ao bater na parede, mas ela teria preferido o estilhaçar de um copo. Agarrando um tênis velho, preparou-se para arremessá-lo também. Um som na porta a fez virar-se e redirecionar o alvo, atirando-o direto no peito úmido e nu de Mikhail. Ele urrou de dor.

— O que você está fazendo?

— Atirando coisas. — Ela pegou o outro pé do sapato e o mandou pelos ares. Desta vez, ele conseguiu pegá-lo antes de ser atingido.

— Você me deixa, vai embora sem uma palavra e volta atirando coisas?

— Exatamente.

Os olhos apertados, ele testou o peso do tênis que segurava. Era tentador, muito tentador ver se conseguia atingir a ponta daquele queixo petulante. Soltando um palavrão, largou-o. Por mais que ela merecesse, não ia bater numa mulher.

— Aonde você foi?

Ela jogou a cabeça para trás.

— Fui ver Peter.

Ele enfiou as mãos machucadas nos bolsos do jeans que vestira.

— Você me deixa para encontrar outro homem e depois volta para atirar sapatos na minha cabeça? Quero um bom motivo para não atirá-la pela janela e terminar logo com esta palhaçada.

— Era importante encontrá-lo, conversar com ele. E eu...

— Você me magoa — confessou. As palavras queimaram-lhe a língua. Odiava admiti-lo. — Você acha que eu me importo em levar um soco na cara? Você já havia destruído meu coração. Posso lidar com isso — disse, encostando as costas da mão no lábio cortado. — O que você faz dentro de mim me deixa indefeso. E eu odeio isso.

— Desculpe. — Ela deu um passo em sua direção, mas percebeu que ainda não era bem-vinda. — Eu tinha medo de magoar você ainda mais se

tentasse dar o que você queria. Mikhail, ouça, por favor. Peter foi a única pessoa que se preocupou comigo. Comigo. Meus pais... — Só conseguiu balançar a cabeça. — Eles não são como os seus. Queriam o melhor para mim, tenho certeza, mas a maneira de demonstrá-lo era contratando babás, comprando roupas bonitas e me mandando para o melhor colégio interno. Você não faz ideia de como eu era solitária. — Impaciente, esfregou os dedos nos olhos para secá-los. — Eu só tinha Peter e depois o perdi. O que sinto por você é tão, tão mais forte, que não sei o que faria se perdesse você.

Ele suavizou-se. Ela exercia o mesmo poder sobre ele. Não importa o quanto tivesse tentado endurecer o coração, ela podia amolecê-lo.

— Você me deixou, Sydney. Não me perdeu.

— Precisava ver Peter. Eu o magoei terrivelmente, Mikhail. Estava convencida de ter arruinado o casamento, a amizade, o amor. O que aconteceria se eu fizesse o mesmo conosco? — Com um suspiro, caminhou até a janela. — O engraçado é que ele carregava a mesma culpa, o mesmo remorso, os mesmos medos. Conversar com ele, retomar a amizade, fez toda a diferença.

— Não estou zangado por você ter conversado com ele, mas por ter ido embora. Tive medo de que não voltasse.

Ela deu as costas para a janela.

— Parei de fugir. Só fui embora porque esperava poder voltar para você. Voltar de verdade.

Ele a olhou dentro dos olhos, tentando ver o que se passava.

— E você voltou?

— Sim — Soltou um suspiro trêmulo. — Todas as respostas são sim. Entramos neste prédio uma vez e eu pude ouvir as vozes, todos os sons atrás das portas. Os aromas, o riso. Invejei você por fazer parte deste mundo. Eu preciso fazer parte de algo. Quero ter a chance de pertencer a algo. Ter a família que você disse estar dentro de nós.

Ela estendeu a mão, puxando uma corrente em volta do pescoço. Na ponta, o pequeno rubi brilhou como uma chama.

Emocionado, ele atravessou a sala para pegar o anel na mão.

Você o está usando — murmurou.

— Fiquei com medo de usá-lo no dedo, perdê-lo. Preciso que você me diga se ainda quer que eu o use.

Os olhos dele voltaram a encontrar os seus, fitaram-se. Mesmo enquanto tocava suavemente os lábios nos dela, ele a olhava.

— Eu não pedi você direito da primeira vez.

— Eu não respondi direito da primeira vez. — Pegou-lhe o rosto nas mãos para voltar a beijá-lo, para sentir novamente. — Você foi perfeito.

— Eu fui deselegante. Estava zangado porque aquele banqueiro pediu você em casamento antes de mim.

Com os olhos úmidos, ela sorriu.

— Que banqueiro? Não conheço banqueiro nenhum.

Soltando o cordão de seu pescoço, ele o colocou de lado.

— Não foi assim que eu planejei. Não tinha música.

— Eu ouço música.

— Nenhuma palavra doce, nenhuma iluminação bonita, nenhuma flor.

— Tem a lua. E ainda tenho a primeira rosa que você me deu.

Emocionado, ele beijou-lhe as mãos.

— Eu disse apenas o que queria, não o que lhe daria. Você é dona de meu coração, Sydney. Enquanto ele bater. Minha vida é sua. — Enfiou-lhe o anel no dedo. — Você quer ser minha?

Ela dobrou os dedos para manter o anel no lugar.

— Eu já sou.

Fim